



**JONAS CADORIN**

**GENTE IN MUTAMENTO**

**O processo de produção identitária em Nova Trento: 1875 – 2003**

**UNIVERSIDADE DO VALE DO ITAJAI**

**2003**

**UNIVERSIDADE DO VALE DO ITAJAI - UNIVALI**

**Centro de Educação de Ciências Humanas e da Comunicação- CEHCOM**

**Curso de Pós-graduação *Stricto Sensu***

**Programa de Mestrado em Educação**

**GENTE IN MUTAMENTO**

**O processo de produção identitária em Nova Trento: 1875 – 2003**

**Dissertação apresentada como requisito parcial à obtenção do grau de Mestre em Educação – área de concentração: Educação – (linha de pesquisa: Currículo e Identidade)**

**Orientador: Prof. Dr. Luiz Felipe Falcão**

**Jonas Cadorin**

**ITAJAÍ (SC)**

**2003**



## AGRADECIMENTOS

Tenho observado que em boa parte das dissertações a página de agradecimentos confunde-se com pedidos de desculpas. Há sempre alguém que foi privado da presença do mestrando para que ele pudesse gestar a dissertação. Seguindo esta praxe peço escusas aos meus dois filhos Rodrigo (7 anos) e Francisco (8 anos) por ter deixado de contar estórias para escrever esta história.

Agradeço a todos que vibraram e me incentivaram desde o momento que fui selecionado para o programa de mestrado:

Os professores do Colégio de Aplicação de Tijucas.

A Darlene, amiga e secretária do colégio, pela solicitude e compreensão nos momentos de apuro.

A Adriana, Berenice e Jorge, pela ajuda na revisão e formatação do texto.

Aos amigos do CEDI: Beto Severino, Denise, Isaias, Marlene e *tutti quanti*. Aprendi muito com todos.

Ao caríssimo James. Sem comentários!

Ao professor Felipe, pela paciência, compreensão e liberdade de poder expressar meu pensamento. Senti-me seguro sob sua orientação e à vontade para fazer desta dissertação não um peso, mas um prazer.

## RESUMO

O presente trabalho tem como objetivo central apresentar uma reflexão sobre como vem se processando a mudança do perfil identitário dos moradores de Nova Trento, município localizado no Vale do rio Tijucas, colonizado por imigrantes europeus a partir de 1875.

Através de três capítulos enfocando diferentes momentos históricos vivenciados pelos moradores da cidade, busquei elucidar como os moradores foram investidos de diferentes identidades ao longo de mais de um século.

O primeiro capítulo mostra como se fez a valorização da italianidade, a partir do centenário de imigração em 1975, através de investimentos internos e externos à cidade que conferiram aos descendentes de imigrantes italianos atributos positivadores de uma identidade que havia sido desmerecida no passado.

O segundo capítulo apresenta um episódio pouco conhecido pela historiografia, ocorrido em 1878, denominado na época como a Revolta dos Colonos. O estudo do fato possibilitou observar a primeira mudança no conceito de identidade, a partir da frustração das expectativas alimentadas pelo governo em relação aos imigrantes.

A produção da identidade no âmbito das escolas é o tema do terceiro capítulo. Um processo que trouxe para dentro da maquinaria escolar os aportes políticos e religiosos que contribuíram para uma nova formação identitária, implementada por campanhas de nacionalização do ensino visando o abasileiramento dos imigrantes e seus descendentes.

Os três episódios analisados vão deixar transparecer as sutilezas dos discursos formadores de identidade e as ciladas que se alojam no seu interior.

## RIASSUNTO

Il presente lavoro há come obiettivo centrale fare una riflessione su come si sta svolgendo il cambiamento sul profilo dell'identità dei cittadini di Nova Trento, comune ubicato nella Valle Del Fiume Tijucas, che è stato colonizzato da emigranti europei a partire dell'anno 1875 (milleottocettantacinque).

Seguono trè capitoli che lanciano luce sui diversi momenti storici che hanno vissuto gli abitanti della città, dove ho cercato di chiarire come ha cambiato il modo di essere e comportarsi dei suoi cittadini, nel trascorso di più di cent'anni di colonizzazione.

Il primo capitolo fa capire come si è passato a valorizzare la identità italiana a partire del primo centenário dell'emigrazione festeggiato nel 1975 (millenovecentettantacinque). Fu quel momento storico il punto di partita per alcuni investimenti interni ed esteri, che hanno conferito ai discendenti degli emigrati italiani, la ripresa della loro identità culturale quase dimenticata nel passato.

Il secondo capitolo, porta l'attenzione su um episodio poco conosciuto della nostra storia trascorso nel lontano 1878 denominato "la rivolta dei contadini". L'investigazione storica di quell'avvenimento, há reso possibile il primo cambiamento nel concetto di identità dei contadini italiani, in virtù della frustrazione delle aspettative del governo brasiliano in rapporto agli emigrati.

La produzione di una nuova identità nell'âmbito delle scuole, è il tema del terzo capitolo. Si tratta di um procedimento che há introdotto nelle scuole dei valori politici e religiosi, che hanno contribuito alla formazione di um nuova identità dei cittadini ítalo-brasiliani, portata a termine tramite la nazionalizzazione dell'insegnamneto; ossia, l'obbligo dell'uso dell'idioma portoghese nelle scuole ed altri ambienti pubblici.

I trè episodi analizzati faranno luce sulle sfumature che portano il contenuto dei discorsi formatori di identità.

## ICONOGRAFIA

Figura n.1. Cartaz comemorativo aos cem anos de imigração italiana em Nova Trento, Rodeio e Rio dos Cedros	10
Figura n.2. Cartaz comemorativo aos cem anos de imigração italiana em Nova Trento.	12
Figura n. 3. Família Giovanni Marchi,	15
Figura n.4A. Procissão defronte a antiga igreja matriz de Nova Trento	16
Figura n. 4B. O casal Gênio Degaspari e Celestina Torazzi	17
Figura n.5. Trajes típicos da região do Trentino-Itália.	19
Figura n. 6. Os italianinhos	41
Figura n. 7. Os Batuskelas	41
Figura n. 8. Folder em formato de cruz- turismo da fé	66
Figura n. 9. Abertura da estrada da Colona	87
Figura n. 10. A morte do pecador	122
Figura n. 11. Alunos da escola do distrito de Claraíba	132
Figura n. 12. Professores religiosos e leigos, 1965.	138

**TABELAS**

Tabela I. Consumo de bebidas alcoólicas em cinco bares de Nova Trento, 2003.	43
Tabela II. Entrada de imigrantes no Brasil – 1819-1947	78
Tabela III. Síntese do censo de Nova Trento em 1890	82
Tabela IV. Frequência escolar em Nova Trento-1938-1948	137
Tabela V. Matrículas de alunos no curso de italiano em Nova Trento –1997-2003	142

## SUMÁRIO

RESUMO.....	V
RIASSUNTO	VI
ICONOGRAFIA	VII
TABELAS	VIII
INTRODUÇÃO.....	01
CAPÍTULO I	
Boa gente, boa terra: outras identificações.....	08
CAPÍTULO II	
Buscando o colono ideal.....	74
CAPÍTULO III	
Escolas de Nova Trento: um local de identificação.....	105
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	146
FONTES.....	150
BIBLIOGRAFIA.....	155
ANEXOS.....	159

## SUMÁRIO

RESUMO.....	01
RIASSUNTO	02
ICONOGRAFIA	03
TABELAS	03
INTRODUÇÃO.....	05
CAPÍTULO I	
Boa gente, boa terra: outras identificações.....	12
CAPÍTULO II	
Buscando o colono ideal.....	78
CAPÍTULO III	
Escolas de Nova Trento: um local de identificação.....	110
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	151
FONTES.....	155
BIBLIOGRAFIA.....	161
ANEXOS.....	

## INTRODUÇÃO

“Pai, conta uma estória daquelas que não está nos livros. Uma daquelas que o pai sabe contar. Uma daquelas de escolher o final!” Este é o pedido freqüente que meus dois meninos Rodrigo e Francisco, ainda fazem antes de dormir. E da minha fantasia, alimentada pela expectativa dos dois, a história, sempre inédita e surpreendente, vai se desenrolando sem nunca ter fim. Faz anos que a história de escolher o final conta como dois meninos, que saíram de casa sem autorização dos pais, procuram o caminho de volta e se defrontam com as mais inusitadas situações e personagens que ora são buscados na vida real, ora no mundo da fantasia. Cada episódio exige uma série de escolhas que pode aproximá-los ou afastá-los do objetivo de chegar em casa com saúde. Expectativa, ansiedade, medo, euforia e esperança de acertar o caminho são os ingredientes que fazem os dois viajar na imaginação e não se entediar com a aventura.

O caminho que percorro nesta dissertação assemelha-se ao da “estória de escolher”. Um dos objetivos é mostrar como se procedeu a ressignificação da identidade italiana em Nova Trento, em especial após a comemoração do centenário de imigração, em 1975. Em três capítulos procurei apresentar algumas fases da formação do perfil identitário dos neotrentinos, escolhendo dois momentos da história da cidade antes do centenário que congregam um volume significativo de informações e apontam pistas para o entendimento de questões que dizem respeito à categoria identidade com seus antagonismos e interesses nem sempre explícitos.

As discussões acontecem num terreno movediço levantando uma interrogação: é possível conceber a existência de um conceito estável de identidade se a maior parte dos pressupostos que tentam justificá-la são pinçados da transitoriedade? Para iluminar a discussão sobre o tema optei por autores como Boaventura de Souza Santos, Octávio Souza,

Stuart Hall e Tomaz Tadeu da Silva que entendem a identidade como parte de um processo de identificações.

A problematização do conceito de identidade, do ponto de vista da psicanálise, sugere a conotação de unidade e estabilidade enquanto a identificação é apresentada como uma marca simbólica a partir da qual cada sujeito adquire, não sua unidade, mas sua singularidade.<sup>1</sup> Enriquecendo a discussão Hall afirma que “na linguagem comum, a identificação é construída a partir do reconhecimento de alguma origem comum ou de características que são partilhadas com outros grupos ou pessoas, ou ainda a partir de um mesmo ideal.”<sup>2</sup>

A partir destas reflexões acredito ser mais coerente o entendimento do neotrentino e sua cidade como algo em contínua reformulação, uma metamorfose que, ao final de cada etapa ou ciclo, apresenta um típico italiano, trentino ou neotrentino, contradizendo pressupostos teóricos que buscam no passado elementos fundadores para cristalizar identidades no presente. Seguindo este raciocínio, é possível fazer eco ao argumento de Santos quando diz que as identidades não são rígidas ou imutáveis. Elas escondem negociações de sentido, polissemias, choques de temporalidade. Identidades são identificações em curso sendo crucial, conhecer quem pergunta pela identidade, em que condições, contra quem, com que propósitos e com que resultados.<sup>3</sup>

É conveniente lembrar que esse processo contextualiza-se num tempo e num espaço de convívio com o meio natural e aquele construído pela ação humana apresentando modos de fazer peculiares mas sempre em processo de mutação.

---

<sup>1</sup> SOUZA, Octavio. *Fantasia de Brasil*. As identificações na busca da identidade nacional. São Paulo: Ed. Escuta, 1994, p. 199-200

<sup>2</sup> HALL, Stuart. Quem precisa da identidade? In: Silva, Tomaz Tadeu da. (Org.) *Identidade e diferença: perspectivas de estudos culturais*. Petrópolis: Vozes. 2000, p.108.

<sup>3</sup> SANTOS, Boaventura de Sousa. Modernidade, identidade e a cultura de fronteira. In: *Revista Crítica de Ciências Sociais* n. 38, dez. 1993, p.11-13.

O primeiro capítulo tem como eixo central a evidenciação das estratégias de “resgate” da identidade italiana a partir da comemoração do centenário da imigração em 1975. Procurei levantar informações que vão comprovando os investimentos simbólicos de entidades locais e internacionais (Círculo Trentino, Associação Trentini nel Mondo, Província Autônoma de Trento, Campanhas de Turismo...) interessadas no processo de positivação do que passou a ser caracterizado como típico italiano. O olhar atento para o que aconteceu, e ainda acontece, em Nova Trento revela outros ângulos das estratégias de eleição de atributos qualificadores do passado para afirmar posturas identitárias no presente. A esse respeito acredito ser pertinente considerar o que argumenta Santos:<sup>4</sup>

O contexto global do regresso das identidades, do multiculturalismo, da transnacionalização e da localização parece oferecer oportunidades únicas a uma forma cultural de fronteira precisamente porque esta se alimenta dos fluxos constantes que a atravessam. A leveza da zona fronteiriça torna-a muito sensível aos ventos. É uma porta de vaivem, e como tal nem nunca escancarada, nem nunca está fechada.

Esta leveza de movimento torna visível a dificuldade de definir atributos e marcas identitárias que sirvam para expor a cidade como típica italiana. O vaivém da porta tem permitindo a cidade transitar por adjetivos como *terra dos pedreiros*, *terra do vinho*, *pedacinho d'Itália*, *terra de Madre Paulina*.

Neste processo de fabricação da identidade neotrentina tem-se evocado um passado comum definido ora como italiano, ora como trentino estabelecendo marcas diferenciais. Destarte, tenta-se construir a identidade baseando-se nas diferenças entre um ‘nós’ e ‘eles.’ As expressões *brasilian*, *brasiliani*, *nostra gente*, *noi di Nova Trento*, presentes no linguajar dos moradores da cidade vão comprovando que “a identidade não é o oposto da diferença: a identidade depende da diferença. A diferença é aquilo que separa uma identidade da outra,

---

<sup>4</sup> SANTOS, Op.cit. p.36.

estabelecendo distinções, freqüentemente na forma de oposições.<sup>5</sup> Por este viés vão ser definidos atributos do que é uma comida, traje, arquitetura, festa e tudo mais que possa ser usado sob categoria naturalizante de *típico*. Uma categoria que justifica diferenças sem prestar conta de sua genealogia. Usado pela mídia e por programas de incentivo ao turismo étnico, o típico corrobora com investimentos que inventam, fabricam, maquiagem e vendem cidades e as pessoas que nela vivem, expondo numa grande vitrine uma suposta identidade como um produto pitoresco de consumo no grande mercado globalizado.

No segundo capítulo selecionei um episódio ocorrido em 1878, conhecido como a “revolta dos colonos”, que considero importante para dar uma idéia de como a identidade não existe como instância inquestionável e sim como “algo realizado ao longo de uma história coletiva e única, *por e entre* sujeitos individuais concretos. Sujeitos revestidos da condição de atores sociais, cujo trabalho simbólico se faz de acordo com saberes, valores, e normas realizados como cultura e através dos quais a ação individual é possível e significativa”.<sup>6</sup>

A carência de fontes de época tornou este capítulo menor em número de páginas, porém não em significados para os propósitos desta dissertação. O panorama que procurei reconstruir possibilita refletir sobre o processo de adequação a realidade brasileira do grupo de imigrantes europeus que foram estabelecidos em Nova Trento em 1875 pelo governo imperial através do Contrato Caetano Pinto. Uma identidade que, reelaborada constantemente, transitou de *italianos, tyroleses, laboriosos morigerados para pensionistas do Estado, caterva de desordeiros*. Na seqüência dos anos, como efeito das intervenções do Estado e da Igreja Católica durante quase um século, a cidade será identificada, no final do século XX, com os chavões homogeneizadores *boa gente, boa terra, celeiro de vocações*. A agilidade na mudança de rota deste trânsito exemplifica, mais uma vez, o que se disse acima sobre identificações.

---

<sup>5</sup> WOODWARD, Kathryn. Identidade e diferença. Uma Introdução teórica e conceitual. In: SILVA, Tomas Tadeu da. (Org). *Identidade e diferença*. Petrópolis: Vozes. 2000, p. 30-40

<sup>6</sup> BRANDÃO, Carlos Rodrigues. *Identidade e etnia*. A construção da pessoa e resistência cultural. São Paulo: Brasiliense, p. 150.

Os discursos instituidores de identidade produzidos a partir das experiências vivenciadas pelos imigrantes servirão para representá-los identitariamente. A mudança no modo de conceber o imigrante ideal irá direcionar as mudanças nos comportamentos modeladores do neotrentino *pacato, trabalhador, hospitaleiro, religioso*, dando a entender que as identidades são construídas dentro e não fora do discurso, em locais específicos.<sup>7</sup> Neste processo de construção denominado por Bordieu<sup>8</sup> de *economia das trocas lingüísticas*, os discursos assumem os contornos da lei da oferta e procura sujeitando as identidades a uma historicização que as expõe a um processo de constante mudança e transformação.

No terceiro capítulo, faço uma incursão no campo da educação formal buscando pôr em evidência os esforços envidados no sentido de impor uma nova matriz cultural aos imigrantes partindo da imposição da língua portuguesa sobre os dialetos em uso na cidade no decorrer da República Velha e Estado Novo. O trabalho das escolas paroquiais, da doutrina jesuíta, das associações e congregações religiosas somado, às campanhas de nacionalização, vão contribuir, também, na composição do perfil identitário dos neotrentinos suscitando falas como a que segue:

Criei meus filhos muito bem, eles me respeitam, logo quando chegam me dão um beijo e pergunta se a mãe tá boa (...) eu ensinei a eles a fazer de tudo em casa, e com respeito, até hoje eles chega, pede a benção e me dá um beijo, e não tem um que fala italiano, eu ensinei a fala brasileiro, eles sabe fala direito<sup>9</sup>.

O depoimento acima, colhido em 1998, ilustra com maestria o efeito do processo de nacionalização das escolas nos núcleos coloniais catarinenses e, no caso particular, em Nova Trento. O objetivo de transformar estrangeiros em cidadãos brasileiros teve como porta de

---

<sup>7</sup> HALL. Op.cit, p.109

<sup>8</sup> BORDIEU, Pierre. *A economia das trocas lingüísticas: o que falar quer dizer*. São Paulo: Edusp, 1998, p. 23-24.

<sup>9</sup> O F. V. 57 anos. Apud CIPRIANI, Maria de Lourdes Tamanini. *Representações sociais e perspectivas de vida de mulheres fumicultoras: articulando gênero e trabalho*. Florianópolis, 1998. Dissertação (Mestrado em Educação) Universidade Federal de Santa Catarina.

entrada no processo a supressão de uma língua e a imposição de outra. O “falar direito” funcionou como um adestramento cultural que, dentro da lógica dualista, fez do linguajar dos colonos a língua errada e, daquele que foi imposto, o correto.

Muito mais que a imposição de uma língua, o processo de abasileiramento dos imigrantes europeus que colonizaram Santa Catarina, em especial na segunda metade do século XIX, interferiu diretamente no modo de ver e sentir o mundo daqueles que foram diretamente atingidos. Fica evidente, também, segundo Souza,<sup>10</sup> a existência de um hiato na tradição européia que fez com que seus descendentes, uma vez em solo estrangeiro, encontrassem dificuldades na afirmação de sua filiação, vendo-se obrigados a inventar para si uma tradição fundada na recusa de valores que no entanto lhes eram fundamentais.

Por terem sido colocados no lado dos *errados*, os colonos sofreram o que Bagno<sup>11</sup> denominou de preconceito lingüístico. Assim, segundo ele, o problema não estava naquilo que se falava, mas em quem falava o quê. Nesta ótica o preconceito lingüístico era decorrência de um preconceito social gerado pela frustração de expectativas por parte das autoridades imperiais e republicanas em relação aos imigrantes desejados para colonização do Estado.

A problematização dos fatos referentes à criação da escola formal em Nova Trento vão expô-la como um espaço de interação social ocupado não só por professores, alunos e suas famílias. Há uma diversidade de discursos e interesses que adentram e se instalam no seu interior produzindo situações que questionam os fins a que esta instituição foi criada, e mantida, naquela sociedade. Em certos momentos tem-se a impressão de que os alunos, razão da existência das escolas, são meros atores coadjuvantes. O foco das discussões será oportunamente ajustado por esta ou aquela corrente de interesses fazendo a escola tornar-se um importante campo de exposição e imposição de idéias que visavam como que, inocular

---

<sup>10</sup> SOUZA, Op cit. p. 30

<sup>11</sup> BAGNO, Marcos. *Preconceito Lingüístico*. O que é, como se faz. São Paulo: Ed. Loyola, 5. ed. 2000, p.13.

nos seus freqüentadores, os anticorpos para combater os pressupostos tidos como ultrapassados ou não condizentes com o contexto maior em que estava inserida.

Os conflitos e discursos produzidos pelas intervenções do Estado no âmbito escolar que contribuíram na modelagem do *italiano* neotrentino é o tema que perpassa este capítulo, que procura apresentar como a identidade dos moradores de Nova Trento é relacional e em constante elaboração, construído no interior dos discursos. Neste sentido o argumento de Silva é fundamental: “A identidade e a diferença têm que ser ativamente produzidas. Elas não são criaturas do mundo natural ou de um mundo transcendental, mas de um mundo cultural e social. Somos nós que as fabricamos, no contexto de relações culturais e sociais.”<sup>12</sup>

Acredito que ao final da leitura dos três capítulos o leitor dessa dissertação poderá sentir as sutilezas com que são construídos, veiculados e aceitos os discursos que produzem as identidades na modernidade. Não tenho a pretensão de fazer juízos de valor sobre o tema, mas apresentar outras possibilidades para o entendimento de conceitos naturalizados.

---

<sup>12</sup> SILVA. Op. Cit. p.74

## CAPITULO I

### BOA GENTE, BOA TERRA: OUTRAS IDENTIFICAÇÕES

*O que é que te faz comprar de tudo mesmo se de nada tens necessidade?*<sup>13</sup>

Em 1975, a cidade Nova Trento comemorou cem anos de imigração italiana. O cartaz comemorativo (figura 1) produzido em parceria pelas prefeituras de Rodeio, Rio dos Cedros e Nova Trento, representava as gerações passadas, presentes e as futuras nas feições de um casal idoso, uma jovem e um menino.

O senhor e a senhora estão próximos à jovem que aparenta 20 anos de idade e segura com delicadeza a mão de um menino loiro de quatro/cinco anos. O grupo está no último degrau de uma pequena escada que dá acesso a uma casa colonial, de tijolos maciços à vista. Algumas flores aparecem na lateral da escada. Magros e altos, os dois velhinhos estão trajados com roupas de festa (de missa!). Chapéu, paletó preto sem gravata, sapato bico fino, relógio de gibeira e uma bengala nas cores vermelha, verde e preto na empunhadura caracterizam o “homem do centenário,” senhor Ângelo Lenzi, de Rio dos Cedros. O rosto enrugado e o bigode amarelado destacam-se na sua fisionomia. No conjunto do quadro é a figura central. Ao seu lado “a mulher do centenário,” senhora Ângela Murara, de Rodeio, usa um vestido estampado de florzinhas brancas sobre um fundo preto, sem decotes, mangas longas e a barra roçando o calcanhar. Calça um sapato preto que parece ser não muito confortável. Uma bolsinha de mão nas mesmas cores do vestido acompanha o traje. O cabelo está preso formando um coque. Dois brincos discretos de argolinha e os óculos de armação larga, preta, complementam o rosto enrugado, de feições sofridas, que aparenta ter 65/70 anos. Seu braço direito entrelaça-se, com timidez e distância, no braço do companheiro. Uma

---

<sup>13</sup> DALLA, Lucio. *Cosa sará*. (Música). BMG, RCA, 1989.

lufada leve de vento balança sua saia sem perturbar sua concentração. Ambos são magros. Estão emoldurados pela abertura da porta que ressalta sua imagem projetando-os para a luz como se estivessem chegando de uma realidade escura e sombria do interior da sala de visita da casa. Não estampam sorriso algum. O olhar transmite austeridade e desconfiança. Seus corpos estão apurados, fazendo jus a um evento que não era comum numa época em que a fotografia, devido a sua novidade, era utilizada para retratar os momentos mais importantes como batizados, casamentos, etc. Expressam seu *ethos* na sobriedade postural exigida para a ocasião.

Ao seu lado, fora da moldura da porta, a jovem Clarice Ruberti sorri com descontração e seu olhar semicerrado está voltado para o céu. Contrastando com a mulher idosa, usa uma blusa rosa, com leve decote. Um broche verde em formato de folhas contrasta com seu traje rosa. Seus braços estão à vista. A saia está a um palmo acima do joelho. Usa pulseiras e batom. Calça uma sandália de solado inteiriço alto. Faz o perfil da jovem dos anos setenta do século XX. Representa, junto com o menino, a cidade de Nova Trento. Este, Denis DellAntonia, olha com desconfiança para o fotógrafo. Seus cabelos estão relativamente compridos. Veste uma camisa branca e um macacão jeans de pernas curtas. Calça uma sandália tipo franciscana, marrom. É loiro, bem nutrido lembrando os anjos das pinturas medievais.



Figura n.1: cartaz comemorativo ao centenário da imigração italiana de Nova Trento, Rio dos Cedros e Rodeio.  
Fonte: arquivo pessoal Jonas Cadorin

No cabeçalho do cartaz a inscrição: “Centenário da Imigração Italiana”. Na segunda linha, em letras maiores: “Boa gente, boa terra.” Já um outro cartaz, específico para a divulgação da festa em Nova Trento, (figura 2) trazia um dos mais idosos moradores da cidade, o senhor Domingos Facchini, então com 80 anos de idade e sua neta Vanderléia Cadorin, de 10 anos, ambos moradores da zona urbana. “Fizemos várias fotos, mas a escolhida foi lá no Calvário. O tio Minco, sempre perfumado, ficou encostado num carro comigo no colo,” revelou-me Vanderléia.<sup>14</sup>

Os dois personagens olham com simpatia para o fotógrafo. O Senhor Domingos ou Minco (apelido em dialeto, assim como Bepi para José, Tchêco para Francisco, etc.), veste camisa azul abotoada até o colarinho. Usa óculos de aro preto e bigode com corte vitoriano, branco, amarelado pela nicotina dos cigarros manufaturados de fumo de corda e palha de milho (palheiros). É calvo e os sinais evidentes da velhice são compensados pelo seu olhar sereno. Esboça um leve sorriso que lhe dá um ar de bonachão. As feições idosas inspiram confiança e proteção.

A menina usa camisa branca que lembra o uniforme escolar. É loira e com leves pontos de sardas no rosto. Seu braço direito envolve o pescoço do avô que segura afetuosamente a ponta de seus dedos com uma mão que ainda representa vigor físico. Ambos estão em primeiro plano. Ao fundo, desfocado, observa-se o bairro do Trinta Réis, uma valada dividida pelo rio do Braço, com o monte Barão ao fundo. No alto e em letras minúsculas, a frase impessoal: “nós confiamos nesta terra” e, logo abaixo, “Centenário da Imigração Italiana”. O conjunto visual do cartaz transmite a idéia de que em Nova Trento as pessoas envelhecem com satisfação e certeza do dever cumprido, ou seja, um lugar onde as crianças têm em quem se espelhar e o futuro que se descortina à frente e ilumina seus rostos tem um pé fincado nas raízes do passado. Uma cidade que tem passado, presente e futuro.

---

<sup>14</sup> CADORIN, Vanderléia, 28 anos, entrevista informal realizada em Nova Trento no dia 11.11.2002.



Figura n.2: cartaz comemorativo ao centenário da imigração italiana em Nova Trento.

Fonte: arquivo pessoal Jonas Cadornin

Foram as primeiras representações impressas, coloridas, com fotografia, que retrataram o que os idealizadores da campanha de divulgação do centenário caracterizaram como o típico italiano. Uma seleção de características físicas e indumentárias que objetivou dar visibilidade a uma identidade cultural. E foi no repertório de elementos caracterizadores do passado que se buscou subsídios para reelaborar a identidade no presente. Uma seleção seguida de uma escolha de elementos identificadores capazes de sensibilizar o olhar dos moradores e visitantes da cidade. Um conjunto visual organizado pelo olhar do fotógrafo objetivando dar ao expectador elementos para uma leitura indutiva. O exercício de retratar é de alguma forma coisificar, cristalizar um momento.<sup>15</sup> A forte tonicidade dada ao discurso

<sup>15</sup>LEIDA, Lucas Van. Reificação Retificada. Folder de apresentação da obra do artista plástico Jayro Schmidt. Centro Integrado de Cultura, Florianópolis, 26 de maio de 2003.

visual parece querer driblar o pensamento foucaultiano que considera ser impossível fazer coincidir o que se vê com o que se diz, pois o campo da sintaxe não é o mesmo daquele da visão.<sup>16</sup> A seleção cuidadosa dos elementos retratados força uma leitura que objetiva fazer o sujeito observador buscar pontos de identificação que vão legitimar a imagem observada. O fruto desta estratégia de propaganda é a aceitação, mesmo com pequenas discordâncias, da recriação do objeto em foco. Esta operação é capaz de tocar emocionalmente as pessoas em desfiles e festas de tradição, mesmo sabendo que os produtos típicos (objetos e pessoas) ali exibidos não correspondem, na íntegra, com a realidade que experienciaram ou ouviram falar pela tradição oral. Uma pergunta que é conveniente fazer: se o cartaz não trouxesse nenhuma informação escrita, será a sua interpretação remeteria o observador a deduzir que o grupo fotografado é de descendentes de italianos? Não existindo as palavras, cabe ao expectador decidir o que está sendo visto. “Somente pelo fato de refletirem aquilo que vemos com nossos olhos, não significa que as fotos expressem uma verdade. Por outro lado, propõem uma interpretação ainda mais fascinante da realidade”.<sup>17</sup>

Ficou evidente que as características de identificação não foram buscadas, num primeiro momento, no passado das vilas de proveniência dos imigrantes. Tal expediente justifica a tese de Hobsbawm e Ranger,<sup>18</sup> ao afirmarem que sempre se pode encontrar no passado de qualquer sociedade um amplo repertório de elementos antigos usados na elaboração de novas tradições. É claro para eles que a invenção de tradições tem como escopo ressignificar uma identidade no momento presente. Já Poutignat e Streiff-Fenart<sup>19</sup>, trabalhando com o conceito de etnia, afirmam que a identidade étnica é orientada para o passado e evoca a filiação, a origem comum, o ancestral que confere autenticidade e legitima

---

<sup>16</sup> FOUCAULT, Michel. *As palavras e as coisas: uma arqueologia das ciências humanas*. 3.ed. São Paulo: Martins Fontes, 1985.

<sup>17</sup> *Revista Colors*. TOSCANI, Olivieiro (editor), Milão, dez.95-fev.96 n.13 p.8

<sup>18</sup> HOBBSAWM, Eric & RANGER, Terence. *A invenção das tradições*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1985.

<sup>19</sup> POUTIGNAT, Philippe Poutignat & STREIFF-FENART, Jocelyne. *Teorias da etnicidade*. São Paulo: Ed. UNESP, 1998, p.29

a demanda identitária no presente. Esta orientação para trás expande-se até o limite do encontro com o ancestral comum que estigmatiza indelevelmente o indivíduo, a ponto de não poder abdicar de sua condição. Poderá mudar de credo religioso, de partido político, de profissão, de cidade, etc., mas jamais deixará de ser, no caso em estudo, *taliano* ou *talian*, trentino ou, genericamente, italiano.

Na história de Nova Trento é possível observar dois momentos de busca deste repertório. O primeiro é por ocasião da comemoração do centenário, quando se pesquisa no passado da própria cidade, os elementos caracterizadores do que seria típico italiano. Neste momento os vínculos de proximidade com o país de origem são ainda insipientes. A ruptura radical havida durante cem anos com a Itália não permitia vislumbrar tão longe as peculiaridades identitária dos neotrentinos. A busca se fez no sentido da ascendência genealógica que se satisfez em chegar aos bisavôs e mais raramente aos trisavôs residentes em solo brasileiro.

O segundo momento acontece com a intensificação do fluxo de informações e relações com a região do Trentino. Este intercâmbio possibilitou ampliar a busca de uma suposta identidade além das fronteiras do próprio país. Os traços de diferenciação foram intensificados com o reforço de informações que acentuaram a existência de um ‘nós’ (*taliani*) em relação aos ‘outros’ (*brasiliani* ou até mesmo imigrantes europeus, inclusive italianos).

O cartaz do centenário representou tipos físicos vestidos como os moradores de grande parte das cidades interioranas de Santa Catarina no século passado – à moda da década de setenta do século XX. Não fosse a inscrição alusiva ao centenário de imigração italiana, o cartaz poderia ser atribuído a imigrantes alemães ou poloneses, pois não traziam sinais caracterizadores capazes de fazer algum tipo de distinção para a época. Sem menosprezar o caráter subjetivo que a indumentária é capaz de conferir a quem as veste, para o momento em estudo, os trajés estampados nas fotografias traziam muitas similaridades entre as diversas

procedências dos imigrantes que vieram compor a sociedade catarinense na segunda metade do século XIX. O manequim estampado no cartaz seguia a cartilha católica que preconizava o recato, a sobriedade e o desapego de vaidades.<sup>20</sup> A título de ilustração apresento duas fotos que suponho serem da década de 1930.



Figura n.3: Família de “Giovanni Marchi, filho de Raimondo”. (sic verso da foto).  
Fonte: Arquivo pessoal do autor.

As crianças estão descalças. Todas as mulheres trazem no pescoço uma medalha dependurada num cordão ou correntinha. Os vestidos inteiriços cobrem braços, pescoço e pernas. O paletó e o chapéu, mesmo para os meninos é a roupa que identificava o homem em ocasiões festivas. O mesmo poderá ser observado na figura (n.4A e 4B) abaixo que retrata

<sup>20</sup>Uma idéia do manequim sugerido pela igreja encontra-se na recomendação feita em 1921 pelo padre diretor das Filhas de Maria que, preocupado com a sobriedade no vestir, descrevia como era e como devia ser as roupas das mulheres pedindo“(…) o retorno da maneira antiga de se vestir, que se use o lenço na cabeça, os vestidos sejam aos pés, com mangas longas e pescoço coberto para frear a moda sempre mais ridícula e perigosa das donzelas, (...)” in Paróquia de Nova Trento. *Livro das Filhas de Maria*, 24, julho de 1921.

uma festividade (procissão ?) defronte a antiga igreja matriz e um casal de agricultores fotografados na década de 1920.



Figura n. 4: Procissão de frente a igreja do Sagrado Coração, centro de Nova Trento.  
Fonte: arquivo pessoal do autor

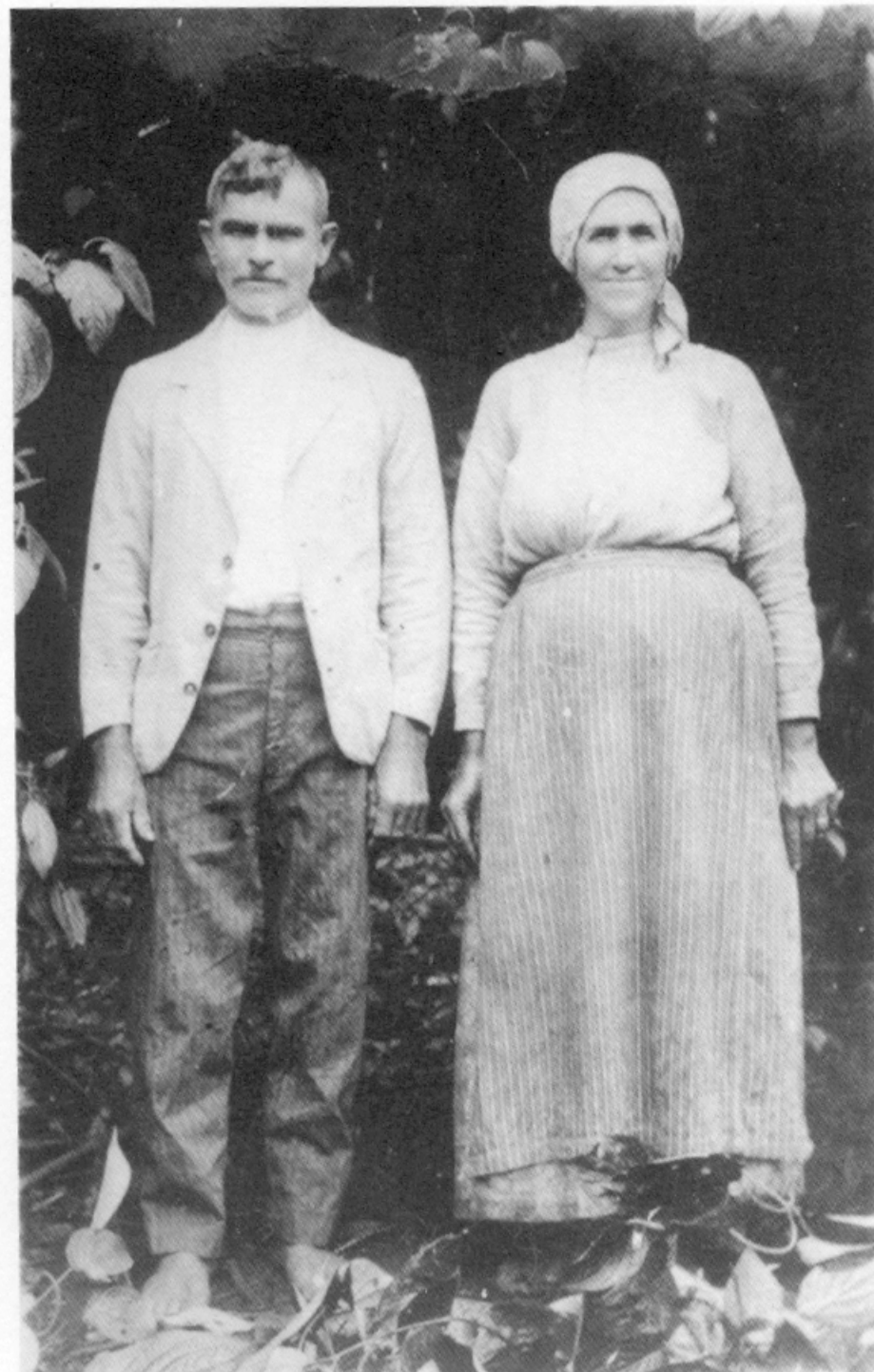


Figura 4B: Casal Gênio Gasperi e Celestina Torazzi.  
Fonte: Arquivo pessoal Ivete M. Boso

Os trajes típicos estilizados começaram a ser usados para representar as etnias a partir da criação dos grupos de dança e música folclórica nas festas organizadas no Estado na

década de oitenta do século XX, capitaneados pela Oktoberfest de Blumenau.<sup>21</sup> O estreitamento dos contatos com a região do Trentino possibilitou o intercâmbio de bibliografia e informações sobre os trajes típicos daquelas regiões através de publicações distribuídas gratuitamente, como a revista *Trentini Nel Mondo*, *Coletânea de Provérbios Populares do Trentino*, *Collana di monografie La Pátria D'Origene*, *Guida Prática Per i Trentini All'Estero*, cartazes de agências de promoção turística, fitas cassete e vídeos de músicas folclóricas, etc. Num esforço para sintetizar caracteres indumentários de diversas regiões do Trentino (figura n. 5) o homem típico italiano passou a ser vestido com calça curta presa logo abaixo do joelho, meia de lã cano longo esticada até a presilha da calça, colete aberto ou fechado, camisa de manga comprida abotoada nos punhos e colarinho, cinto de pano ou couro preso por fivela ou cordões, uma gravata pequena ou lenço. Na cabeça um chapéu preto, marrom ou verde com a faixa em vermelho onde se prende uma pena de ave. As mulheres vestiam saia larga e longa até a altura do sapato, sobre a saia um avental estampado, também longo, camisa de manga longa e fechada na altura do pescoço, um corpete justo com tirantes coloridos, ceroulas orladas com rendas ou lacinhos, no cabelo tiaras com flores do campo. Em ambos os modelos as cores, verde, vermelho, branco, marrom ou preto predominam.

---

<sup>21</sup> Um estudo aprofundado sobre a “invenção” das várias festas de outubro catarinenses, abordando o social e o imaginário construídos pelos habitantes e turistas que participam das festas, é encontrado em FLORES, Maria Bernadete Ramos, *Oktoberfest: turismo, festa e cultura na estação do chopp*. Florianópolis: Letras Contemporâneas, 1997.



Grupo folclorístico de Carandio  
-Valle di Fiemme



Grupo folclorístico de Mezzano  
Primiero



Grupo Folclorístico de Cavalese  
di Peio  
Val di Fiemme



Crianças do Grupo Folclorístico

Figura n.5: Trajes Típicos de Grupos Folclóricos da região do Trentino, norte da Itália. Fonte:Collana di monografie “La pátria d’origine” p.143-146

A reprodução daqueles modelos, apesar de agradar o olhar desavisado pelo seu colorido e pela riqueza de detalhes, causa estranheza quando se busca no passado da cidade alguém que tenha se vestido daquela forma. Neste sentido, o cartaz do centenário aparece, hoje, como o ancestral mais antigo das estratégias de marketing do resgate daquilo que se poderia supor ser a autêntica imagem do italiano típico de Nova Trento.

Convém lembrar que as comemorações do centenário estavam inseridas num projeto que seguia o *vademecum* do marketing cultural que, em síntese, buscava atingir um público alvo informando, valorizando as diferenças do produto ofertado, motivando-o a conhecer, experimentar e adquirir o que se estava ofertando mesmo que para isso fosse preciso estimular a mudança de hábitos e comportamentos<sup>22</sup>. A propaganda do centenário, no caso, deveria sensibilizar o público da cidade. Por outro lado deveria “vender” fora da cidade uma imagem positiva destes brasileiros, catarinenses, que tinham um diferencial: eram descendentes de italianos e tinham uma cultura peculiar, *típica*.

Na sua etimologia a palavra *típico* é conceituada como um adjetivo derivado de *typos*, do grego, que significa modelo ou marca; exemplar, símbolo original; os caracteres distintivos; indivíduo pessoa ou coisa que reúne em si esses caracteres capazes de marcar e distinguir uma classe, uma espécie, etc. É sinônimo, também, de criatura original e inconfundível, que pode ser tomada como modelo<sup>23</sup>. Usado como categoria distintiva, porém, o termo assume conotação de elemento excludente nos discursos normativos produtores de sujeito. A seleção de elementos para caracterizar o que se quer denominar como típico é

---

<sup>22</sup> Marketing Cultural. Cultura, Economia e Sociedade. Curso de Aprimoramento Profissional. Ensino a Distância. FIESC/SENAI/Diário Catarinense – 1º fascículo 19.06.2002.

<sup>23</sup> FONTINHA, R. *Novo Dicionário Etimológico da Língua Portuguesa*. Porto, Portugal: Editorial Domingos Barreira, s.d.

sempre relacional. Surge daí a sua antítese, o atípico, aquilo que deve ser visto como fora de padrão.

Neste momento da discussão convém refletir sobre a atribuição da responsabilidade por esta seleção e os interesses que estão em questão. A busca do típico está impregnada de intenções implícitas e explícitas que almejam a re-construção cuidadosa de uma identidade que por si só não existe como conceito estático, acabado e assegurado, como que num mundo ideal e incorruptível que pode ser visitado sempre que a descaracterização traz sua antítese à tona. Apesar de não existir, este lugar (a fonte, a raiz, a origem) é idealizado pela necessidade de sua existência, criado teoricamente elegendo o passado e os ancestrais como protótipos. Pouco se diz sobre a falta de solidez destes modelos que parecem persistir no tempo sem sofrer os efeitos de sua ação o que poderia levar a crer que nem tudo o que é sólido se desmancha no ar.

A construção cultural do típico está associada a balizas temporais onde se buscam os elementos para a afirmação de algo que por si só não teria mais razão de existir na atualidade. Os agentes se mobilizam no presente para habilitar fragmentos do passado. O típico sempre terá uma raiz, uma origem, um momento fundante que o justifica e lhe fornece subsídios para ser difundido por discursos e circunstâncias adequadas. Atrás da representação pitoresca de um suposto italiano típico também estarão implícitas as idéias de descendência, naturalidade, de “estar no sangue,” que poderão ser utilizadas para atender a interesses políticos e econômicos.

Na modernidade que cada vez mais se caracteriza pela busca da globalização cultural e econômica, o típico tornou-se um produto de comércio. A vitrine de exposição, são os eventos que evocam a tradição, a etnicidade ou o folclore. A venda faz-se na íntegra ou em partes, como subprodutos. Assim, a indumentária, a gastronomia, a música, a dança, a arquitetura, os modos de lidar com a religião, as festas e até os espaços de vivência que reproduzem o

passado, como os hotéis fazenda e a aquisição de sítios em áreas rurais, são itens comercializados. “É o tempo da valorização do passado dentro da perspectiva do relativismo cultural. É o tempo de um novo folclorismo e da cultura como espetáculo.”<sup>24</sup>

A busca de identidades, de nacionalismos, de aspectos culturais que dêem sentido a grupos e comunidades na tentativa de encontrar um catalisador cultural para fazer frente ao alastramento da globalização, são elementos que estão presentes na organização deste movimento de invenção ou reinvenção de tradições. Através de festas e eventos direcionados para uma economia de mercado voltada para o lazer e o turismo, vende-se a imagem do típico, fundando-se um passado realizado numa narrativa mitológica.<sup>25</sup>

As estratégias representacionais usadas nas campanhas publicitárias dificultam a percepção dos possíveis interesses que se ocultam por detrás de corais, grupos de dança, desfiles alegóricos e divulgação de rotas de turismo religioso, rural, ecológico que veiculam a imagem aparentemente inocente e nostálgica de típicos pinçados de retalhos do passado. De modo sutil vão se introduzindo novos adereços identitários, possibilitando uma espécie de metamorfose capaz de fazer um grupo social ser aceito ou negado no contexto temporal em que vive.

Os festejos do centenário, 1975, no meu entender, podem ser tomados como o divisor de águas no processo de valorização da italianidade dos neotrentinos. No período que o antecedeu, em função de uma política de intimidação voltada para a nacionalização, a dinâmica do vigiar, punir e desqualificar produziu sentimentos de dualidade nos descendentes de italianos, especialmente na era Vargas. O medo, as delações, o emudecimento de uma língua, marcaram o cotidiano de pessoas que se viram compelidas a desempenhar outros

---

<sup>24</sup> FLORES, Bernadete Maria Ramos. *Oktoberfest: turismo, festa e cultura na estação do chopp*. Florianópolis: Letras Contemporâneas, 1997, p.14.

<sup>25</sup> SEVERINO, José Roberto. *Itajaí e a identidade açoriana: a maquiagem possível*. Itajaí: Editora da Univali, 1999, p.48-49.

papéis dentro do Estado brasileiro. As seqüelas desse período vão se tornar visíveis nas gerações que a sucederam. Sobre este assunto tornarei a falar nos próximos capítulos desta dissertação.

Nas décadas de 50 a 70 do século XX, ser identificado como italiano passou a ter conotação pejorativa, pois foi associado a atraso cultural, “coisa de colono”! A categoria depreciativa de colono foi elaborada no contraste e em momentos diferentes. Num primeiro momento na comparação com os *brasiliani*, quando de sua chegada. O *brasilian* era a antítese do europeu que havia sido idealizado para o projeto colonizador do governo imperial. A eles se atribuíam características como indolência e incapacidade de fazer a economia brasileira progredir. Eram os cablocos, “os nacionais” frutos da mestiçagem. “Os *brasiliani* eram identificados como pobres, sujos, gente sem valor, que não quer trabalhar.”<sup>26</sup> Além disso, citando Boris Fausto, havia uma característica específica do imigrante que dizia respeito a sua condição de outro, a uma alteridade composta de olhares cruzados: do imigrante para o nacional e vice versa.<sup>27</sup>

A expectativa de que os imigrantes seriam a *salvação da lavoura*, teoricamente os colocava numa posição superior por ser a mão-de-obra qualificada que alçaria o Brasil à esfera dos países europeus e, por tabela, apagaria a marca da escravidão negra branqueando o país. Os primeiros anos de presença no Brasil, porém, fariam com que essa opinião fosse alterada significativamente.

Num segundo momento, passado o que Giron e Bergamschi denominaram de “quarentena política e social,” o habitante das colônias emancipadas à categoria político-

---

<sup>26</sup> MOSER, Anita. *A violência do Estado Novo contra os “coloni” descendentes de italianos em Santa Catarina*. (Um estudo Interdisciplinar sobre a identidade étnica e a violência do Estado). Progressão Vertical – Departamento de Ciências Sociais, Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis, 1995. p.50.

<sup>27</sup> FAUSTO, Boris. Imigração: cortes e continuidades. In SCHWARCZ, Lilia Moritz (org). *História da vida privada no Brasil: contrastes da intimidade contemporânea*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998, p. 20.

administrativa de município, especialmente após a Proclamação da República, constituíam-se em “súditos de segunda categoria, duplamente excluídos, da pátria natal e da nova pátria, lutando pela propriedade definitiva da terra, através da qual, se tornariam, efetivamente, proprietários e cidadãos.”<sup>28</sup> À construção da categoria colono, nesse momento, seria acrescida do ingrediente *nacionalização*, imposto durante o torvelinho das duas grandes guerras mundiais. O colono foi descrito como o morador de um “quisto étnico” que precisava ser abasileirado. Esta representação era proveniente da esfera político-administrativa externa ao município.

Internamente os imigrantes, a grande maioria de segunda geração, não se viam da forma como eram vistos pelos olhares das autoridades. A partir da década de 1950, quando o discurso da nacionalização compulsória se ameniza, o colono (homem e mulher) passa a ser o morador do perímetro rural. Esta distinção entre cidadãos e camponeses assume uma conotação pejorativa no interior do grupo, sem fazer distinção se a pessoa era descendente de italianos, poloneses, alemães ou qualquer outra etnia.

Em Nova Trento os imigrantes adaptaram suas vidas a um meio físico desfavorável para a agricultura. As atividades agrícolas foram permeadas por diversas tentativas de encontrar um produto que pudesse alavancar a economia das pequenas propriedades e do município. A agricultura de subsistência e a tradição artesanal forneceram os meios mínimos de sobrevivência, porém sem garantir um excedente de capital para adquirir equipamentos e melhorias para sua habitação e lavouras. Viver na zona rural era sinônimo de dificuldade e privações bem maiores do que aquelas enfrentadas pelos moradores da sede da colônia, *da praça*. Os censos agrícolas de 1920 a 1960, por exemplo, apontavam a existência de um único trator na cidade para 1266 propriedades. Já o número de arados de tração animal era de 268.<sup>29</sup>

---

<sup>28</sup> GIRON, S. Loraine & BERGAMASCHI, E. Heloisa. Colônia: um conceito controverso. Caxias do Sul: EDUCS, 1996, p.8 e 67.

<sup>29</sup> IBGE. Censos Agrícolas. Diretoria Estadual de Estatística. Florianópolis.

Nélvio P. Dutra dos Santos analisando a evolução econômica do município de 1875 a 1960 deduziu que a abundante mão de obra proveniente de famílias numerosas foi um dos fatores de desestímulo à mecanização do campo.<sup>30</sup>

No perímetro urbano algumas modificações no sentido de sanear a cidade acentuavam a diferenciação entre os cidadãos e os colonos. No relatório anual apresentado à Câmara pelo prefeito, em 1968, encontrei uma vasta pauta de realizações. A maior parte delas voltada para a adaptação das estradas e pontes aos veículos automotores que, em número crescente começavam a disputar os espaços de circulação com as carroças e carros-de-boi. Na sede do município várias obras de urbanismo e saneamento foram realizadas para *modernizar* a cidade: instalação de um parque de diversões infantil; canalização de águas pluviais da Praça Getúlio Vargas; iluminação da Praça da Bandeira e Jardim Barão do Rio Branco; início do calçamento das ruas Santo Inácio, Floriano Peixoto e Fernando Facchini; aquisição de uma motoniveladora Caterpillar, a *patrola*, em 1969, um investimento arrojado e inédito no Vale do Rio Tijucas. No setor de saneamento, a prefeitura firmava convênio com o Departamento Nacional de Endemias Rurais para combater as verminoses e construção de fossas sépticas a serem instaladas na cidade e no interior.<sup>31</sup> Outras melhorias como a construção de banheiros dentro das residências, a vigilância sobre a criação de animais nas proximidades das casas e as benfeitorias trazidas com a introdução da energia ampliavam os referenciais de comparação. A cidade era o lugar das *coisas modernas*, sinônimo de progresso, e o campo o lugar do atraso e precariedade. Aqui não se fazia acepção de etnia mas de condições de apropriação de bens materiais e acesso à cultura civilizadora dos centros urbanos.

A preocupação das autoridades estaduais em relação a modernização da agricultura foi acentuada na década de 1960 no governo de Celso Ramos com a realização do Plano de

---

<sup>30</sup> SANTOS, Nélvio Paulo Dutra. *Trentinos em Nova Trento: a evolução econômica de Nova Trento 1875 – 1960*. Florianópolis, 1993. Dissertação (Mestrado em História). UFSC, Florianópolis, p.236.

<sup>31</sup> Relatório dos negócios administrativos do município de Nova Trento referente ao ano de 1968. Arquivo da Prefeitura de Nova Trento.

Metas do Governo- PLAMEG I e PLAMEG II com Ivo Silveira, em 1964. Os dois planos envidaram ações efetivas no que tange à assistência técnica ao meio rural e a questão de demarcação de terras com a criação do IRASC - Instituto de Reforma Agrária de Santa Catarina e da Associação de Crédito e Assistência Rural de Santa Catarina (ACARESC).<sup>32</sup>

A energia elétrica implantada pela Empresa de Eletrificação Rural (ERUSC) criada no mandato do governador Antonio Carlos Konder Reis, 1975, viria minimizar as diferenças possibilitando aos agricultores a aquisição de refrigeradores, aparelhos de televisão, rádios, motores elétricos para uso agrícola e doméstico. O lema do governador foi: “governar é encurtar distâncias.” Durante seu mandato foram construídos mais de dois mil quilômetros de rodovias no Estado, inclusive o asfalto ligando Tijucas, Canelinha, São João Batista e Nova Trento (prometido em palanque por ocasião dos festejos do centenário). A Criação da Fundação de Amparo à Tecnologia e Meio Ambiente (FATMA) também repercutiu nas zonas rurais do Estado que vinham sofrendo a devastação de suas matas pelo extrativismo desordenado.<sup>33</sup> Doravante o campo passaria a ser visto também como área de preservação e os agricultores tiveram que se adaptar às novas políticas de extração racional de seus recursos.

Um visitante que perguntasse quem eram aqueles homens, mulheres e crianças que apareciam na cidade esporadicamente e geralmente em grupos, sentados em carroças, *Jeeps*, Fuscas ou na carroceria de camionetes *Toyota*, receberia como resposta: *é a colonada, o pessoal do interior!* Vinham para a praça em busca recursos médicos, fazer compras, pôr em dia alguma documento na prefeitura, na sede do Sindicato dos Trabalhadores Rurais fundado em 1968 ou receber a aposentadoria do FUNRURAL (Fundo de Amparo ao Trabalhador Rural). O *ethos* camponês expressava-se na simplicidade no vestir, nos cabelos oleosos, no pente colorido que aparecia no bolso da camisa, no dinheiro enrolado no lenço, no palheiro ou

---

<sup>32</sup> JUNIOR RIBAS, Salomão (org). *Aspectos econômicos e sociais de Santa Catarina: concursos vestibulares e Carta aos Catarinenses*. Florianópolis, Editora Lunardelli, 1982.

<sup>33</sup> *Jornal Diário Catarinense*. Os Governadores de Santa Catarina. Florianópolis, 25 de novembro de 1993, p.112-113.

cachimbo, no andar descalço ou de sandálias, na dificuldade de expressão na língua nacional em função do uso do dialeto italiano ou alemão, no recato beirando a timidez e a própria postura corporal marcada pelas lides do campo: mãos calejadas, corpo arquejado em função do uso da enxada, caminhar apressado e decidido, olhar ligeiramente voltado para o chão.

Para as gerações mais jovens dizer-se ou ser caracterizado como italiano/colono tornava-se um incômodo a ser negociado com os ideais de cultura do momento. Mas, como se desfazer dos bens culturais, formadores da identidade individual e grupal e se inserir dentro de uma nova proposta de identificação?

Os lampejos de aproximação com a Itália, assumidos com a Província Autônoma de Trento, foram uma das vias de ressignificação identitária que se concretizaria com mais nitidez no decorrer da década de oitenta do século XX. Foi como que uma volta por cima pois, o novo movimento de identificação vinha de fora da realidade brasileira. Um percurso que só passou a ser trilhado quando os contatos com o exterior começaram a ser permitidos pelo regime militar e as condições para uma reaproximação com os imigrados era possível por parte da Itália, mais especificamente pela Província de Trento.

A elaboração da identidade que estava sendo gestada neste período suscitaria, trinta anos depois, inquietações como as do redator do *Novo Jornal* de Nova Trento, Ademar Prada:

Nós somos todos neotrentinos. Trentinos foram nossos primeiros desbravadores que tiveram que destruir para construir. Este tempo já passou. Vivemos no limiar de um novo século. De um novo milênio. Qualquer coisa está bom? Volta as cavernas também estaria? Inveja e maledicência e similares seria folclore? Tradição? Vergonhoso folclore? Vergonhosa tradição?<sup>34</sup>

Os discursos do Centenário justificavam os questionamentos quando reconheciam a importância que os italianos, também denominados como ítalo-brasileiros, representavam na

---

<sup>34</sup> *Novo Jornal*, n°18, p.06. 22/09/95. Nova Trento.

formação da sociedade. As estratégias que seriam empregadas para valorizar os descendentes dentro da própria cidade e fora dela seriam construídas lentamente buscando-se resgatar valores culturais que iam da culinária a caracterização moral do típico italiano. Interrogações pertinentes sobre este momento podem ajudar a pensar a fragilidade dos discursos e práticas naturalizadoras da construção (invenção) daquilo que seria apontado como padrão característico. Que momento ou fase da história dos imigrantes foi selecionado para se resgatar estas características no intervalo temporal de mais de um século? Que pessoas foram focadas? Que interesses justificam as ações que buscam exaltar os imigrantes e seus descendentes?

O fato de as pessoas ocuparem, como grupos identitários, espaços dentro das estruturas organizacionais do Estado, supõe sua sujeição ao aparato jurídico, de vigilância e sanções. Será o olhar do Estado que irá arbitrar sobre a conveniência de determinadas formas de organização de grupo sociais dentro de seus domínios sugerindo ou impondo estratégias de qualificação ou desqualificação de identidades.

Será nesta ótica que os discursos instituidores de identidade irão buscar novos perfis para inseri-los no contexto vivido de então. No período compreendido entre as décadas de 50 a 60 do século XX, buscou-se resgatar os diversos tipos de brasileiros através da folclorização das diferenças. Os Estados foram representados por tipos humanos pitorescos que sintetizavam a sua essência através da indumentária, gastronomia e alguma atividade econômica predominante, como os gaúchos sul-riograndenses, os caboclos mineiros, os sambistas cariocas, os caipiras paulistas, os vaqueiros nordestinos, as negras bahianas com suas saias rodadas, os pescadores açorianos catarinenses.<sup>35</sup>

Em Santa Catarina, a partir do fim da Segunda Guerra Mundial, os investimentos simbólicos faziam-se no sentido de apresentar o Estado como o resultado de uma combinação

---

<sup>35</sup> *Coleção Brasil, Histórias, Costumes e Lendas*. (20 fascículos) Rio de Janeiro: Editora Três, s.d.

de diversas etnias. Em 1948, na gestão do governador Aderbal Ramos da Silva (1946-1950) foi criada a Comissão Catarinense de Folclore, que objetivava desenvolver pesquisas sobre o folclore catarinense. Suas conclusões eram publicadas nos Boletins da Cultura Catarinense de Folclore que divulgavam estudos sobre os diversos tipos de elementos sociais e manifestações culturais responsáveis pela formação da cultura estadual. A tônica dos estudos recaía sobre a povoação litorânea. O esquadrinhamento das figuras dos típicos açorianos, alemães, italianos, poloneses, com as configurações das diferenças regionais específicas será utilizado para instruir o discurso do *catarinensismo* no princípio da década de 1970 que apresentava Santa Catarina como um mosaico de culturas. A criação do Departamento de Cultura, no governo de Heriberto Hulse (1958 - 1961) entre outras ações, promoveu cursos de Fundamentos da Cultura Catarinense no interior do Estado. Já na gestão de Ivo Silveira, (1966-1971) seria instituído, o dia 22 de agosto de 1969, como o Dia do Folclore.<sup>36</sup>

Nas escolas, os materiais didáticos reproduziam textos com as lendas do folclore brasileiro, os cardápios típicos de cada região, as danças e manifestações culturais. A série “Vamos Estudar?” elaborada por Theobaldo Miranda Santos em 1959, trazia como unidades de estudo: a história, as riquezas, as lendas e as tradições do Estado. Como tipos regionais associados a atividades econômicas citava o ervateiro explorador dos ervais, o madeireiro cortando pinheiros, o campeiro cuidando do gado, o tropeiro conduzindo as tropas de burros carregados de mercadorias e os pescadores que “dedicam-se somente à pesca ou cuidando, nas horas vagas, de pequenas plantações.” Apontava como colonos, sem fazer menção a alguma etnia, aqueles que plantavam e colhiam café.<sup>37</sup> No capítulo sobre as “festas populares”

---

<sup>36</sup> Um estudo retrospectivo sobre as políticas de valorização da cultura catarinense pode ser encontrado na obra de JAMUNDÁ, Teobaldo Costa. *Catarinensismo*. Florianópolis: Ed. UDESC-Edeme, 1974.

<sup>37</sup> SANTOS, Theobaldo Miranda. *Vamos Estudar?* 3ª Série Primária, Edição especial para o Estado de Santa Catarina. Rio de Janeiro: Livraria Agir Editora, 1959, p.94-95.

Na bibliografia o autor aponta como fonte de consulta das ilustrações os desenhos do livro “Tipos e Aspectos do Brasil” do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística.

descrevia como as mais proeminentes: o fandango, a romaria da Trindade, as festas do Espírito Santo, Natal e Ano Bom.<sup>38</sup>

No ano do centenário, o país estava sob a ditadura do regime militar iniciada em 1964 com imposição do Ato Institucional nº5 (AI5), que promoveu o fechamento do Congresso, suspendeu direitos políticos, censurou a imprensa, perseguiu e torturou os opositores. No âmbito administrativo foi implementada uma modernização autoritária do país:

O aprofundamento do autoritarismo coincidiu com, e foi amparado por, um surto de expansão da economia – o festejado “milagre econômico” – que multiplicou as oportunidades de trabalho, permitiu a ascensão de amplos setores médios, lançou as bases de uma diversificada e moderna sociedade de consumo, e concentrou a renda a ponto de ampliar, em escala inédita no Brasil urbanizado, a distância entre o topo e a base da pirâmide social.<sup>39</sup>

Em 1975, a presidência da República era ocupada pelo general Ernesto Geisel (1974-1979). O temor do nazi-facismo estava longe de cogitação. Vivia-se o momento da exaltação dos feitos do governo. Os desgastes políticos acumulados pelo Regime Militar ensejavam mudanças que começavam a aflorar com o processo de Abertura. Espaços para atuação de entidades de cunho social e filantrópico, nacionais e estrangeiras que não representavam ameaça à Lei de Segurança Nacional estavam sendo abertos. Nas comemorações do centenário na cidade de Caxias do Sul, em 1975, por exemplo, o Presidente da República e comitiva fizeram-se presentes *levando seu abraço aos filhos dos imigrantes*. Entre as autoridades da comitiva encontrava-se o vice-ministro de Relações Exteriores da Itália, Francesco Cattenel, e o embaixador Georgio Oliva. A festa do centenário começou com o rito simbólico do hasteamento simultâneo das bandeiras do Brasil, da Itália e dos 25 municípios

---

<sup>38</sup> Idem, p.98-100

<sup>39</sup> ALMEIDA, Maria Hermínia Tavares de & WEIS, Luiz. Carro-zero e pau-de-arara: o cotidiano da oposição de classe média ao regime militar. In: SCHWARCZ, Lília Moritz (org). *História da vida privada no Brasil: contrastes da intimidade contemporânea*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998, p.20.

que integravam a região da colonização italiana.<sup>40</sup> O simbolismo do cerimonial veiculava a idéia de harmonia e integração nacional.

É neste âmbito que os discursos das comemorações serão melhor compreendidos. O Brasil é concebido como um cadinho onde acontece a mistura das etnias. Aqui o convívio se dá sem conflitos e produz um resultado miscigenante. Culturas heterogêneas fundem-se formando a homogênea cultura brasileira almejada pelo regime militar e defendida nas obras de Gilberto Freire e Darcy Ribeiro. Sem negar os conflitos ocorridos com a aproximação das três raças, Ribeiro assim sintetizava processo de formação da "cultura brasileira":

Composta como uma constelação de áreas culturais, a configuração histórico-cultural brasileira conforma uma cultura nacional com alto grau de homogeneidade. Em cada uma delas, milhões de brasileiros, através de gerações, nascem e vivem a sua vida encontrando soluções para seus problemas vitais, sua humanidade e sua brasilidade.<sup>41</sup>

O Brasil é o lugar onde para quem trabalha e não protesta, o progresso acontece no binômio da lógica formal expresso no cartaz comemorativo: “Boa gente, boa terra”. O país da expectativa: “Nós confiamos nesta terra”. Walter F. Piazza, membro da Comissão Catarinense de Folclore, fiel ao pensamento da época, descrevia a *exata figura antropológica do neotrentino* como a mistura de elementos de origem italiana (*o grande mesclador*), poloneses, alemães e uma pequena leva de retirantes nordestinos vindos em 1877/78.<sup>42</sup> No seu discurso a preocupação em apresentar a cidade como um lugar onde as etnias interagem sem conflitos é evidente. Escreve Piazza: “Nova Trento tornou-se o *funding-pot (o local propício para a fusão, a boa terra)* ideal para a integração desses heterogêneos elementos (*boa gente*) na amálgama brasileira.” (grifos meus)

<sup>40</sup> *Jornal de Santa Catarina*, Blumenau, 21/05/1975, p 07.

<sup>41</sup> RIBEIRO, Darcy. *O Povo Brasileiro: a formação e o sentido do Brasil*. 2.ed, São Paulo: Companhia das Letras, 1996, p. 254.

<sup>42</sup> A brilhante trajetória de Nova Trento e sua participação no desenvolvimento de Santa Catarina. In *Revista do Sul*, 1975, p.45 (página avulsa do meu arquivo pessoal sem editora e cidade de edição)

No afã de representar o descendente, categorizado como ítalo-brasileiro, buscaram-se as qualidades que brotam de suas raízes européias quando não da comparação com os ‘outros’ brasileiros (brasiliani). A descrição do italiano de Rodeio em 1975, por exemplo, apresentava como características valorativas :

Simples, bom, bonito e hospitaleiro, sobejam nele qualidades características de seus antecessores, que lhe dão um caráter de dignidade pessoal: a alegria, o trabalho e a religiosidade, habituado a uma vida modesta, condicionada ao meio físico natural, o que lhe falta em abstenções, sobra-lhe em higiene, saúde, força, resistência e valor moral.<sup>43</sup>

Por sua vez, Walter Mendonça, comentando a fundação da Banda Pe. Sabbatini no artigo intitulado “Do Trentino a Nova Trento”, descrevia o neotrentino em 1994 como gente laboriosa, simpática, alma eminentemente romântica e musical como uma de suas principais características (...)<sup>44</sup>

Junto com os valores morais, os descendentes de italianos vão ser associados a vestimentas e comidas típicas. Desta forma, complementava-se a confecção do elemento ítalo-brasileiro na formação dos tipos antropológicos, folclóricos, que contribuíram para cristalizar a teoria da mistura homogeneizadora das raças na formação da nação brasileira. A estratégia de representar o italiano brasileiro como um elemento perfeitamente adaptado à cultura nacional, no entanto, trazia no seu âmago a dicotomia de tornar visível sua diferença em relação aos demais.

Por ocasião do centenário, o município de Nova Trento, tinha 11.500 habitantes. Três pequenos hotéis, delegacia de polícia, agência dos correios, agência de telefonia (Telesc), posto de saúde, agência da Associação de Crédito e Assistência Rural de Santa Catarina (ACARESC), um ginásio de esportes, um colégio estadual, um jardim da infância, três

---

<sup>43</sup> Centenário de Rodeio. In: *Jornal de Santa Catarina*, 30/10/75, p.05

<sup>44</sup> *Novo Jornal*. Junho 1994, nº 16 p.02. A Banda fundada pelos colonos e o jesuíta Pe. Ângelo Sabbatini em 25.05.1890 tinha por finalidade, conforme seus estatutos: *abrilhantar os cultos e festas religiosas e nacionais de legítima instituição*.

consultórios odontológicos, cartório de registro de imóveis, o hospital Imaculada Conceição, a Igreja Matriz, 14 capelas, um seminário feminino (Irmãzinhas da Imaculada Conceição) e dois masculinos (padres jesuítas), três pequenas bibliotecas escolares, 3 farmácias, 3 postos de gasolina, 4 alfaiatarias, 2 açougues, 1 indústria de fogos de artifícios, 6 de móveis, serrarias e engenhos de farinhas de mandioca. A agricultura e a qualidade da mão-de-obra para a construção civil eram a base da economia municipal.<sup>45</sup> No âmbito político o poder revezava-se no sistema nacional bipartidário representado pela Aliança Renovadora Nacional (ARENA) e Movimento Democrático Brasileiro (MDB).

A cidade adequava-se às exigências da época e continuava a incorporar nos seus modos de organização aquilo que era comum a qualquer outra. Chama a atenção na descrição das estatísticas da cidade a informação de que esta era *servida por uma churrascaria em estilo moderno*<sup>46</sup>. O churrasco não fazia parte do cardápio cotidiano dos neotrentinos e era servido, sim, em festas ou em ocasiões especiais.<sup>47</sup> A comida especial preparada aos domingos era a galinha ensopada ou assados de forno ou panela de carne de porco ou boi. Comer na churrascaria significava distinção e elevado status social. Não encontrei nenhum material de divulgação deste período que fizesse menção a restaurantes ou hotéis que servissem comida com a denominação de típica italiana. É sabido, porém que nos três hotéis a comida servida no café da manhã, almoço ou janta era preparada, em geral pelos próprios proprietários, com base na culinária local, muito embora não fosse adjetivada como típica. Era, sim, a comida cotidiana dos moradores da cidade. As poucas famílias que podiam e que começavam a buscar a comodidade de almoçar em restaurante procuravam pratos diferentes daqueles produzidos em casa. É importante lembrar que não fazia parte do *habitus* dos moradores da cidade fazer as refeições dominicais fora de casa. O domingo, pela doutrina cristã era o dia

---

<sup>45</sup> *Jornal de Santa Catarina* 14/07/1975. p.04.

<sup>46</sup> *Idem*, p.04.

<sup>47</sup> Não foi possível precisar o ano, porém o churrasco é citado como comida principal das festas de igreja na década de trinta do século XX.

estar na presença de Deus e com a família. Almoçar fora de casa também significava despesas pois as famílias eram compostas, em geral, por mais de seis pessoas.

A comida produzida em casa também representava um elo de ligação com o passado. “A comida étnica representou, sobretudo nos primeiros tempos da imigração, uma ponte para a terra de origem, a manutenção de um paladar, assim como uma afirmação de identidade.”<sup>48</sup> Como tarefa predominantemente feminina era preparada pelas mãos das mães, nonas ou tias. Não raramente ainda ouço dizer: “manhar bom léra quel della mama, della nona. Questi ani si se fêa manhar. E que bom que léra. Forse é perque avevem fam!” (Comida boa era aquela que minha mãe ou nona fazia. Naquele tempo, sim, é que se fazia comida. E que boa que era. Talvez é porque tivéssemos fome!)

Gabriel Bolaffi<sup>49</sup> diz que na arte da cozinha não existem segredos, pois nela tudo o que não é tradição é invenção e inovação. Considerando este ponto de vista e as apropriações culinárias de gêneros alimentícios encontrados no Brasil pelos imigrantes, é possível rascunhar um cardápio que veio a ser consagrado como típico colonial, sem contudo ser exclusivamente italiano: café torrado e socado com pilão, farinha de mandioca, leite, queijo, queijinho (conhecido também como *puina*), pão de milho com trigo ou batata cará, mus (doce de fruta), mel de abelha, melado, açúcar mascavo, manteiga, *menestra* (um preparado à base de feijão com massa ou arroz semelhante a uma sopa espessa), polenta, arroz, verduras, aipim, ensopados de carne de porco, de galinha ou boi, peixes de água doce fritos, vinho de uva ou de laranja (no dialeto, *sbrega djaquête* - rasga jaqueta), bolinhos de fubá, polenta, macarrão caseiro (*taidêlle*), *crauti* (chucrute, de origem chinesa!), *fortáia* (fritado de queijo, ovos, tomate), nhóqui de folhas de taiá, os *grôstoli* (massa doce de trigo dobrada e frita, popularmente conhecida como cavaquinho ou cueca-virada). Estes e outros pratos faziam

<sup>48</sup> FAUSTO, Boris. Imigração: cortes e continuidades. In: SCHWARCZ, Lilia Moritz (org). *História da vida privada no Brasil: contrastes da intimidade contemporânea*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998, p.37.

<sup>49</sup> BOLAFFI, Gabriel. *A saga da comida*. Receitas e História. Rio de Janeiro: Record, 2000, p110.

parte do cardápio cotidiano neotrentino - uma mescla dos hábitos alimentares das regiões de origem adaptados com o emprego de produtos da nova terra. Os produtos para sua elaboração faziam parte da economia doméstica e eram cultivados pela maioria das famílias, inclusive as que residiam no perímetro urbano, em pequenas roças e hortas; nas pocilgas e estrebarias localizadas nos fundos das propriedades onde eram criados porcos, gado leiteiro e galinhas.

A necessidade de especificar e associar as comidas produzidas na colônia com aquelas das regiões de origem justificará a seleção de alguns pratos que caracterizarão uma típica mesa italiana. Serão as festas, ditas de etnias, as promotoras desses cardápios identitários ressaltando uma fartura diferente daquela vivida nos primeiros anos da colônia. A mesa dos colonos poderia até ser farta, porém, pautada pela moderação beirando o exagero em função das famílias numerosas e a escassez de alguns produtos.

As atrações da cidade divulgadas por reportagens jornalísticas e pelos primeiros folders de divulgação turística da cidade eram: o vinho, feito com técnicas dos colonizadores; o Santuário de Nossa Senhora do Bom Socorro, sempre citado com destaque; o grande número de vocações sacerdotais e religiosas; o berço da congregação religiosa das Irmãzinhas da Imaculada Conceição, fundada por Amábile Visintainer, a madre Paulina, (primeira santa brasileira reconhecida pelo Vaticano, em 19 de junho de 2002) e, finalmente, a excelência e abundância da mão de obra para construção civil, fazendo o município ser conhecido como Cidade dos Pedreiros.<sup>50</sup>

A religiosidade continuava em alta sendo coroada com freqüentes ordenações sacerdotais e consagrações em ordens religiosas masculinas e femininas. Esta valorização da vida religiosa institucional já era observada em 1957 quando o Anuário Inaciano, uma publicação dos Jesuítas, trazia como destaque: “Novo Viveiro de Vocações aos Pés de Dum

---

<sup>50</sup> Os dados do censo 2000 apontam as atividades na construção civil como a 3ª fonte de arrecadação do município, com 567 pessoas ocupadas no setor sendo superado pela agricultura e pequenas indústria de transformação. In: [www.ibge.gov.br](http://www.ibge.gov.br) colhido em 22.06.2003.

Santuário”. Descrevia a cidade como limpa, poética e progressista, habitada por um povo laborioso e profundamente religioso.<sup>51</sup> Não só os padres da Companhia de Jesus, mas diversas ordens religiosas, entre elas os Irmãos Maristas, os padres da Consolata, padres de Nossa Senhora de Sion, mantinham promotores vocacionais encarregados de fazer contato com os jovens e levá-los a conhecer seus seminários ou juvenatos masculinos e femininos de outras ordens religiosas. Em 1975 o Jornal “Lar Católico,” em matéria assinada pelo Pe. Oscar Hartmann, trazia como manchete: “Nova Trento já deu à Igreja 198 sacerdotes e religiosos.” Apontava como responsável de tal número o trabalho dos jesuítas da Província Romana que “deitaram as bases sólidas duma profunda religiosidade popular” em noventa anos de presença na cidade.<sup>52</sup> A Igreja colhia o fruto de uma bem pensada estratégia de evangelização da cidade pautada na disciplina jesuítica. A presença dos jesuítas na cidade desde 1879, estava em sintonia com as diretrizes do Concílio Vaticano I, que buscou recuperar terreno frente a modernidade. A romanização era uma resposta às reformas em curso na Europa do século XIX. A Igreja enfraquecida pelas idéias liberais da chamada civilização moderna, buscava fortalecer-se através do culto à figura do Papa, representante infalível de Deus na terra, na formação de novas ordens e congregações, na valorização dos ritos e práticas devocionais, bem como a participação freqüente dos sacramentos, confissão e eucaristia, em especial.<sup>53</sup>

Uma forma de sacralizar o cotidiano e integrar todos as faixas etárias foi a implementação das associações que congregavam distintamente, meninos, meninas, moços, moças, homens e mulheres. Na Arquidiocese de Florianópolis, segundo levantamento feito por Marlene de Fáveri, de 1942 a 1944 havia 216 grupos que se reuniam em associações como o Apostolado da Oração, Pia União das Filhas de Maria, Congregação Mariana, Congregados Marianos. “Um espanto: em Nova Trento, no mesmo ano 1942, o relatório

---

<sup>51</sup> *Anuário Inaciano*, Porto Alegre, Gráfica Metrópole, 1957, p.190.

<sup>52</sup> *Jornal Lar Católico*, 12.01.1975, p.4

<sup>53</sup> MICELI, Sergio. *A elite eclesiástica brasileira*. Rio de Janeiro: Ed. Bertrand Brasil, 1988, p.11-12.

mostra 2.450 associados(as) no Apostolado da Oração!! E numa população de 9.834 habitantes, o que significa um terço da população!”<sup>54</sup> Antes disso, já em 1901, o padre Ganarini, registrava a impressionante cifra de 1200 associados e que se traduzia em 2000 confissões mensais, que justificavam a mudança na moral, na piedade e no fervor após a vinda dos padres jesuítas para cidade.<sup>55</sup>

Argumenta Marques que “as associações religiosas preenchem parte do tempo das pessoas da cidade. Cada faixa etária voltava-se para um compromisso religioso: sacramentos e associações.”<sup>56</sup> Informava, também, quem na cidade havia as seguintes associações: Pia União das Filhas de Maria, de onde surgiu a congregação das Irmãzinhas da Imaculada Conceição em 1886; o apostolado da Oração, na cidade desde 1887: os Congregados de São Luiz Gonzaga (os Luigini), que deu lugar aos Congregados Marianos e seu equivalente feminino, a Congregação Mariana nas quais ingressava-se após a 1ª comunhão; a Ordem Terceira de São Francisco. Além das Irmãzinhas, outra ordem de existência efêmera foi fundada sob a influencia dos jesuítas: trata-se da Congregação dos Irmãos do Santíssimo Coração de Jesus, popularmente conhecida como Robertinos, nome derivado de seu fundador, o ex-seminarista Roberto Facchini. Os Irmãos auxiliavam na manutenção da igreja e casa paroquial, acompanhavam os padres nas visitas pastorais pela paróquia, acolhiam crianças pobres, embriagados e atuavam na instrução das crianças. Fundada em 1900, a ordem não recebeu novos seguidores. Em 1906 encerrou suas atividades pois dos doze membros que haviam iniciado a obra só três permaneceram e foram assumidos nos seminários jesuítas. Os

---

<sup>54</sup> FAVERI, Marlene de. *Memórias de uma (outra) guerra*. Cotidiano e medo durante a Segunda Guerra em Santa Catarina. Florianópolis, 2002. Tese (Doutorado em História). Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, p.126-127.

<sup>55</sup> GANARINI, Arcângelo. Impressões de viagem. In: PIAZZA, Valter Fernando. *Nova Trento*. Florianópolis, 1950, p.149.

<sup>56</sup> MARQUES, Ana Maria. *Nova Trento (in)canto de fé*. Itajaí: Ed. Univali, 2000. p. 86.

demais haviam desistido alegando a falta de apoio da comunidade e a dureza da vida que levavam a ponto de terem que pedir esmolas para a manutenção da obra.<sup>57</sup>

Seguir a carreira religiosa continuou sendo uma opção de vida e de ascensão social bem quista pelas famílias e pelos jovens. Era comum as famílias terem um ou mais filhos estudando para ser padre, irmão ou irmã. O papel da igreja foi de suma importância para a construção de uma cultura de valorização da escolarização e formação intelectual das crianças e jovens trentinos. A convivência com a cultura humanista dos seminários e juvenatos trouxe para dentro dos lares a importância do estudo como possibilidade de ascensão social. Quem permanecia na vida religiosa era respeitado pela capacidade intelectual e por levar uma vida considerada boa, não precisando trabalhar na roça e cuidar da família. Os egressos da vida religiosa, por sua vez, encontravam boas colocações como funcionários públicos, professores e outras atividades, que os afastavam das duras lides nos trabalhos na agricultura ou construção civil.

O dialeto trentino continuava sendo praticado em muitas famílias, nos bares, nos locais de trabalho e alojamentos (barracos) de pedreiros que trabalhavam fora da cidade. Aprendia-se a falar no âmbito familiar ouvindo e reproduzindo, ou como se diz na expressão dialetal: *magna parole* (come palavras). Não havia escolas de língua italiana ou de dialeto trentino. No espaço das escolas o dialeto não era incentivado, constituindo-se uma característica distintiva entre os alunos moradores da praça e aqueles que vinham dos bairros próximos ao centro (onde aquela língua era mais utilizada na comunicação familiar). O forte sotaque e a mistura de palavras do dialeto com o português causava dificuldades na comunicação e era motivo para chacotas dos colegas e até mesmo dos professores. A vergonha de falar o dialeto, bem como os incômodos que isso acarretava, fez com que fosse cada vez menos usado: “Por incrível que pareça, os jovens de hoje, além de não falarem o dialeto trentino, nem o

---

<sup>57</sup>Idem, p.47-48.

compreendem mais. Os pais de Nova Trento não repassaram para seus filhos este rico linguajar que recebemos de nossos imigrantes,” lamentava o professor neotrentino Cily Dadam.<sup>58</sup> No mesmo tom o redator do *Novo Jornal*, Ademar Prada, também manifestou sua preocupação:

Porque, nossas escolas não têm em seu currículo a língua italiana? Quantos neotrentinos jovens ainda falam italiano? Muitos? Ótimo. Quantos escrevem? Sem comentários. A língua primeira está morrendo por culpa de todos. Quem tem o dever de conduzir deve conduzir. Proteger o patrimônio lingüístico é proteger a história, as tradições, a cultura, as raízes. É obrigação que se impõe a todos.<sup>59</sup>

Falar a língua portuguesa com o sotaque carioca dos locutores das rádios ou dos artistas da Rede Globo tornava-se imperativo para excluir-se da categoria pejorativa dos *grossi, dei coloni de su per il interior* (grossos, colonos do interior) e integrar-se com mais facilidade aos moradores do centro, *da praça*. Os meios de comunicação como o rádio e a televisão, já faziam-se presentes na cidade e divulgavam as músicas e notícias ouvidas em nível nacional. Veiculavam a cultura das grandes cidades, como Rio de Janeiro e São Paulo, especialmente ditando modos de falar, vestir, pentear, etc., que eram copiados e adaptados ao modo de vida da cidade. Desde a copa do mundo de futebol de 1970, muitos aparelhos de televisão integravam a mobília dos lares neotrentinos. O canal sintonizado era a TV Coligadas,<sup>60</sup> canal três, de Blumenau, retransmissora da rede Globo do Rio de Janeiro. Além de programas ao vivo, produzidos em Santa Catarina, a Coligadas fazia chegar aos receptores as famosas séries como: Sessão Pastelão, Os Três Patetas, A Noviça Voadora, Jeanny é um Gênio, Jovem Centenário, A Feiticeira, O Cavalo de Ferro, Os Violentos, Rota 66, As Noivas Chegaram, O Rei dos Ladrões, Tempera de Aço, Jornada nas Estrelas. E as novelas: A cabana

<sup>58</sup> *Folha de Nova Trento*, ano 1, nº 9, setembro de 2001.

<sup>59</sup> *Novo Jornal*, janeiro 1994, nº 8 p.07.

<sup>60</sup> Sobre as programações deste canal televisivo, ver: TOMAZONI, Joni César. A História da TV Coligadas de Blumenau. In: SOUZA Carlos Alberto de, SILVEIRA Jane Cardozo da (org). *Impressão de Jornalista: a arte de contar história*. Itajaí: Ed. UNIVALI, 2001.

do Pai Tomás, Verão Vermelho, Véu de Noiva, Pigmalião 70, Selva de Pedra, A Patota, Uma Rosa com Amor, O Bofe. Em 1973 transmitiu a primeira novela em cores: O Bem Amado.

A absorção de novos hábitos com a aquisição dos confortos trazidos pela tecnologia da época (geladeira, rádio, TV, automóveis, telefone, eletrificação rural, máquinas agrícolas...) fazia a cidade parecer como qualquer outra cidade do país. A foto da moça que ilustra o cartaz do centenário, como já descrevi, se fosse tomada individualmente, poderia ser confundida com outras tantas jovens do Brasil. O *folder* que divulgou a programação da festa também trouxe estampados rapazes com cabelos compridos, calças boca de sino, cinturão, camisas curtas e coladas ao corpo. Motivadas pelas bandas de rock inglesas ou americanas e pela Jovem Guarda, é formado o conjunto (banda) “Os Italianinhos” no início da década de setenta do século XX (foto 6 e 7). O conjunto tocava nos bailes, *domingueiras e encontros* da cidade e região. “Pra conseguir a gente pra tocar era preciso reservar no início do ano. A gente tocava todos os fins de semana e tinha que marcar com antecedência,” declarou-me o baterista Rosimar Orsi.<sup>61</sup>

---

<sup>61</sup> Entrevista informal concedida, no bar Canto das Lagoas, em 19.07.2003. Os músicos, jovens de dezoito anos em média, eram também integrantes da banda Padre Sabbatini fundada em 1890 pelo padre jesuíta Ângelo Sabbatini para atender as funções religiosas.



Figura n.6. Os Italianinhos. Fonte: arquivo pessoal de Ademar Darós, Nova Trento.



Figura n.7. Os Batuskelas. Fonte: Arquivo pessoal de Ademar Darós, Nova Trento.

Anos depois o conjunto assumiria o nome de Os Batuskelas com a seguinte formação:

guitarra, contra-baixo, bateria e pianola (piano elétrico precursor dos atuais teclados), saxofone e uma vocalista. Reproduziam as músicas do momento e não música folclórica ou italiana dos cantores românticos da época, como Pepino di Capri, Sérgio Endrigo. O grupo desfez-se em meados da década de 1980 em virtude da saída dos músicos para trabalhar ou estudar fora da cidade, dificultando a reunião para os ensaios e apresentações.

As cantigas italianas eram entoadas pelos idosos em momentos de festa e serenatas, geralmente na efusiva alegria da embriaguês. O ciclo das festas natalinas reunia um número maior de canções que permaneceram vivas até a atualidade. “As novas gerações, praticamente desconhecem as velhas canções italianas, com raras exceções,” dizia Victorio Ledra<sup>62</sup> em pesquisa de campo realizada em Nova Trento, Botuverá, Ascurra, Brusque e Siderópolis, para a impressão de uma coletânea de cem músicas do folclore italiano.

A fama de cidade do vinho devia-se a produção familiar, com técnicas artesanais aprendidas dos antepassados, sendo característica tanto da área urbana quanto rural. Fazia-se vinho *para o gasto* e para ofertar às visitas ou presentear pessoas que de alguma forma haviam sido importantes para a família, como os médicos, o padre, funcionários públicos, etc. Levado para fora da cidade por visitantes, pelos pedreiros e pelos religiosos, ou vendido por algumas famílias que possuíam excedente em função de áreas maiores de cultivo, o vinho era um produto que caracterizava a cidade, associando-a aos italianos. Adjetivos como o de *vinho de verdade*, *vinho colonial*, *vinho dos talhanos* e o uso de técnicas antigas serviam como garantia de autenticidade e qualidade do produto.

Mesmo assim, o vinho não era e não é a única bebida alcoólica consumida na cidade. Aliás, se Nova Trento era conhecida como a cidade do vinho, isto não significava que o seu

---

<sup>62</sup> LEDRA, Vitério. *Cancioneiro do Imigrante Italiano*. Brusque: Edição da Gráfica Mercúrio LTDA, 1975.

consumo tenha sido exclusivo ou mesmo majoritário. Perguntei aos proprietários de cinco bares da cidade qual o consumo mensal de cachaça, vinho e cerveja, e a soma dos resultados surpreende pela quantidade do consumo de cachaça. Curiosamente o vinho ocupou a posição abaixo da cerveja na preferência dos consumidores<sup>63</sup>:

**Tabela I**  
**Consumo de bebidas alcoólicas em cinco bares de Nova Trento – maio de 2003**

Tipo de bebida	Consumo mensal
Cachaça	860 litros
Cerveja	85 caixas de 24 garrafas
Vinho	30 a 40 litros

A cachaça e a cerveja, consumidas nos bares ou em casa, contribuíam para a manutenção de um vício condenado pelos padres já em 1890, pelo Pe. Ganarini<sup>64</sup> como os *devotos de Baco*, pelas esposas e mães: o alcoolismo no meio masculino.<sup>65</sup> Por ocasião da visita de uma comitiva de trentinos na década de 1980, num dos bares da cidade, um neotrentino perguntou se na Itália o pessoal também bebia. A resposta tornou-se motivo de comentários jocosos, mas manifestou o sentimento do visitante diante dos excessos que observou: “lá se bebe mas aqui vocês se matam.”

De acordo com percurso percorrido até o momento, a cidade e a população que seria exposta nos festejos do centenário não era consensual, homogênea e estática como um *pedaço da Itália* cristalizado no Brasil. Sua exposição passaria pelo crivo da equipe promotora do

<sup>63</sup> Os valores são aproximados. Os bares são: Bar do Pinga (Geraldo Gessele), Bar do Pinho (Altair Orsi), Bar do Virgílio Darós, Bar do Zéca (José Marchiori), Bar do Elias Minatti (este no bairro Salto). As informações foram prestadas pelos proprietários. Segundo eles a cachaça é consumida no bar e a maior parte é levada para casa em garrações ou garrafas. A origem do produto é o município de Luiz Alves, também colonizado por europeus (Itália e Alemanha) e é conhecida como a capital catarinense da cachaça. O consumo de vinho é mais freqüente nos meses de inverno.

<sup>64</sup> GANARINI. Op.cit.p.150

<sup>65</sup> Voltarei a abordar este assunto com mais detalhes no segundo capítulo.

evento. A comissão organizadora foi composta por Eurides Batisti, prefeito e presidente, Inácio Dell'Antonio, secretário, Pedro Piva Junior, tesoureiro e Moisés Mazzola, coordenador. Dizia a reportagem do Jornal de Santa Catarina que a maior preocupação da comissão foi a de conscientizar a população da importância da comemoração e do possível benefício que traria ao município. Na mesma reportagem, o apelo do prefeito era o de que as pessoas cuidassem do aspecto externo de suas residências e jardins, para que os visitantes tivessem uma boa impressão da cidade<sup>66</sup>.

Nova Trento, na semana de 18 a 27 de julho, mudou seu aspecto para comemorar o Centenário da imigração. A programação das festividades contou com missa festiva, desfile de estudantes acompanhados pelo som da fanfarra do colégio Francisco Mazzola e de entidades como a banda Padre Sabbatini. Um espaço foi reservado para a inauguração do marco comemorativo simbólico em frente à prefeitura, exaltando a bravura dos imigrantes. O monumento continha os sobrenomes das famílias pioneiras em letras metálicas afixadas sobre mármore. A inauguração contou com a presença de Mario Malossini, Presidente da Província de Trento, mas vale lembrar que nem todos os sobrenomes contemplados no marco comemorativo eram da região do Trentino.

Como a comemoração atingiu principalmente a área urbana, o prefeito pediu paciência aos moradores do interior do município pela falta de manutenção das estradas pois todo maquinário e efetivos da prefeitura estavam concentrados no centro.<sup>67</sup> Tal apelo reafirmava a idéia de que a comemoração do centenário foi inventada e orquestrada para colocar a cidade na vitrine, em especial a área urbana. A exposição da zona rural com suas estradas poeirentas, casas de madeira, estufas de fumo e roças não se coadunava com a imagem que se pretendia difundir naquele momento. O perfil dos moradores do interior, traçado pelos moradores do centro (área urbana), resumia-se numa expressão de caráter pejorativo em dialeto: *i grossi del*

---

<sup>66</sup> *Jornal de Santa Catarina*, 14/07/1975, p.04.

<sup>67</sup> *idem*

*interior* ou *i coloni*, expressão que se particularizava em algumas situações quando se tratava de nomear um bairro como, por exemplo, *i grossi da Vigol*, fazendo menção aos moradores do bairro do Vígolo. A visibilidade dada ao interior era aquela veiculada pelos produtos agrícolas que chegavam à área urbana (Praça, *Al Fero*) como produtos de colono.

Vistos pelo olhar do europeu visitante, os moradores da área rural continuaram a ser representados como pessoas toscas, que incorporavam o atraso tecnológico. Apesar disso era preciso que fossem lembrados como que para atualizar a memória das agruras da colonização e a própria ancestralidade. Esta visão é ilustrada no levantamento fotográfico feito pela Associação Trentini Nel Mondo em 1988, no livro *L'Odissea Brasiliana*, reunindo fotos de Rio dos Cedros, Rodeio e Nova Trento. As fotos revelam agricultores em seus ambientes de trabalho ou lazer, usando chapéu de palha, fumando cigarro palheiro, descalços ou com sandálias, suados, guiando carroças ou zorras, montando cavalos, manuseando ferramentas rudimentares (foices desgastadas de tanto serem limadas, enxadas, machados...). Em contrapartida, os moradores da área urbana são fotografados mostrando *i conforti* (os confortos) da cidade. Esta dicotomia gerou a seguinte expressão dialetal que manifesta um certo ar de inveja entre os moradores das duas áreas: *elo va bem perche gá tutti suoi conforti* (ele vai bem pois tem todos os seus confortos).

Na esfera das relações com o país de origem a cidade passou a despertar interesse para a até então inominada Província Autônoma de Trento. Localizada ao norte da Itália, fronteira com a Áustria, a Província ostenta este status por poder aprovar leis sobre determinadas matérias como tutela e conservação do patrimônio histórico, artístico e popular; usos, costumes e instituições culturais de caráter provincial; urbanismo e planos reguladores; artesanato, caça, pesca; turismo; agricultura, etc..<sup>68</sup> Sua economia, uma das mais ricas da

---

<sup>68</sup> LANDO, Mauro & CARLI, Paolo de. *Uma Storia iniziata tanti secoli fa*. Trento: Editado dal Consiglio della Província autónoma di Trento. Não consta ano de publicação. O processo de autonomia remontada ao século X quando o imperador romano-germânico Conrado II investiu de poderes principescos o bispo da Igreja de Trento.

Itália, está alicerçada num sistema que congrega turismo e cooperativas agrícolas nas áreas de vitivinicultura, cultura de maçãs e produção de queijos.

A inexistência de contatos com as outras províncias induz à falsa idéia de que todos os imigrantes que vieram para o atual município eram de Trento. Mesmo sem ter feito uma pesquisa quantitativa sobre o tema, percebo que é senso comum entre a população dos descendentes de italianos de Nova Trento acreditar ser a Província de Trento o local de origem de seus antepassados. As listas dos ocupantes dos lotes coloniais citadas por Grosselli<sup>69</sup> porém, desmentem a idéia. De aproximadamente 600 lotes, cerca de trezentos foram ocupados por trentinos. Os demais por imigrantes provenientes de Verona, Beluno, Vicenza, Bergamo, Milão, Cremona, Mântova, Régio Emilia, Treviso, Parma, Torino. O autor comenta ainda que a falta de listas ou registro de entrada e de saída da colônia cria grandes dificuldades para quem buscar mapear a proveniência dos imigrantes, pois o processo de colonização foi desorganizado e se prolongou por uma extensão de tempo bastante longa.

As autoridades trentinas que vieram a partir das comemorações do centenário foram portadoras de um *mea culpa*, acenando para uma dívida moral dos fratelli (irmãos) do Trentino. Na abertura do 1º Congresso Mundial da Juventude Trentina, em 1995, o assessor provincial para a Imigração, Sérgio Muraro, dizia:

Não esquecemos a dívida moral que a comunidade provincial contraiu com todos os seus filhos que, escolhendo a fatigosa estrada da imigração nos tempos em que a falta de trabalho e a miséria sufocavam nossos vales e

---

Com o final das guerras napoleônicas (1802), a paz firmada entre a Áustria, Rússia e a França manteve os poderes do principado episcopal, em função da posição estratégica que serve de corredor de passagem do norte para o Mediterrâneo e Roma. A existência do principado asseguraria que não haveria ali a formação de uma dinastia forte que pudesse interromper aquele trânsito. Em 1914-15 com o Congresso de Viena, o Trentino foi anexado ao Império Austríaco, diminuindo a autonomia que gozava até então. Após a Segunda Guerra, com o acordo assinado em 1946 entre o presidente do Conselho Italiano, Alcide De Gasperi e o ministro do exterior da Áustria, Karl Gruber assegurava-se relativa autonomia às populações de língua alemão na região do Alto Adige. Em 1948 a Assembléia Constituinte concedeu o estatuto de autonomia para a região do Trentino-Alto Adige. No início da década de setenta do Século XX, mais especificamente, em 1972, o parlamento italiano aprovou o segundo estatuto garantindo amplos poderes de autonomia às duas províncias diminuindo, porém o poder regional que continuou apresentar obrigações administrativas ao governo central.

<sup>69</sup> GROSSELLI, Renzo Maria. *Vencer ou morrer*: camponeses trentinos (vênetos e lombardos) nas florestas brasileiras. Florianópolis: Ed. UFSC, 1987, p.491-534.

nossas montanhas, contribuíram em medida significativa para o bem estar do trentino de hoje.<sup>70</sup>

Esse discurso será usado com freqüência para justificar os investimentos da Província de Trento com os descendentes de emigrados. Os pré-requisitos para receber os benefícios foram associados à comprovação da *trentinidade*,<sup>71</sup> amparada juridicamente no direito *jus sanguinis*, transmitido de pai para filho.

O tempo, a distância e diversidade de imigrantes que vieram ocupar as colônias catarinenses haviam propiciado mesclas, junções e justaposições. As associações do tipo Trentini, Trivegiani, Belunesi, Veneti nel Mondo, ao tentar agremiar os descendentes um século depois, parecem querer separar esta amálgama e especificar o que seria próprio de cada região de proveniência dos imigrantes. O processo exige muita sutileza para cindir, se é que é possível, as peculiaridades locais vividas num passado secular, com novas identidades que se constituíram distantes temporal e geograficamente, gerando novas culturas carregadas de híbridismos.<sup>72</sup>

As palavras de Giorgio Grigolli, Presidente da Província de Trento, em 1975, diziam ser importante não perder a memória dos momentos difíceis que levaram à fundação de Nova Trento. Uma cidade em terra brasileira mas com seus testemunhos atualizados por uma gente que não havia esquecido as próprias origens, as raízes antigas<sup>73</sup>. Sobre o distanciamento secular, dizia, na mesma obra, o assessor de atividades culturais Guido Lorenzi, haver uma

---

<sup>70</sup> *Revista Trentino Emigrazione*, nº10, julho-setembro, 1998, p.150

<sup>71</sup> Para definir *trentinidade* tomo emprestado o conceito de FLORES, Maria Bernadete Ramos. *Oktoberfest: turismo, festa e cultura na estação do chopp*, (1997, p.43) quando conceitua *germanidade*: tudo o que pode ser entendido como étnico por referência à idéia de origem comum, ancestralidade e herança cultural. Entendendo herança comum não como uma solidariedade prescrita, e sim como algo construído ao promover um conjunto de idéias e símbolos que reivindicam uma idéia oposta a outra.

<sup>72</sup> CANCLINI, Nestor Garcia. *Culturas híbridas*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1998.

<sup>73</sup> *Trentini Nel Mondo*. La Stória Leggendaria Dei Trentini in Brasile, Trento, abril de 1975. Edição comemorativa aos cem anos da imigração dos municípios de Rodeio, rio dos Cedros, Nova Trento e Caxias do Sul. e Bento Gonçalves.

união espiritual de sentimentos que não havia morrido com o tempo e era percebida até no nome da cidade, que repetia aquele da cidade que haviam deixado seus antepassados, talvez nunca conhecida, mas amada e presente no coração como nenhuma outra.<sup>74</sup>

Ambos falavam de sentimentos e tradições que haviam sido preservados, mas não atualizados. As discontinuidades não foram consideradas quando se tratou de reaproximar os trentinos dos neotrentinos. A cidade despertava sentimentos de fraternidade nostálgica ao lembrar de alguns valores do passado Trentino: um dialeto já em desuso, a hospitalidade, a jovialidade apesar da precariedade da vida em uma cidade latino-americana.

O encontro dos *irmãos* do Brasil com aqueles da Itália acontecia cem anos depois, não na Europa, mas na terra da imigração. Passada a novidade do primeiro momento, que tipo de rumo tomariam as duas partes? Que investimentos ambos fariam para manter os vínculos? A visita da comitiva italiana remexeu com lembranças há muito esquecidas. O território de partida passaria a se constituir um recurso disponível.<sup>75</sup> As autoridades trentinas também passaram a ver no intercâmbio com descendentes de imigrantes um recurso. Mesmo se em 1975, esta intenção não estava explícita nos discursos e apenas se percebe melhor na atualidade para onde enveredavam os investimentos que a Província de Trento fez no exterior.

As autoridades italianas e estudiosos do fenômeno da imigração que começaram a visitar a cidade traziam, um século depois, informações de uma outra terra que era denominada de *Uropa* (Europa) ou Itália pelos idosos da cidade. O século de ruptura fez com que a geração de descendentes da década de setenta do século XX não tomasse conhecimento sequer do nome das vilas de proveniências de seus antepassados na Itália. Simplesmente autodenominavam-se e eram conhecidos nas cidades vizinhas como descendentes de italianos, *talhanos* ou no dialeto trentino, *taliani*. Ainda hoje, a maior parte dos descendentes que

---

<sup>74</sup> Idem.

<sup>75</sup> POUTIGNAT, Phillippe & STRIFF-FENART, Jocelyne. Op.cit. p.163.

procuram informações para instruir processos para pedidos de dupla cidadania não conseguem dar continuidade à pesquisa por falta de uma informação básica: o nome da cidade de proveniência do primeiro emigrado. Pela via da tradição oral estas informações são muito escassas. As certidões de nascimento, casamento, óbito ou as escrituras dos departamentos de registros dos lotes de terra, socorrem o pesquisador quando busca no passado o endereço de proveniência dos antepassados. Porque as pessoas teriam esquecido ou deixado de atualizar um dado tão importante? Por ressentimento? Encontrei nos estudos de Pierre Ansart, ao pesquisar a formação da memória do ressentimento, algumas interrogações que podem ajudar na formulação de uma resposta :

Que memória conserva o indivíduo de seus próprios ressentimentos? Por outro lado, que memória conserva dos ressentimentos daquele de quem foi vítima? Que memória conserva um grupo de seus próprios ressentimentos e dos ressentimentos dos inimigos dos quais foi vítima?<sup>76</sup>

E para tentar elucidar as questões aponta quatro possíveis atitudes ou tentações que perpassam simultaneamente a memória individual e coletiva: a tentação do esquecimento, a tentação da repetição, a tentação da revisão e a tentação da reiteração, da exasperação dos ressentimentos.

No caso de Nova Trento observo que a primeira tentação é que mais se aproxima da resposta:

Freqüentemente, o indivíduo tem da tendência a evitar seus próprios ódios quando a história os tornou caducos. E, mesmo em se tratando de ódios dos quais foi vítima, o indivíduo experimenta repugnância em conhecer e explorar o ressentimento daqueles de quem foi objeto, a compreender o que é, para ele, irracional. Quando estamos nessa situação, contentamo-nos com alguns julgamentos simples que nos permitem não entrar na lógica afetiva de nossos antigos adversários e que nos bastam para condená-los.<sup>77</sup>

---

<sup>76</sup> ANSART, Pierre. História e memória dos ressentimentos. In: *Memória e (res)sentimento: indagações sobre uma questão sensível*. Tradução de Jacy Alves Seixas. BRESCHIANI, Stella & NAXARA Márcia (orgs). São Paulo: Ed. da UNICAMP, 2001.p.30 –31.

<sup>77</sup> Idem.p.31

A aparente displicência pela preservação de informações que, em geral, vêm carregadas de laços afetivos de pertença a uma determinada região, revela, em primeira mão, tamanho foi o grau de ruptura com suas vilas de origem. Não só isso! Mostra, também, como a memória dos imigrantes e seus descendentes, sofreu o silenciamento imposto pelas políticas de abasileiramento.

Halbwachs ao falar sobre os processos de formação da memória individual e coletiva afirma que:

(...) na ausência de perturbações patológicas quaisquer, pouco a pouco nos distanciamos e nos isolamos de certos meios que não nos esquecem, mas de que conservamos apenas uma lembrança vaga. Podemos definir ainda, em termos gerais, os grupos com os quais nos relacionamos. Mas não nos interessam mais porque no presente tudo nos afasta deles.(...) É porque não temos mais atenção para permanecer ao mesmo tempo em relação com esse grupo e com os outros com os quais, sem dúvida, temos uma relação estreita e mais atual.<sup>78</sup>

Na mesma linha de pensamento diz Ecléa Bosi que haveria uma ausência de elaboração grupal em torno de certos acontecimentos ou situações. A rigor, o efeito, nesse caso, seria o de esquecer tudo o que não fosse atualmente significativo para o grupo de convívio da pessoa. É o que acontece com fatos que não foram testemunhados e que por isso se perdem, porque não costumam ser objeto de conversa e de narração, a não ser excepcionalmente.<sup>79</sup>

Em Nova Trento, bem como nas cidades que sofreram a repressão imposta pela violência, explícita e implícita, das campanhas de nacionalização, a memória foi forçada ao esquecimento individual e coletivo de liames afetivos com a terra de proveniência. Esta “opressão da memória”, diz Marilena Chauí, “não acontece somente porque lhes foram roubados os suportes materiais mas por outra ação mais daninha e sinistra que sufocou a

---

<sup>78</sup> HALBWACHS, Maurice. *A memória coletiva*. Tradução de Leon Shaffter. São Paulo: Ed. Vértice, Ed. Revista dos Tribunais Ltda, 1990, p.33.

<sup>79</sup> BOSI, Ecléa. *Memória e sociedade: lembranças de velhos*. 2.ed. São Paulo: Edusp,T.A. Queiroz, 1987, p.17.

lembrança: a história oficial celebrativa cujo triunfalismo é a vitória do vencedor a pisotear a tradição dos vencidos.”<sup>80</sup>

O fluxo migratório para o Brasil estava incluído no rol da imigração permanente e de longa distância, e este tipo de imigração, dizia Viviana Rosa, representante da Associação Trentini Nel Mondo em visita ao Brasil, em 1997 “corta completamente os laços, deixa o amargo na boca porque permite poucas possibilidades de retornar às raízes porque é vivenciada de modo dramático.”<sup>81</sup> A preocupação da Província de Trento em fazer os neotrentinos *olhar para o passado para pensar o presente e programar o futuro*, lema do Círculo Trentino de Nova Trento, era baseada na necessidade de afirmar a existência de um passado comum, mesmo que esquecido, agora entendido como local das raízes transmissoras de uma identidade. O sobrenome e o local de proveniência dos imigrantes passavam a ser informações primordiais para conferir o grau de pertença à cultura trentina. A evocação do passado trentino punha em segundo plano o passado vivido no Brasil. A genuidade da cultura se buscava no passado mais distante.

Esta preocupação em encontrar uma ancestralidade caracterizadora da identidade trentina (trentinidade) tem suscitado questionamentos, como fez o antropólogo Duccio Canestrini. Segundo ele, “(...) do ponto de vista genético não há um ‘homo tyrolensis, nem tridentino’. É possível falar de fisionomias de vales, isto é de tipos recorrentes em determinadas localidades, assim como ocorre em qualquer lugar do mundo.”<sup>82</sup> Negando a identidade genética ampliam-se as discussões, focando-se o tema como um produto cultural. A caracterização identitária localizada com minúcia nos valores da vida cotidiana, no “homem

---

<sup>80</sup> CHAUI, Marilena de Souza. Os trabalhos da memória. In: BOSI Ecléa. *Memória e sociedade: lembrança de velhos*. 2.ed. São Paulo:Edusp, T.A. Queiroz, 1987, p. XIX

<sup>81</sup> Revista *Trentini Nel Mondo*, nº 2, fev.1997,p.7.

<sup>82</sup> Trentino cultura, p.2 [http://www.trentinocultura.net/radici/identita/come\\_siamo/tipo\\_trentino\\_h.asp](http://www.trentinocultura.net/radici/identita/come_siamo/tipo_trentino_h.asp), Capturado no dia 29.08.02

ordinário” de que fala Michel de Certeau<sup>83</sup> consegue apontar pistas para a compreensão do que é peculiar sem os juízos ideológicos de valor. Eliminando-se a afirmação do determinismo genético, as questões identitárias podem ser analisadas como uma construção histórica e relacional. “São resultados sempre transitórios e fugazes de processos de identificação. (...) Identidades são, pois, identificações em curso”.<sup>84</sup>

Esta relação constrói-se num espaço físico, no ambiente onde o convívio com o meio natural, apesar de já alterado pela ação humana, e na relação com os outros vai definindo um modo próprio de sentir o nascer e o pôr do sol, a forma de lavrar o solo, de caminhar pelas ruas, de ler os sinais de mudança das estações, de sepultar os que se vão e de receber os que chegam; de saber identificar e nomear, com linguajar próprio, as espécies animais e vegetais, de construir as casas, etc.. Estas formas peculiares de organizar a vida cotidiana visível, em especial, para quem se posiciona de fora para dentro, permitirá adjetivar aquele agrupamento social.

Um fato que causou surpresa aos moradores da cidade foi a constatação de que os italianos visitantes falavam um italiano diferente. E, por sua vez, os visitantes maravilhavam-se por estar diante de uma população que se comunicava numa língua, o dialeto trentino, já em desuso há muito tempo nas regiões do Trentino. Este sentimento de estranheza e proximidade deixava evidente a existência de diferenças identitárias.

O sentimento que se depreende desta situação pode ser comparado com aquele que temos quando perdemos um objeto que nos é muito caro afetivamente e o reencontramos muito tempo depois quando, em função de sua perda, já o substituímos por outro mais atualizado. O reencontro traz recordações e ao mesmo tempo a necessidade de encontrar uma nova utilidade para aquele bem. Poderemos reutilizá-lo como peça decorativa; como relíquia

---

<sup>83</sup> CERTEAU, Michel. *A invenção do cotidiano* (Artes de fazer). Tradução de Efraim Ferreira Alves. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 1994.

<sup>84</sup> SOUSA SANTOS, Boaventura. Modernidade, identidade e a cultura de Fronteira. In: *Revista de Ciências Sociais*, n° 35, dez. 1993, p.11.

para colecionadores ou peça de museu, mas também podemos colocá-lo novamente em uso em respeito ao que representa afetivamente, por sua resistência e, ainda, utilidade. Para isso é necessário ressignificá-lo, reintroduzi-lo e ambientá-lo à nova realidade.

Em agosto de 1986, Nova Trento recebeu a visita de Pierluigi Angeli, Presidente da Província Autônoma de Trento. O jornal *Diário Catarinense* registrou o fato com a manchete:

Troca de Gentilezas em Dialeto Trentino: sempre simpático e atencioso, o presidente foi recebido num clima de volta as origens pela população, que fazia questão de trocar algumas palavras no dialeto trentino com o ilustre visitante. Os populares não sabiam que esta variação foi praticamente extinta e substituída pelo italiano gramatical há quase 100 anos, mas todos se fizeram entender<sup>85</sup>.

Angeli, no seu discurso de despedida citou algumas características dos *neotrentins* que lembravam os *irmãos* trentinos: ainda mantinham a mesma tenacidade e amor pelo trabalho dos antigos imigrantes, além da afeição e espontaneidade, que lembrava muito o seu *paese* e a Província de Trento. Buscava desta forma deixar evidente que nem o tempo, nem o distanciamento geográfico apagavam a ancestralidade. Dizia Wilson Mário Sgrott, presidente do Círculo Trentino em 2001:

Em 1975, com a comemoração do Centenário da imigração Trentina, Nova Trento recebe a visita de autoridades provinciais da Associazione Trentini nel Mondo e outras, iniciando-se assim um processo de reaproximação da Comunidade Neotrentina com a Terra de Origem<sup>86</sup>.

Note-se que Sgrott fez referência ao centenário da imigração como trentina e não como italiana, valorizando o interesse manifestado pela Província de Trento na cidade.

A festa do centenário durou uma semana. Com o fim das comemorações a cidade retomou seu curso, à sua cotidianidade. Até a década de oitenta do século XX os contatos com a Itália permaneceriam adormecidos. A visibilidade que a cidade tinha na mídia falada ou escrita restringia-se a eventos de caráter esportivo ou religioso, como a festa de Nossa

---

<sup>85</sup> *Diário Catarinense*, 24/08/1986, p. 10.

<sup>86</sup> *Folha de Nova Trento*, ano 1, nº 2, fev. 2001, publicação mensal, p.08.

Senhora do Bom Socorro e suplementos especiais financiados anualmente pela municipalidade por ocasião do aniversário de emancipação política. A cidade continuava a ser conhecida como *terra dos pedreiros, terra do vinho*. As ocasiões em que a mídia estadual deu destaque à cidade, em geral, associaram-na com a Itália tal qual aconteceu em 1978, quando da escolha do sucessor do Papa Paulo VI. O novo papa, João Paulo I (Albino Luciani) era de origem trentina e a mídia especulou o parentesco com os Luciani de Nova Trento. Outro fato explorado foi a final da copa do mundo de futebol, em 1982, entre a equipe da Alemanha e da Itália quando *O Jornal de Santa Catarina* estampou a manchete: “A Itália é campeã do mundo. Em SC, a festa é em Nova Trento”.<sup>87</sup> Na realidade a “festa” retratada nas fotos mostrava grupos de pessoas em frente as suas casas olhando o movimento de carros de uns poucos aficionados por futebol que, na ausência do Brasil na final da copa do mundo, preferiram torcer pelo time da Itália.

Já em 1984, o jornal *O Estado*, com a manchete “A fé recompõe a história de Nova Trento”, comentava o projeto de restauração das pinturas das igrejas de Nova Trento pela artista plástica Cremilda Tridapalli. A matéria apontou como característica dos imigrantes a religiosidade. Destacou, em especial, a vida e obra de madre Paulina mencionando haver um processo de beatificação instaurado em Roma numa das primeiras matérias jornalísticas a este respeito.<sup>88</sup>

Um Suplemento Especial sobre a emancipação política de Nova Trento em 1987, exaltava a beleza natural da cidade, a qualidade de seu vinho (sem usar o adjetivo colonial) e o Santuário de Nossa Senhora do Bom Socorro. Este construído a partir de 1900 pelos moradores da cidade num dos pontos mais elevados da região, a 525 metros de altura do nível do mar, conhecido na cidade como Morro da Cruz, continuava sendo lembrado com destaque.

---

<sup>87</sup> *Jornal de Santa Catarina*, 13/07/1982.

<sup>88</sup> *O Estado*, 15/04/1984, p.08.

O local era visitado intensamente por romeiros que vinham pagar promessas a Nossa Senhora do Bom Socorro, devoção trazida da França pelo padre jesuíta Alfredo Russel.<sup>89</sup>

A sala que guarda os ex-votos (*sala dos milagres*) contígua ao santuário, testemunha a popularidade e o intenso fluxo de romeiros desde o final do século XIX, quando os fiéis agradeciam em língua italiana usando a expressão *Gracia Ricevutta* ou sua abreviação: GR. Foi elevado à categoria de Santuário<sup>90</sup> pelo bispo Dom Afonso Nihues em 07 de abril de 1988. Por sua localização privilegiada e pelo empenho dos padres jesuítas em propiciar melhorias na infraestrutura, o santuário passou a ser até o final da década de oitenta do século XX, o principal ponto turístico e religioso da cidade. A festa, realizada anualmente no primeiro domingo de maio, era freqüentada por grande número de romeiros visitantes. Na década de 1990 o santuário passou a fazer parte da campanha de divulgação de turismo da EMBRATUR intitulada “Roteiros da Fé”, constando no folder de divulgação dos seis santuários da Arquidiocese de Florianópolis.

A preocupação com temas como turismo religioso e madre Paulina ainda não faziam parte das metas dos administradores da cidade. Além disto, a religiosidade na cidade já não se comparava com aquela do passado. Os padres continuavam a buscar a participação popular e atrair jovens para a vida religiosa, mas sem a resposta esperada. Dizia o Pe. Jacó Melz, vigário, que dos 21 noviços brasileiros que ingressaram na ordem jesuíta em 1994, nenhum era de Nova Trento, interrogando: “Nova Trento, o que acontece contigo? Nos primeiros 60 anos deste século tiveste tantas vocações consagradas. E agora?”<sup>91</sup>

Questões ligadas a obras públicas especialmente a conservação das escolas, estradas e saúde eram os assuntos mais discutidos nas sessões da Câmara de Vereadores e divulgados

---

<sup>89</sup> PIVA, Cláudio José. *O Santuário carregado às costas*. Editora La Salle. s.d.

<sup>90</sup> Segundo o Código de Direito Canônico, por Santuário entende-se a igreja ou outro lugar sagrado aonde os fiéis, por algum motivo especial de piedade, fazem peregrinações com a aprovação do Ordinário local. (Apud *Pastorais em Ação*. Nova Trento, dezembro de 1999, p.14)

<sup>91</sup> *Novo Jornal*, abril de 1994, n° 13 p. 07.

pela imprensa. A Secretaria de Turismo, criada na gestão 1988-1992 do prefeito Saul Rover, ainda não tinha as atribuições que viriam com a canonização de Madre Paulina. Sua atuação começou a tomar vulto quando da organização da primeira festa Incanto Trentino, em 1988, promovida pelo Círculo Trentino em parceria com a prefeitura.

A fundação do Círculo Trentino marcou a formalização dos contatos e intercâmbios com a Província de Trento, que de 1975 a 1985 permaneceram insipientes. Antes da fundação havia uma associação desconhecida pela população denominada “Comunitá Trentina de Nova Trento,” representante da Associação Trentini nel Mondo.<sup>92</sup>

Do material publicitário editado na Itália e difundido no Brasil é possível afirmar que a Associação comunga com os ideais autonomistas do Norte da Itália onde a tônica de seu discurso afirma o regionalismo e a trentinidade, embasados no determinismo natural e genético também extensivo aos trentinos espalhados pelo mundo. Os Círculos Trentinos são, por excelência, o local onde se discute e irradia a trentinidade pregada como um modelo socioeconômico baseado no cooperativismo e um conjunto de tradições que conferem caráter identitário aos seus sócios. De acordo com o último levantamento, existem no mundo 202 Círculos espalhados pelos quatro continentes.<sup>93</sup> Ao comemorar seus 40 anos de existência, em 1997, o editor da revista *Trentini nel Mondo* expressava a dificuldade da instituição de fazer uma leitura correta do fenômeno migratório Trentino e de como precisar o que teria sido útil e possível de fazer para estabelecer e manter contatos profícuos com os concidadãos e seus descendentes que viviam e trabalhavam nos diversos continentes.<sup>94</sup> Na atualidade a associação opera a fim de que os trentinos no exterior mantenham uma ligação fecunda com a

---

<sup>92</sup> A Associação Trentini nel Mondo foi fundada no pós-guerra, em dezembro de 1957. Constituída pelas Associazione Cristiane Lavoratori Italiani (ACLI), Comitato Provinciale di Trento della Democrazia Cristiana (CDU), a Charitas Tridentina, a Câmara di Commercio, Industria, Artigianato ed Agricoltura di Trento, a Fondazione Casa di Risparmio di Trento e Rovereto, a Federazione dei Consorzi Cooperativi di Trento. Seu principal objetivo é o de fomentar o intercâmbio dos trentinos espalhados pelo mundo com a Província de Trento.

<sup>93</sup> *Trentini nel Mondo*, nº 8, agot.2003, p.19.

<sup>94</sup> *Trentini nel Mondo*, nº 2, fev.1997, p.4.

terra de origem, com as *raízes* culturais e sociais, e venham a ser cidadãos a pleno título nos países que os hospedam. Com a aprovação da lei n. 379/2000 a Itália concedeu aos descendentes de imigrantes o direito de requer a dupla cidadania. A associação tem se empenhado em ajudar os imigrados a instruir os processos facilitando o trânsito de informações.<sup>95</sup>

Em 1983, o sociólogo Renzo Maria Grosseli radicou-se por um ano em Nova Trento onde colheu informações sobre a imigração trentina em Santa Catarina e publicou, em 1987, o livro *Vincer ou Morrer*.<sup>96</sup> A presença de Grosseli na cidade foi importante para estreitar as malhas da rede de informações Trentino-Nova Trento e na fundação do Círculo Trentino. Na matéria intitulada *Renzo Grosselli e a redescoberta da nossa identidade* dizia o professor de italiano, Afonso Eliseu Gon:

Sempre sob o lema “conhecer-se para melhor entender-se” ele nos despertou o interesse pela terra de origem e contribuiu em grandíssima escala para reatar os elos perdidos e estabelecer os contatos entre o velho e o novo mundo. Mas Renzo não somente falou e sonhou”. (Aqui relatou as iniciativas econômicas com a Província de Trento sob seu aconselhamento: cantinas, Círculo, usinas de leite, acordo técnico científico, colégio agrícola de Camboriu.) “muita coisa aconteceu a partir daquele ano de 1983, quando Renzo “aprodou” no Brasil e seguida apaixonou-se por Nova Trento. Se isto não tivesse acontecido, tenho certeza, a velha pátria continuaria longínqua e confusa.<sup>97</sup>

A fundação do Círculo Trentino, sociedade civil de direito privado e sem fins lucrativos, data de 13 de março de 1985. “Foi o primeiro Círculo a ser fundado em Santa Catarina,” orgulha-se Moisés Cipriani, um dos fundadores e primeiro presidente. De acordo com seu Regimento, tornado público no jornal paroquial, eram seus objetivos:

- a) representar a comunidade neotrentina perante as autoridades, entidades e comunidades de Trento, Itália; b) promover, manter e incentivar o

<sup>95</sup> *Trentini nel Mondo*, nº 8, agot.2003, p.15.

<sup>96</sup> GROSSELLI, Renzo Maria. *Vencer ou morrer: camponeses trentinos (vênetos e lombardos) nas florestas brasileiras*. Florianópolis: Ed. UFSC, 1987.

<sup>97</sup> *Novo Jornal*, dezembro 19983 p.7, nº 5 p.7. O professor foi um dos primeiros jovens neotrentinos a frequentar curso de cultura e língua italiana patrocinado pela Província de Trento. Quando regressou dedicou-se a ensinar italiano pelo Círculo Trentino.

intercâmbio cultural, científico e artístico com a província Autônoma de Trento, com suas cidades, especialmente Trento, sua capital, donde vieram os antepassados do povo de Nova Trento; c) promover, manter e incentivar, por todos os meios a preservação das tradições, costumes, usos e festas dos antepassados e sobretudo, o ensino, cultivo da Língua Italiana e do dialeto trentino<sup>98</sup>.

O Círculo promoveu várias ações no sentido de servir de intermediador autorizado com a província de Trento, bem como para promover a manutenção das “tradições trentinas” na cidade. Uma das primeiras iniciativas, foi a promoção do concurso “*presepi in famiglia*” buscando incentivar e manter a tradição de fazer o presépio no período que antecede a festa cristã do Natal. Editou durante um ano um informativo intitulado o *Giornalino del Circolo*.

Também sob seu incentivo foi criado, em 12 de março de 1986, o Grupo Folclórico Trentino que se propôs resgatar e manter vivas as canções tradicionais trentinas através de um coral. Antes disso a cidade contava, desde 1977, com dois corais da Igreja Católica, um adulto e outro infanto-juvenil. Seguindo a onda do resgate de tradições, em 07 de abril de 1999, a prefeitura instituiu o projeto Dança nas Escolas, dando visibilidade a danças típicas italianas. O projeto propiciou o surgimento de cinco grupos: “Bambini d’Itàlia,” no distrito de Claraiba; “Stela Alpina,” bairro Trinta Réis; “Arcobaleno,” Baixo Salto; “Cunevo,” localidade de Pitanga, (o nome é uma homenagem a cidade trentina com a qual a escola manteve intercâmbio); “Amigos da Dança Alemã,” do distrito de Aguti, onde a predominância é de descendentes de alemães.

Os grupos de dança e os corais de música italiana passaram a fazer parte obrigatória nos festejos e recepções de autoridades na cidade. A mídia passou a divulgar este tipo de manifestação como típica italiana, sempre veiculada junto com a gastronomia, regada a muito vinho, mostrando uma população alegre e barulhenta nos moldes do estereótipo de italiano representado nas novelas televisivas brasileiras.

---

<sup>98</sup> Informativo da Paróquia São Virgílio, maio de 1988, p.4.

Intercâmbios culturais com a Província Autônoma de Trento, os *soggiornos*, passaram a levar anualmente jovens de origem trentina para conhecer a terra dos seus antepassados. Em 1984, Nova Trento participou pela primeira vez com dois representantes: Moisés Cipriani e Alfredo Cadorin. O programa do *soggiorno* durava um mês e incluía curso básico de italiano gramatical, visita ao patrimônio histórico, visita às cooperativas de laticínio, de vinho e cultivo de maçãs; informações sobre a organização política e educacional do Trentino.<sup>99</sup> Todo o programa era custeado pela Província. As inscrições para o *soggiorno* eram concorridas. Em 1988, inscreveram-se 49 jovens disputando duas vagas. Os pré-requisitos básicos apontavam para os laços de pertença ao Trentino: saber falar italiano ou dialeto, ser de *origem trentina* por parte de pai ou mãe mediante comprovação e idade abaixo de 35 anos. (Este último quesito manifestava a preocupação com a perda das “tradições” entre os jovens.)

Além dos *soggiornos*, por intermédio do Círculo, um grupo de doze estudantes freqüentou cursos de Zootecnia, Viticultura, Vitivinicultura e Fruticultura no renomado Instituto Agrário San Michelle al Adige no Trentino. Quando retornaram, em 1996, com incentivo financeiro da Província, fundaram a Vinícola Neotrentina e mais recentemente a Trentolat. O objetivo do investimento era produzir vinhos e laticínio implantando no município um sistema de produção cooperativa nos moldes daquele do Trentino. As iniciativas encontraram resistência dos fornecedores locais de matéria prima no sentido de adaptarem-se ao cooperativismo. Apesar de continuarem em funcionamento, as duas fábricas continuam enfrentando esta dificuldade evidenciando que os neotrentinos não organizavam seus negócios da mesma forma que os trentinos.

Apesar do empenho das diversas diretorias, o Círculo não conseguiu cumprir uma de suas metas que era congregar os descendentes trentinos ao seu redor. O pouco interesse

---

<sup>99</sup> Jornal *L'Adige*, de 27 de junho de 1995, publicou uma matéria sobre os 47 jovens que participaram do *soggiorno* naquele ano, do qual também fiz parte. Por expressar o olhar de um jornalista trentino sobre o grupo de jovens descendentes da América do Sul, reproduzo o texto na íntegra nos anexos desta dissertação.

manifestado pela população em participar da diretoria ou programações internas foi o termômetro. É provável que os sentimentos de não pertencimento ao grupo considerado como elite local causava certo desconforto e intimidação. O Círculo era procurado, sim, pela juventude, quando havia algum interesse em questão como uma vaga para cursos ou viagens para o exterior. As reuniões, apesar de abertas, eram freqüentadas somente pela diretoria. A sede provisória esteve a disposição do público durante um ano contando com uma funcionária paga com recursos da Província. Mesmo assim, a procura pela biblioteca e outros materiais disponíveis era pequena. O redator do *Novo Jornal*, Ademar Prada, fazia-se o porta-voz dos cééticos e críticos do Círculo sugerindo outros tipos de atuação. Pela primeira vez a expressão “neotrentinidade” foi empregada nos documentos que consultei:

Quando se poderia realizar, encabeçado pelo Círculo, como guardião da cultura trentina, promoções que visassem acender (reacender), mostrar a cultura e tradições, promover encontros e reuniões, abrir seu quadro social através de convites à comunidade? (...) Que todas as vilas e distritos houvesse participação para o investimento na preservação da cultura-principalmente no jovem e na criança, fosse garantia da sua perpetuação. Seriam despertadas potencialidades, valores seriam revelados, o conagraçamento das raças, os laços de “neotrentinidade,” tudo ficaria mais forte, mais próximo. Quem não é, tem que ser e quem já é, mesmo que pequeno, deve lutar para não parar. Por isso deve se organizar, para que sua importância seja sempre maior e melhor.<sup>100</sup>

Em outubro de 1988, o Círculo promoveu a primeira festa Incanto Trentino, Festa do Vinho e das Tradições Trentino-Italianas. O nome da festa originou-se de uma canção trentina cujo estribilho era: *fiore, montgne e vino, incanto son del Trentino* (Flores, montanhas e vinho, são encantos do Trentino). A divulgação do evento no suplemento especial do jornal *A Notícia* trouxe como manchete: “Nova Trento revive tradições italianas”. Em seguida relatava a programação:

Com muito vinho, queijo e a indefectível polenta italiana a festa terá início com a presença do governador, baile na sociedade Humanitá para a escolha da rainha da festa, apresentação da Banda Padre Sabbatini, sangria do primeiro garrafão de vinho, missa festiva em latim, torneio de mora e a

<sup>100</sup> *Novo Jornal*, maio de 1994, n.14, p.20.

presença de grupos folclóricos locais, de Urussanga, Grupo Ítalo-Brasileiro de Curitiba e a banda da polícia militar<sup>101</sup>.

No cardápio da festa constavam os seguintes pratos típicos: polenta com galinha ensopada, radicci e repolho refogado com lingüiça; macarrão com molho, queijo ralado, alface e carne assada, regados ao vinho colonial em seus vários sabores e chope.

O cartaz da festa retratava um cacho de uvas e um garrafão de vinho. No rodapé a frase: “Incanto Trentino, *una festa nostra*”. Nos anos seguintes a divulgação incorporou o padrão usado no circuito das festas de outubro em Santa Catarina. Estampava um grupo de crianças vestidas com trajes típicos segurando cachos de uva e flores tendo ao fundo um rancho de madeira de um engenho colonial. Continuou-se a usar a expressão “*Una festa Nostra*.” A festa passou a ser promovida com apoio publicitário da Secretaria Estadual de Turismo (SANTUR). Sua divulgação em nível estadual atraía muitos visitantes e a falta de infra-estrutura para acomodá-los suscitava críticas que se acumulavam a cada edição das festividades. A falta de um pavilhão de eventos que não interditasse a rua principal que corta a cidade fez com que a festa fosse mudada de localização em pelo menos quatro edições.

Na programação cultural da festa constava o baile para a escolha da rainha e duas princesas, que deveriam ter como pré-requisito o sobrenome italiano; desfile alegórico de abertura dos festejos mostrando a saga dos imigrantes e a cultura local; a sangria do primeiro garrafão de vinho; shows com grupos de tradição italiana vindos de Brusque, Rodeio, Rio dos Cedros, etc.. De noite, em geral, apresentavam-se shows com artistas de renome como Renato Borgueti e Valdir Anzolin, finalizando com bandas de rock que garantiam a presença do público jovem no local.

No ano de 1995, o cartaz trazia uma inscrição especial: “Nova Trento/SC 120 anos de *Imigração Trentina*” (grifo meu) desconsiderando explicitamente as demais levas de

---

<sup>101</sup> A *Notícia*, 14/10/1988, p.1.

imigrantes, inclusive a já consagrada expressão *imigração italiana*. A partir de 1992, ano do centenário de Emancipação Política, a festa deixou de acontecer no mês de outubro e passou a coincidir com os festejos da emancipação, em agosto.

A Incanto Trentino foi promovida até o ano 2000. Por falta de infraestrutura para atender os turistas e por acumular prejuízos financeiros, o município e o Círculo deixaram de patrociná-la. A última tentativa de mantê-la foi unindo-a com a festa do padroeiro São Virgílio no mês de junho por dois anos consecutivos. Nos doze anos de existência, a festa foi incorporada ao roteiro de eventos da cidade e sua reedição continua sendo cobrada pelos partidos de oposição e pela população, por ter se tornado o maior evento festivo da cidade.

No mesmo ano que aconteceu a primeira Incanto Trentino começam a aparecer notícias sobre a possibilidade da beatificação de Madre Paulina. Em 1988, o jornal *Diário Catarinense*, numa matéria intitulada “Nova Trento, Cidade dos Pedreiros”, fez uma alusão à expectativa dos moradores sobre o anúncio da Beatificação<sup>102</sup>.

As Irmãzinhas da Imaculada Conceição, congregação religiosa fundada pela Madre, encarregavam-se de divulgar nas celebrações litúrgicas, aos paroquianos, o andamento do processo. A neotrentina irmã Célia Bastiana Cadorin, postuladora da causa em Roma, atualizava constantemente as informações. Manchetes como: “O Papa João Paulo II deseja conhecer Nova Trento,”<sup>103</sup> davam mostra das proporções do que estava por acontecer na cidade.

Pouco conhecida em Santa Catarina, Madre Paulina começou a suscitar curiosidade e o bairro do Vígolo, onde está localizado o início de sua obra, passou a receber devotos. O anúncio do prefeito Saul Rover (1990) de que “em Nova Trento se faz turismo religioso”

---

<sup>102</sup> *Diário Catarinense*, 21/08/1988, p.6-7.

<sup>103</sup> *Informativo da Paróquia de Nova Trento*. Janeiro de 1989.

marcava uma nova fase do cotidiano da cidade.<sup>104</sup> Prefeito reeleito, na gestão 1989 a 1992, Saul batizou a cidade nas placas denominativas das ruas e material publicitário como *Pedacinho d'Itália*. No seu segundo mandato, de 1997 a 2000, renomeou a cidade como *Terra de Madre Paulina*. O rebatismo do município revelava a sinuosidade do trajeto que se percorria em busca de um perfil identitário para a cidade. A orientação do trajeto, forçado pela demanda do mercado do turismo, agora mobilizava prioritariamente os aspectos da religiosidade dos neotrentinos. A cidade continuava a ser inventada e para ser apresentada no que Severino<sup>105</sup> chamaria de “balcão de negócios cultural” para atender interesses econômicos e políticos. Por se tratar de uma cidade de pequeno porte, Nova Trento não havia conseguido, com recursos próprios, manter uma festa nos moldes da Oktoberfest, como foi pretendido inicialmente por ocasião das edições da Incanto Trentino. A opção era ofertar o que a cidade tinha de mais saliente: sua religiosidade. E madre Paulina foi a peça chave para colocar a cidade em evidência.

Em 18 de outubro de 1991, o Papa João Paulo II beatificou Madre Paulina, em Florianópolis. Esta data passou a constituir-se um novo marco para o entendimento da ressignificação identitária neotrentina. Na expectativa da vinda do Papa à cidade, a prefeitura mudou seu discurso no sentido de adaptá-lo ao novo evento. Na entrada da cidade, uma placa saudava os visitantes com os dizeres: “Bem-Vindos, Terra de madre Paulina, Viene il Papa”.

A beatificação projetou a imagem de Nova Trento para o Brasil. A revista *Manchete* dedicou um caderno de onze páginas mostrando a cidade ressaltando que em Nova Trento a fé e a devoção se traduziam nas ruas, onde a imagem de Madre Paulina era ardentemente

---

<sup>104</sup> *Diário Catarinense Especial*, 03/06/1990.

<sup>105</sup> SEVERINO, José Roberto. *Itajaí e a identidade açoriana: a maquiagem possível*. Itajaí, Editora da Univali, 1999, p.26.

cultuada.<sup>106</sup> A fé era agora o atributo identificatório que assumiria o posto mais alto na caracterização da cidade e de seus habitantes.

A Secretaria Municipal de Turismo passou a desempenhar papel de destaque na administração. A vinda dos romeiros suscitou ações no sentido de ampliar a oferta de restaurantes, pousadas e atrativos para entreter os visitantes durante sua estada na cidade. A expressão *Turismo Religioso* passou a fazer parte do vocabulário da administração municipal com intensidade. Uma das metas da gestão 1997/2000 visava incrementar o turismo, a “indústria sem chaminés” e o estabelecimento de uma política que operasse interligando de forma racional o turismo religioso às mais diferentes formas de turismo<sup>107</sup>.

Para viabilizar esta meta, a administração contratou para ocupar o cargo de secretário de turismo um jornalista da cidade de Brusque. Sua gestão foi marcada pelo grande número de materiais impressos divulgando a cidade associando história, turismo religioso, gastronomia, à festa Incanto Trentino e à cultura italiana. O folder intitulado “Turismo da Fé” estampava imagens do presente e do passado mostrando fotos do que seria o típico italiano, igrejas, garrações de vinho, agricultores colhendo uva, queijos, lingüiças, grupos folclóricos emoldurados por paisagens naturais, Madre Paulina e o Santuário de Nossa Senhora do Bom Socorro. As quatro partes dobradas do folheto eram perpassadas por uma faixa com letreiros nas cores da bandeira do município que, por sinal são as mesmas da italiana: verde, branca e vermelha.

Outro *folder* significativo (figura n.8) foi confeccionado em formato de cruz. Dobrado assumia a forma de um quadrado de 12x12 cm. Na primeira página um cacho de uva e os dizeres: “Nova Trento, uma terra abençoada. Nos caminhos da fé”. Uma descrição sucinta assim designava a cidade e seus habitantes:

---

<sup>106</sup> Madre Paulina a Santa do Brasil. In: Revista *Manchete*, Rio de Janeiro, Bloch Editores SA. Nº 2.061, ano 40, 12.10.1991, p.57.

<sup>107</sup> Jornal *O Município*, 27/12/1996, p.4.

Colonizada a partir de 1875, por imigrantes da Província de Trento, Itália, Nova Trento cultua as tradições, os costumes e o espírito religioso e empreendedor de seus antepassados. Aconchegante, alegre, acolhedora com os turistas, Nova Trento é um pedacinho da Itália entre vales e montanhas, localizado a apenas 80Km de Florianópolis<sup>108</sup>.

O folder desdobrado revelava uma cruz tendo no topo a imagem de Madre Paulina, no lado direito uma foto aérea da cidade, no lado esquerda garrações de vinho e uma mesa cuidadosamente decorada com pratos da gastronomia típica; na parte central, imagens do Santuário de N. S<sup>a</sup>. do Bom Socorro. No verso, o mapa de acesso à cidade, um calendário de eventos e os endereços das cantinas e restaurantes.

---

<sup>108</sup> Folder Secretaria de Turismo



**MADRE PAULINA**

Amabile Vivantini nasceu em 16 de dezembro de 1865 em Vigilio Valtoro, Trento, Itália. Em 1875, junto com suas pais e irmãs, emigrou para o Brasil e veio instalar-se na Serra de Vigilio, em Nova Trento, onde seu pai recebeu terras.

Em 1890, seguindo o chamado de Deus, deixou a casa paterna para, junto com sua amiga Virginia Nicolodi, instalar-se num casarão e cuidar de uma seicheiro doente de câncer. Desse modo, iniciou a Congregação das Irmãs de Santa Catarina.

Depois de ser reconhecida como fundadora da Congregação e fazer as vestes religiosas, Amabile passou a chamar-se Irmã Paulina da Conceição Agostinho de Jesus.

Sua vida foi um exemplo de humildade, dedicação e persistência em busca do glória de Deus e do bem do próximo. Faleceu em 1942, aos 77 anos. Seus últimos palavras foram: "Seja feita a vontade de Deus".

Depois de sua morte muitas graças foram alcançadas, uma das quais foi reconhecida como milagre por muitos médicos, biólogos e cientistas da Congregação para o Cuidado dos Santos. Em 18 de outubro de 1993 foi realizada a beatificação de Madre Paulina por Sua Santidade o Papa João Paulo II, em Florença, Itália.

**Reprodução da casinha onde Madre Paulina cuidava do doente.**

Em 1890, seguindo o chamado de Deus, deixou a casa paterna para, junto com sua amiga Virginia Nicolodi, instalar-se num casarão e cuidar de uma seicheiro doente de câncer. Desse modo, iniciou a Congregação das Irmãs de Santa Catarina.

Depois de ser reconhecida como fundadora da Congregação e fazer as vestes religiosas, Amabile passou a chamar-se Irmã Paulina da Conceição Agostinho de Jesus.

Sua vida foi um exemplo de humildade, dedicação e persistência em busca do glória de Deus e do bem do próximo. Faleceu em 1942, aos 77 anos. Seus últimos palavras foram: "Seja feita a vontade de Deus".

Depois de sua morte muitas graças foram alcançadas, uma das quais foi reconhecida como milagre por muitos médicos, biólogos e cientistas da Congregação para o Cuidado dos Santos. Em 18 de outubro de 1993 foi realizada a beatificação de Madre Paulina por Sua Santidade o Papa João Paulo II, em Florença, Itália.

Abençoado por Deus também na questão natural, Nova Trento é pródigo em belos rios.

O encontro enseja nas estradas que levam à cidade. Uma sucessão de curvas entre a vegetação exuberante convida o visitante a diminuir a velocidade para apreciar a natureza. Com trilhas que levam a cachoeiras, cânions e cascatas, Nova Trento não pára de oferecer surpresas em todos os lugares de aventura e belas paisagens.

A beleza natural do região encanta sua Apica na Serra de Cruz, que, com 525 metros de altitude, oferece uma vista panorâmica que abrange toda a Vale do Rio Itaipava e, em dias de boa visibilidade, encosta o mar. Não há quem não fique impressionado.



**Vista aérea de Nova Trento.**



**Cachoeira de Imbitá.**

Além disso é uma característica da cultura italiana. Nova Trento honra as tradições e apresenta uma variedade de pratos capazes de satisfazer aos paladares mais exigentes.

O turista pode deliciar-se nos restaurantes de Nova Trento e ainda levar uma amostra de deliciosa cozinha italiana para casa.

Queijos, salames e vinho coloidal são produzidos artesanalmente e vendidos nos mercados da região.

A fortuna aparece também nos fechos italianos. É nestes que os descendentes de imigrantes mostram que o amor pelo músico e pela boa comida passa de geração em geração.

Em agosto acontece o evento **Festa do Vinho e dos Doces Italianos**, com degustação, apresentações de grupos de dança, teatro e artigos nacionais. Uma festa que homenageia os colonizadores com muita alegria, danças e comidas típicas.



**Produção artesanal de vinho.**



**Comida Apica Italiana.**



**SANTUÁRIO DE NOSSA SENHORA do Bom Socorro**  
- Alto do Cruzeiro -

No ano de 1899 o Padre Jesuíta Luis Maria Rossi teve a ideia de erguer cruzes nos montes mais altos de Nova Trento para comemorar e homenagear os santos.

Seu discípulo, o missionário Padre Alfredo Ruzic, promoveu a construção do monumento à Nossa Senhora do Bom Socorro junto à cruz mais alta.

A maravilhosa paisagem de século transcorreu em meio a casotas e atalhas, fogareiros e fogos de artifício. E no dia 13 de julho de 1901, jubileu do Mar do Cruz, o Padre Alfredo Ruzic benzeu a cruz e o quadro de Nossa Senhora do Bom Socorro, no lugar onde mais tarde seria erguido um Santuário em sua homenagem.

Tudo material necessário para a construção do Santuário, madeira, tijolos, telhas, cimento e areia, foi carregado nos carretos pelo povo de Nova Trento, bem como a estátua de Nossa Senhora do Bom Socorro, vindo da França como doação da Condessa Clement de Sormani e presente ao Mar do Cruz desde 14 de maio de 1906.

Neste local histórico missionário é um centro de piedade e meta de peregrinações de devotos de todo Brasil.



Figura n.8. Folder Turismo da Fé.

No intuito de atrair turistas, informações superficiais e um tanto forçadas foram veiculadas sem muito cuidado, como esta divulgada pelo *Diário Catarinense* que descreve um cardápio típico estranho para a região:

A cozinha italiana é atração turística (...) Nova Trento não poderia deixar de oferecer a mesa farta com as delícias italianas. A tradicional polenta com galinha, macarronada, nhoques, pizzas, lasanhas, canelones, ravióli, além de queijos cacciota, aziago, parmesão, provolone, ricota e capeleti<sup>109</sup>.

Um folder que reúne informações sobre restaurantes, pousadas, agroturismo, turismo religioso, vinícolas, móveis, restaurantes e pousadas, justifica que o aproveitamento turístico da gastronomia típica reforça os aspectos da tradição italiana através de sua rica culinária, constituindo-se em mais um apelo de preservação das origens através do *turismo étnico* em Nova Trento<sup>110</sup>.

A churrascaria Carlinhos, restaurante mais antigo da cidade, ampliou suas instalações e, além de carnes, passou a oferecer a “típica comida italiana em fogão à lenha”. A Cantina Italiana, situada no centro da cidade, foi projetada para ser simultaneamente museu, restaurante e pousada, ambientando suas dependências com objetos de diversos momentos da história da cidade. A meta do estabelecimento é servir pratos típicos da gastronomia de Nova Trento acompanhados de vinho colonial. O proprietário, Agostinho Orsi, informou-me que a idéia é resgatar os sabores de antigamente, reproduzindo um cardápio com produtos fabricados pela própria família, utilizando as técnicas artesanais dos antepassados.

Seguindo a mesma linha da cozinha típica foram também abertos no bairro do Vígolo os restaurantes: Piatto d’Oro, em frente à igreja, o Restaurante e Lanchonete Santuário Madre Paulina (ao lado do Santuário), com *buffet* de comida típica caseira e churrasco na tábua, o Restaurante Girolla, Restaurante Dona Terezinha, Restaurante do Mosteiro Park Hotel; Restaurante Trevo, o Sítio Nona Lurdes (na divisa com São João Batista) tendo como diferencial do seu serviço o almoço “servido bem ao estilo de uma numerosa família italiana.”<sup>111</sup>

---

<sup>109</sup> *Diário Catarinense*, 06/04/1999. p.3.

<sup>110</sup> Folder Secretaria Municipal de Turismo, 2001.

<sup>111</sup> *Idem*.

O vinho continuou a manter seu status e a merecer atenção especial em função de sua procura com o aumento dos turistas. O padre Jacó Melz, vigário em 1993, observando a cidade com o olhar de forasteiro antecipava: “Nova Trento, tem dois produtos de “exportação”: vinho e fé. Seria muito bom que cuidassem deles como se cuida de um recém nascido”.<sup>112</sup> De fato, o vinho produzido com técnicas artesanais havia conquistado fama e ampliava o seu percentual de vendas. Por outro lado, inspirava cuidados pois a produção em maior escala para atender o turismo fomentou práticas fraudulentas como a de *batizar* ou adicionar água ao vinho. Com a preocupação de expandir os negócios e não deixar faltar o produto, alguns cantineiros passaram a comprar vinho no oeste catarinense ou no Rio Grande Sul, vendendo-o como vinho colonial de Nova Trento. Uma outra parcela de produtores adaptou suas cantinas preservando as técnicas tradicionais de produção, associando-os à qualidade dos vinhos italianos com expressões como: “o sabor da Itália em Nova Trento” ou “produzidos com tecnologia italiana.” Ainda assim é comum alguns turistas precavidos procurarem vinho em pequenas cantinas que preservem as características familiares, acreditando encontrar ali *o verdadeiro vinho colonial*.

Na mesma esteira do vinho, o queijo e os salames também foram colocados no cardápio típico. Assim o queijo produzido nas pequenas propriedades agrícolas passou a ser valorizado e comercializado em postos de venda de produtos coloniais. Os investimentos da província Autônoma de Trento na Vinícola Neotrentina e na fábrica de queijos Trentolat também ganharam visibilidade. Os rótulos de seus produtos acenam para uma garantia de origem em slogans como: “produzido com tecnologia italiana,” seguidos da águia estilizada brasão daquela região ou “produto original de Nova Trento,” tendo ao fundo o mapa da Itália.

Muitas lojas e estabelecimentos comerciais também foram buscar inspiração para batizar seus negócios em expressões que lembram a Itália ou o Trentino. A título de ilustração

---

<sup>112</sup> *Novo Jornal*, outubro, 1993, n.2, p.8.

cito algumas: Detagli Modas, Mir Belle Stile, Laboratório Trento, Distribuidora de Alimentos Trentina, Homenigrandi Produtos Coloniais, Casa Lotérica La Fortuna, Wolff Prodotti Tipici, Belle Modas Calçados, TrentoCredi, Trento Farma, Sogno Mio Pousada, Casa Mia Presentes, Edifício Stella Alpina. O Lions Clube erigiu um monumento com sua logomarca no trevo de acesso à cidade com seu lema vertido para a língua italiana: Il Leone Fratello. Buon Viaggio.

Este movimento italianófilo não ofuscou a presença de lojas e oferta de produtos que pouco acenam para as questões da tradição como: Canto das Lagoas (lanchonete, pesque-pague, frutos do mar e churrasco na tábua), Educomp Escola de Informática, Rover Som, eletrônicos e importados, Digicart Indústria e Comércio de Circuitos Impressos, Apogeu Lanchonete, Coliseu Bar e Boate, Churrascaria Grelha e Brasa, Cicle Iron Bike, Rancho Querência Neotrentina, Martha Frehner's Haus Café Colonial (em estilo suíço), entre outros.

Ao lado da centenária “Banda Filarmônica Pe. Sabbatini”, bandas jovens continuaram a se organizar sem contudo tocar música italiana. Na festa dos 111 anos de emancipação política da cidade, no dia 08 de agosto de 2003, foi realizado um festival misto de bandas e bandinhas. O palco para o show, após a missa da noite de sábado, interditou a rua principal. Naquele espaço tocaram duas bandas musicais: a Pe. Sabbatini e a SOL LÁ SÍ do município de Videira. A seguir as bandas de rock neotrentinas: Engrenagem, Black Trooper, The Kings, Sabotagem, MT Orion, Yellow Tomahalk, Ruptura e Redenção.

A projeção da cidade ganhou novas proporções com a canonização de Madre Paulina em 19 de maio de 2002. “Daqui a cinco ou dez anos a cidade será conhecida somente por madre Paulina”, dizia o empresário Willian Duarte da Silva, do Mosteiro Park Hotel<sup>113</sup>. O bairro do Vígolo, antes perímetro rural, ganhou pavimentação e se afirma como uma via de comércio, restaurantes e cantinas de vinho. Os moradores do bairro passaram a conviver com um forte movimento de turistas, especialmente nos fins de semana. A especulação imobiliária

---

<sup>113</sup> Jornal *O Município*, 14/09/2001.

elevou os preços dos terrenos do bairro e da cidade. O dia da festa de canonização transformou a cidade e polemizou o cotidiano dos moradores. A expectativa da vinda de 100 mil turistas mudou as feições tranqüilas da cidade. Ruas foram transformadas em estacionamentos. Forte aparato policial controlava as vias de acesso e saída do município. Ônibus circulares foram instalados provisoriamente para deslocar os turistas até o bairro do Vígolo, pois os espaços reservados no bairro não comportavam o movimento. No local um telão foi montado em frente à igreja para os fiéis assistirem a transmissão da cerimônia de canonização. Os oito quilômetros que ligam o centro da cidade ao bairro foram tomados por ambulantes que vendiam de santinhos, bíblias e *suvenirs* da santa a utensílios domésticos, roupas íntimas e toda uma série de quinquilharias importadas do Paraguai. Restaurantes improvisados foram montados concorrendo com aqueles já estabelecidos. A orquestra sinfônica de Santa Catarina e a banda Pe. Sabbatini apresentaram-se no período da tarde. Missas de hora em hora foram celebradas. As emissoras de rádio e televisão colocaram a cidade no ar, ao vivo, em inserções nas programações daquele domingo. A prefeitura convocou todos seus funcionários e convidou voluntários a auxiliar na prestação de informações e orientação aos romeiros. A igreja do Vígolo ficou como que perdida no meio do torvelinho. Assim como um vendaval que vem e remexe tudo, a multidão carregando garrações de vinho, flores artificiais, santinhos, fitinhas, estatuetas e a esperança de receber alguma benesse divina pelas mãos da santa, foi embora. O fim da tarde chegou e o bairro voltou a respirar uma calma que não seria mais a mesma daí em diante.

O apoio de órgãos oficiais como a Santur (Santa Catarina Turismo) e a Embratur (empresa Brasileira de Turismo) deram suporte à divulgação da cidade, incluindo-a no catálogo turístico intitulado “Roteiro Oficial da Fé Católica do Brasil”. “É Nova Trento ocupando lugar de destaque no cenário mundial, graças a sua filha mais ilustre, madre

Paulina”, dizia Ivana Cadore, secretária de Turismo.<sup>114</sup> Afirmou também que em função do turismo se intensificariam campanhas de conscientização, com a implantação de cartilhas educativas para despertar na criança o gosto e interesse pelo turismo local. A respeito da expectativa dos turistas, disse ser próprio que busquem nas cidades que visitam a limpeza, a organização, a receptividade e a alegria. Para atender a esta expectativa apelou aos neotrentinos que cuidassem da aparência das residências pintando os muros, plantando flores e zelando pela limpeza dos terrenos baldios.

Fazendo parte de uma campanha educativa, pelo segundo ano consecutivo, a prefeitura tem impresso um calendário que é distribuído a cada família da cidade. No ano de 2002, foi dado destaque para as fotos das igrejas e capelas, acompanhadas de *slogans* como: “Nova Trento faz da fé seu maior patrimônio; o turismo promove o intercâmbio cultural entre os povos; seja gentil e cordial ao receber o turista; cidade boa para o turista é ainda melhor para quem vive nela.” Já o calendário de 2003 estampou paisagens rurais encimadas de ditos populares em dialeto trentino, como: “Vale mais pão e queijo na própria casa, que assado na casa dos outros; é melhor um curral todo meu que um castelo em sociedade; não há casa nem casinha que não tenha sua cruzinha; o amor vence tudo, o tempo gasta tudo e a morte aniquila tudo; o são gostaria de cem coisas, o doente de uma só.”<sup>115</sup>

A cidade também ganhou visibilidade na internet. O site *novatrento.com* nasceu em abril de 1998 sob o nome de *Sbornia*, uma equipe de gincana, como objetivo de registrar as programações da equipe. Com a diversificação de assuntos e o número de acessos aumentando, em dezembro de 2000 o *webmaster* Wilson Mário Sgrott Júnior registrou o domínio *novatrento.com* e passou a dedicá-lo oficialmente ao município com patrocínio de anunciantes. O site possui centenas de páginas com conteúdo sobre a cidade, a população, a

---

<sup>114</sup> *Folha de Nova Trento*, ano I, nº 4, abril de 2001, p.5.

<sup>115</sup> Calendário do município de Nova Trento, 2002 e 2003. Edição a Secretaria Municipal de Turismo.

importância do turismo religioso e informações sobre prestação de serviços. O conteúdo é apresentado de modo a encantar o navegante com imagens bucólicas de uma cidade que parece ter parado no tempo:

Nova Trento é uma cidade que com 111 anos, em meio a grandes centros, ainda mantém suas características de cidade do interior, tranqüila, onde predominam traços fortes da etnia italiana revelado nos costumes, gastronomia, folclore, dialeto e religiosidade. Nova Trento, é especialmente atrativa na prática do turismo, pois com a era da globalização, tecnologia e informação as pessoas têm a necessidade de buscar espaços onde possam se desvincular do stress do dia-a-dia. É privilegiada pela beleza natural das suas paisagens, com a força de atratividade das águas, das cachoeiras, rios e ribeirões. A vida e obra de Amábile Visintainer, agora Santa Paulina do Coração Agonizante de Jesus, a primeira Santa Brasileira consolidou Nova Trento com o título de 2ª estância Turístico-Religiosa do País.<sup>116</sup>

Uma equipe da Rede Mundial, emissora por assinatura que trata de temas culturais e artísticos, gravou cenas em Nova Trento para a produção de um documentário sobre os atrativos religiosos e culturais da cidade, evidenciando a exclusividade e o diferencial, até o momento, de ser a única cidade do país a ter uma santa.<sup>117</sup>

Também a revista *National Geographic* produziu uma matéria sob o título “Santa de Casa” relatando os atrativos turísticos e as mudanças que a cidade sofreu com a canonização. O autor, Willians Barros, percebeu e destacou que: “a religiosidade de Nova Trento, no entanto, não se nota apenas nos grandes eventos. Ela é perceptível nas casas, nas ruas, revelada em pequenos gestos.”<sup>118</sup>

Este olhar do visitante sobre a cidade remete à reflexão que perpassou este capítulo. Existem outras percepções que não são evidenciadas e nem por isso deixam de existir. Ao mesmo tempo que se busca vender uma imagem homogeneizadora da cidade e seus habitantes, ao ressaltar sua diferença sob o manto da categoria *típico*, confirma que a cultura

---

<sup>116</sup> Página da Secretaria Municipal de turismo. In: [www.novatrento.com](http://www.novatrento.com), consultada em 22.10.2003

<sup>117</sup> *Diário Catarinense*, 28.03.03, sexta feira, p.25

<sup>118</sup> Revista *National Geographic*. Março 2003, p.124.

global precisa da “diferença” para sobreviver.<sup>119</sup> Esta confirmação, porém, é fragilizada diante das releituras que se fazem do passado e do presente. A ressignificação acontece em direções inusitadas, desconsertando arranjos que deveriam remeter a fins claros e pré-estabelecidos. Como um exemplo primoroso cito a abertura apoteótica da Banda Engrenagem na comemoração dos 111 anos de emancipação política. O objetivo dos organizadores do evento era apresentar a tradição e a atualidade para garantir entretenimento aos adultos e jovens. O público porém, foi surpreendido com um número inédito. Imersos em fumaça colorida compartilharam simultaneamente o mesmo palco o grupo folclórico “Os Grissi,” músicos da Banda Pe. Sabbatini e da Engrenagem para executar a música In The Flash, da banda Pink Floyd. Agradecendo os efusivos aplausos, o líder da banda, Ademar Darós, parabenizou o município pelo aniversário dizendo: “Nova Trento é isso. É presente e passado. É Engrenagem, é Grissi, é Pe. Sabbatini!”

O show ilustrou como na concretude da vida afloram criativamente novas leituras da realidade capazes de justapor partes distintas - Pink Floyd e Pe. Sabbatini - possibilitando-lhes uma existência possível por mais efêmera que possa ser. Fazendo uma analogia com o cartaz do centenário, percebo que um novo cenário está sendo preparado para outra fotografia. O retrato está prestes a cristalizar mais um momento da experiência vivenciada pelos moradores de Nova Trento. Uma nova identificação está em processo. As evidências indicam que os preparativos vêm sendo arranjados cuidadosamente motivados por saudosismos, por interesses econômicos e por alguns outros ainda por serem desvelados. O processo de identificação continua seu percurso. O círculo não é redondo!

---

<sup>119</sup> HALL, Stuart. A centralidade da cultura. Notas sobre as revoluções culturais do nosso tempo. In: *Revista Educação e Realidade*, Porto Alegre: UFRGS, jul./dez.1997.

## CAPITULO II

### BUSCANDO O COLONO IDEAL

Se pudesse escolher entre a vida e a morte, escolheria a América.<sup>120</sup>

Este capítulo contempla um episódio compreendido no período entre 1875 a 1878 que considero importante para dar uma idéia de como a identidade não existe como algo estático, e sim como uma construção realizada ao longo de uma história coletiva e única, *por e entre* sujeitos individuais concretos. Sujeitos revestidos da condição de atores sociais, cujo trabalho simbólico se faz de acordo com saberes, valores, e normas realizados como cultura e através dos quais a ação individual é possível e significativa.<sup>121</sup>

Este recorte histórico reveste-se de especial significação pois, como se viu, a partir da comemoração do centenário da imigração italiana (nunca se festejou a imigração polonesa, alemã e brasileira em Nova Trento!) se delineará um período de ressignificação positiva do que é ser italiano, para atender uma demanda multifacetada entre planos de turismo do Estado de Santa Catarina, Associação Trentini Nell Mondo e as modificações sociais trazidas pelo fim do regime militar no Brasil em 1985.

O panorama que procurei reconstruir (com as lacunas impostas pela própria história e pela sistematização que a dissertação exige) possibilita iniciar uma reflexão sobre os movimentos identificatórios das levas de imigrantes europeus que foram estabelecidas no Alferes, primeiro nome dado à Nova Trento, em 1875. Uma identidade individual e coletiva que, reelaborada constantemente, transitou sinuosamente de *italianos, tyroleses, lobarriosos, morigerados* para *caterva de desordeiros, indolentes* para *trentinos, boa gente*. E a identidade

---

<sup>120</sup> GREGORI, Francesco de. *Búfalo Bill* (música). In: Live Álbum, Serraglio Edizioni, Itália, 1997.

<sup>121</sup> BRANDÃO, Carlos Rodrigues. Op. cit., p.150.

da cidade que foi adjetivada por chavões como: *boa terra, terra do vinho, terra dos pedreiros, celeiro de vocações, pedacinho da Itália*, e hoje, *terra da madre ou santa Paulina*.

A discussão propõe-se a apontar pistas para o entendimento da categoria identidade cultural, imprescindível para a organização das práticas educacionais prescritas na Lei de Diretrizes e Bases da Educação Brasileira e Parâmetros Curriculares Nacionais, e acima de tudo para lançar luzes sobre a organização de currículos que primem pelo entendimento intercultural.

Nesta perspectiva, Hall<sup>122</sup> sustenta que as identidades nacionais não são coisas com as quais nascemos, mas são formadas e transformadas no interior da representação. Neste sentido, a nação seria uma “comunidade simbólica” moldada às custas da subordinação de inúmeras identidades étnicas, religiosas, raciais, de gênero e de padrões culturais, sob o manto político do Estado-Nação. Nesta mesma linha de pensamento, diz Anderson<sup>123</sup> que “a nação é uma comunidade política imaginada - e imaginada como implicitamente limitada e soberana,” não aceitando a idéia de coextensão à humanidade.

Desta forma é possível afirmar que dentro de uma cidade existem várias cidades, construídas a partir de arranjos que não os oficiais, perceptíveis na lógica do cotidiano onde se travam as relações sociais que salvaguardam posicionamentos individuais legitimados pelo coletivo. Constroem-se modos peculiares de fazer e ser que são reelaborados e ajustados, mostrando a identidade individual e grupal como um movimento. Diria que se assemelha a um passear diante de uma série de espelhos perfilados: a cada passo, um espelho e em cada espelho, uma imagem que não é igual anterior. A roupa que o expectador veste pode ser a mesma, mas o seu movimento, o seu entorno e o próprio tempo já não é mais o mesmo.

---

<sup>122</sup> HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. 3 ed. Tradução Tomaz Tadeu da Silva, Guacira Lopes Louro, Rio de Janeiro: DP&A, 1999, p.35.

<sup>123</sup> ANDERSON, Benedict. *Nação e consciência Nacional*. Tradução Lólio de Oliveira. São Paulo: Ática, 1989, p14-15.

A cidade Nova Trento viveu e ainda experimenta momentos de destaque na mídia patrocinados pela santificação de Madre Paulina. Atendendo a necessidade de divulgar o primeiro processo de canonização em terras brasileiras, a imprensa, escrita e falada, tem enfocado o aspecto religioso, a índole pacífica, laboriosa e ordeira de uma localidade de descendentes de imigrantes como características *típicas italianas*.

Aproveito o interesse que a cidade está despertando para trazer à roda de discussão um outro aspecto da história de Nova Trento, que já abordei no livro *Nova Trento Outra Vez* editado em 1992 e que também já havia sido mencionado em dois trabalhos intitulados *Nova Trento*: o primeiro de Henrique Carlos Boiteux, de 1929, e o segundo de Walter Fernando Piazza, de 1953: “a revolta dos colonos” em 1878. Ela revela uma outra face dos “pacíficos italianos”, profundamente religiosos, construtores de igrejas e capitéis, artífices de uma cidade conhecida como “celeiro de vocações” por fornecer aos quadros da Igreja Católica mais de duzentos religiosos; por ser o berço da Congregação das Irmãzinhas da Imaculada Conceição fundada pela imigrante trentina Amabile Lucia Visintainer, hoje Santa Paulina.

Não pretendo mostrar que os indivíduos que habitam a cidade vivem uma crise identitária. A idéia é refletir sobre como os discursos elaborados a partir de experiências produzem os sujeitos. Segundo Joan Scott “os sujeito são constituídos discursivamente, mas existem conflitos entre sistemas discursivos, contradições dentro de cada um deles, múltiplos sentidos para os conceitos que usam”.<sup>124</sup> Assim, pode-se ver claramente como a representação discursiva de italiano vai sendo reelaborada conforme as conjunturas mudam e são mudadas pelos imigrantes que fixaram morada na Colônia Itajaí Príncipe Dom Pedro, dando origem a *nova Trento*. As representações discursivas atendendo a necessidades de quem as produz, em geral, reificam e naturalizam seus objetos, dificultando o entendimento de categorias e situações concretas vivenciadas por indivíduos ou grupos.

---

<sup>124</sup> SCOTT, Joan W. Experiência. In: SILVA, A.L. da et all. (orgs.) *Falas de Gênero: Teorias, Análises, Leituras*. Florianópolis: Editora Mulheres, 1999, p.42.

Durante o Segundo Império, Santa Catarina recebeu milhares de imigrantes europeus que atenderam ao chamado de uma política de ocupação territorial movida pelo governo imperial brasileiro. A ideologia que perpassou o discurso que fundamentou a escolha por aqueles imigrantes, no entender de Lená M. Menezes<sup>125</sup>, foi aquela que caracterizou o trabalhador europeu como superior e qualificado, capaz de permitir o ingresso do Brasil no concerto das nações modernas e de sepultar as mazelas do escravismo colonial.

Alerta Emilio Franzina<sup>126</sup> que, para compreender o fenômeno da emigração italiana, é necessário considerar a existência de uma área de partida e uma área de destinação; estímulos de expulsão e estímulos de atração, que perpassam a vida dos indivíduos que migram. Acrescento a este binômio que se deve considerar, também, as expectativas de quem parte e de quem recebe o imigrante, pois é no terreno da frustração ou não destas expectativas que germinam as experiências e discursos.

Em termos de expulsão, a miséria, apontada como a causa das causas, abrigava dentro de si elementos como a desapropriação de propriedades rurais, falta de alimentos, crise de produção nas lavouras, a falta de trabalho remunerado. A escassez de recursos havia motivado a incorporação no *modus vivendi* dos habitantes da região do norte da Itália a emigração temporária ou sazonal, em especial para os países vizinhos. Neste tipo de imigração, buscava-se trabalho em colheitas, construções de estradas de ferro, venda de produtos artesanais etc. Permanecia-se alguns meses fora da comunidade para posterior retorno. Ao contrário, a imigração permanente caracterizava-se pela saída sem retorno em direção de países que ofereciam os atrativos considerados ideais para começar vida nova. O volume de saídas compreendido entre 1875 a 1918, no Norte da Itália, tomou proporções de fenômeno, e seu

---

<sup>125</sup>MENEZES, Lená Medeiros de. Desordeiros e contestadores italianos na cidade do Rio de Janeiro (1907/1930). In: DE BONI, Luis, A. (org.). *A Presença Italiana no Brasil*. Porto Alegre: Edições EST; Torino: Fondazione Giovanni Agnelli, 1996, p. 425.

<sup>126</sup>FRANZINA, Emílio. *La Grande emigrazione. L'Esodo dei rurali dal Veneto durante il Secolo XIX*. Milano: Marsilio Editori, 1976.

caráter de irreversibilidade refletia a gravidade da situação. Franzina<sup>127</sup> e outros estudiosos do assunto estimam que neste período cerca de 14 milhões de italianos deixaram aquele país em direção aos cinco continentes. O Brasil, de acordo com a tabela abaixo recebeu cerca de cinco milhões de imigrantes, no período compreendido entre 1819 a 1947. Foi um país de chegada para imigrantes de diversos países da Europa sendo que um terço deles era de nacionalidade.

**Tabela II**

Entrada de imigrantes italianos no Brasil 1819-1947

<b>Período</b>	<b>Imigrantes</b>	<b>Italianos</b>
Antes de 1850	8.000	185
1850 –1859	117.000	24
1860 –1869	76.000	4.916
1870 – 1879	134.000	47.100
1880 –1889	527.000	276.365
1890 – 1899	1.200.000	690.365
1900 – 1909	649.000	221.394
1910 –1910	766.000	137.868
1920 – 1929	846.000	106.835
1930 –1939	410.000	22.170
<b>Total</b>	<b>4.733.000</b>	<b>1.507.581</b>

Fonte: PETRONE, Maria Thereza Shorer. *O Imigrante e a pequena propriedade*. São Paulo: Brasiliense, 1982.

<sup>127</sup> Um estudo curioso, sobre os locais de destinos dos imigrantes, feito a partir dos epitáfios e cenotáfios pode ser lido em FRANCHINI, Ângelo. *Historias de Pedra. Epigrafes de trentinos emigrados reunidas e estudadas por Ângelo Franchini e comentadas por Mauro Néri*. Prov. Autônoma de Trento 1996. Também em GROSSELLI, Renzo, *Vencer ou Morrer. Camponeses Trentinos (Vênetos e Lombardos) nas florestas Brasileiras*. Editora da UFSC 1987. E, ainda, em ROIO DEL, José Luiz (org) *Trabalhadores no Brasil: imigração e industrialização*. São Paulo: Ícone/EDUSP, 1990.

O forte desequilíbrio na relação população/recursos no decorrer do século XIX, aliada à relação multissecular homem/montanha baseada no consumo interno e não na exportação, segundo Grandi<sup>128</sup>, decretaram a falência do sistema de sobrevivência dos trentinos. Os estímulos de atração para imigrar para a América materializavam um anseio recheado de expectativas voltadas para a reconstrução das condições de vida onde elas existissem e pudessem ser usufruídas sem cerceamento de direitos. Taxas, impostos e confiscos de terras decorrentes do processo de unificação italiana, a baixa produtividade de culturas como a uva e o bicho da seda, somadas às doenças como o cólera, malária e *pellagra*, foram as peças de arremate para abrir as portas à imigração. Uma leitura desta crise feita por Trento sintetiza os seguintes fatores para o grande êxodo italiano:

*A expansão do capitalismo agrícola no norte da Itália, e particularmente na planície do rio Pó, proletarizava um número cada vez maior de camponeses, desenraizando-os da terra e jogando-os no mercado como exército de reserva (agrícola e industrial), sem nenhuma garantia de emprego.(...) O arbítrio e a prepotência dos proprietários de terra, o regime de baixos salários, as condições de vida insuportáveis, a total ausência de proteção legal ao trabalho, aliado ao indisfarçável beneplácito com que o governo encarava a emigração, como válvula de escape para as tensões sociais latentes, fizeram com que a situação no Brasil, com todos os seus desafios tanto nas colônias como nas fazendas, se apresentasse aos olhos de muitos como menos opressiva que a vivida na Itália.*<sup>129</sup>

Cabe aqui refletir que, ao contrário do que afirmam alguns autores, o mito medieval da *cucagna* (o paraíso terrestre, a terra bíblica onde corre leite e mel, o lugar onde todas as necessidades são satisfeitas, ou até mesmo a realidade descrita na utopia de Thomas Morus) não foi a mola propulsora da imigração. A conjugação dos fatores já citados sim, impulsionou os imigrantes a abandonar sua terra natal.

<sup>128</sup> GRANDI, Casimira. Do país da Penúria: Ambiente, população e sociedade no país de proveniência (1874-1914) in *Revista Alcance* (História) – Itajaí – Ano VIII-n.6 p.9-25 novembro 2001.

<sup>129</sup> TRENTO, Ângelo. Miséria e esperanças: a imigração italiana para o Brasil: 1887-1902. In: ROIO DEL, José Luiz. (org) Tradução Ivan Esperança Rocha. *Trabalhadores no Brasil: imigração e industrialização*. São Paulo: Ícone/Edusp, p.25

O mito da *cucagna*, pôde ter estado presente no imaginário daquela sociedade que viu seu mundo desmoronar num momento de crise, e pode ter sido realçado e usado como estratégia da propaganda imigrantista para suggestionar e encorajar os duvidosos a partir. Piazza,<sup>130</sup> caracterizando ironicamente como *dolce far niente* os seis meses de subvenções do governo, diz ter sido este o principal atrativo para tantos imigrantes terem escolhido o sul do Brasil como a sonhada América. O argumento é discutível, pois não se tem notícias de como este subsídio, por si só, poderia ter influenciado os imigrantes a deixar suas comunidades em direção ao Brasil, e até mesmo como os imigrantes teriam tomado conhecimento da distribuição deste benefício se a falta de regularidade na sua distribuição era a causa de contínuos descontentamentos nos núcleos coloniais. Aliás, será justamente esta pequena cláusula contratual que incendiará os ânimos dos imigrantes pondo em cheque a política de imigração do governo.

No Brasil a propaganda imigrantista através do contrato firmado entre o governo imperial e o comendador Joaquim Caetano Pinto Junior, pelo decreto nº5663 de 17.06.1874, propunha-se a canalizar para o sudeste do país os braços necessários para suprir a falta de mão de obra nas plantações de café provocada pelo fim do tráfico de escravos. Na economia cafeeira o imigrante foi empregado em regime de parceria e depois como assalariado. Já no sul a política de imigração objetivava povoar uma região que, devido a sua baixa densidade demográfica e em função de sua posição estratégica, seguidamente era alvo de disputas com os países vizinhos como o Paraguai e a Argentina, além de conflitos internos como a Revolução Farroupilha.

A principal cláusula previa introduzir no Brasil, num prazo de 10 anos, 100 mil imigrantes alemães, austríacos, suíços, italianos do norte, bascos, belgas, suecos, dinamarqueses e franceses “agricultores, sadios, laboriosos e moralizados,” nunca menores de

---

<sup>130</sup> PIAZZA, Walter Fernando. *Nova Trento*. Florianópolis, 1950. p.97.

dois anos, nem maiores de 45, salvo se fossem chefes de família. Assegurava a posse de títulos de terra, transporte subvencionado pelo governo, lotes demarcados, casa provisória e trabalhos remunerados em obras públicas nos primeiros seis meses de permanência na colônia. Esta cláusula contratual garantiria que os colonos pudessem comprar os gêneros de primeira necessidade enquanto não dispusessem de recursos provenientes de suas primeiras colheitas.<sup>131</sup> Sem este dispositivo, a permanência na colônia nos primeiros tempos era quase impossível.

Nova Trento passou a figurar na política imigrantista como parte da Colônia Itajaí Príncipe Dom Pedro, que abrangia a atual cidade de Brusque e região adjacente. Em 1875 começou a receber as primeiras famílias que, após exaustiva viagem em navios superlotados, foram confrontadas com uma realidade que não correspondia àquela pintada pela propaganda e prevista no contrato. Havia muito por fazer, e como os estímulos de repulsão da Europa eram maiores, não restava outra opção senão dar conta do possível e recriar um novo modo de viver fazendo frente às adversidades da nova terra com a experiência de suas regiões de origem, já que nos baús e *valigie* de viagem poucos recursos materiais puderam trazer.

Uma nova localidade iria nascer daí, mediante a composição de várias etnias. Um recenseamento feito em 1890 apontava uma população heterogênea, composta pelas seguintes nacionalidades: brasileiros, austríacos, italianos, alemães, franceses, poloneses, argentinos, de ambos os sexos, variadas profissões e grau de instrução:<sup>132</sup> Lembro que o grande número de brasileiros deve-se ao fato de ter havido uma campanha de nacionalização por ocasião da Proclamação de República. Em 1892, ano da emancipação política da cidade, nova campanha

---

<sup>131</sup> A íntegra do contrato pode ser encontrada na Coleção de Leis Imperiais de 30 de maio de 1874, no Arquivo Público do Estado de Santa Catarina.

<sup>132</sup> Trata-se do recenseamento do distrito de Nova Trento que serviu para instruir o processo de emancipação política do município em 1892, registrado nos Ofícios dos Subdelegados para o Palácio do Governo, 1891. Arquivo Público do Estado.

será mobilizada para garantir o número de habitantes nacionais exigidos por lei para fins emancipatórios.

**Tabela III**

Síntese do recenseamento de Nova Trento de 1890

<b>Nacionalidade</b>		<b>Sexo</b>	
Brasileiros	2078	Masculino	2097
Austríacos	998	Feminino	1914
Italianos	531	<b>Estado Civil</b>	
Alemães	79	Casados	1315
Franceses	5	Solteiro	2577
Polacos	313	Viúvos	1386
Africanos	1	<b>Cor</b>	
Espanhóis	1	Branços	3980
Argentinos	4	Pretos	23
Dinamarqueses	1	Mestiços	8
<b>Defeitos Físicos</b>		<b>Instrução</b>	
Cegos	5	sabem ler	108
Surdos-mudos	5	não sabem ler	2424
Idiotas	5	<b>Profissões</b>	
Aleijados	26	Pedreiros	10
Surdos	4	Negociantes	17
<b>Filiação</b>		Guarda/polícia	4
Legítimos	3897	Alfaiates	3
Ilegítimos	113	Carpinteiros	11
Expostos	1	Sapateiros	10
<b>Culto</b>		Marítimos	2
Católico	3847	Padres	4
Protestante	164	Oleiros	5
<b>Nacionalidade</b>			
Brasil	679	Professores públicos	2
Áustria	1917	Canoeiros	2
Itália	903	Agencia	8
Alemanha	190	Tanoeiros	1
Polónia	313	Padeiros	1
França	6	Carreiro	1
África	1	Ferreiro	5
Espanha	1	Agricultor	852
Dinamarca	1		

Fonte: Ofícios do Subdelegado para o Palácio do Governo, 1891, Arquivo Público de Santa Catarina.

A leitura dos dados fornecidos pelo recenseamento mostra o colorido da vida de uma população composta de uma vasta diversidade cultural e interagindo num novo espaço. É importante lembrar como os substantivos pátrios generalizam e homogeneizam. Devido ao objetivo a que se prestam - nomear os indivíduos que moram num determinado país - não se aplicam para o entendimento das particularidades regionais ou os desdobramentos culturais dos países que adjetivam. Italiano, naquele momento histórico, era o indivíduo proveniente das regiões do Vêneto, Lombardia e Piemonte, regiões com uma grande diversidade cultural onde o fator lingüístico, no caso os dialetos, era uma característica convincente para exemplificar a heterogeneidade daquelas populações.<sup>133</sup>

A organização da vida no Alferes, primeiro nome dado para a *Nova Trento*, aconteceu em clima de tensão e intenso trabalho físico, pois havia todo um meio a ser adaptado para propiciar as mínimas condições de sobrevivência. Não me deterei aqui em refazer os detalhes desta fase da vida colonial neotrentina. Passarei a apresentar evidências na mudança dos discursos oficiais em relação a identidade dos imigrantes que foi sendo construída ao longo de situações que causavam incômodo e frustração de expectativas, tanto do lado das autoridades como dos imigrantes.

A forma como os imigrantes passaram a ser descritos nas correspondências oficiais evidencia como problemática a seriedade e insistência com que exigiam o cumprimento das promessas do contrato. O Visconde de Taunay, em 1877, dizia no relatório de passagem do cargo de presidente da província:

Quase tudo quanto tem afluído nestes últimos meses, é de origem italiana e tirolesa que tem provado mal, demonstrando gênio turbulento e exigente.

---

<sup>133</sup> O Tirol Meridional ou Tirol Italiano, pertencia ao Império Austro-Húngaro. Com o fim da I Guerra Mundial, em 1919, a região passou a fazer parte Itália compondo as atuais Províncias de Trento e Bolzano. Trentinos eram os austríacos de cultura italiana oriundo do Tirol Meridional, uma região irredenta do sul da Áustria anexada em 1918 à Itália (Rovereto, Pérgine, Civezzano, Fornace, Vígolo Vattaro, Levico, Matarello). Já as cidades pertencentes ao reino da Itália eram: Vêneto, Lombardia, Genova, Milão, Mântua, Verona, Veneza. Sobre a variedade dos dialetos praticados nas diversas regiões, recomendo a leitura do livro *Noialtri chi parlen tuti em talian*. Dialetti trentini in Brasile, de Ivete Marli Boso, 2002. Pubblicazioni del Museo Storico in Trento.

Ainda mais: são remetidos da Europa, em virtude do contrato 'Caetano Pinto', com promessas verdadeiramente irrealizáveis, e que os lançam no desespero e furor quando não as vêm cumpridas.<sup>134</sup>

Ao exigir o cumprimento das cláusulas do Contrato, os colonos estavam exercitando o poder que lhes cabia na suas esferas de relações. Apesar do pouco tempo de estada no Brasil (três anos) já era possível vislumbrar a formação do embrião da futura cidade. Neste núcleo havia uma movimentação própria que objetivava reorganizar os vínculos e serviços necessários para a sobrevivência do grupo. A igreja, e a escola foram os primeiros espaços de articulação que davam visibilidade a uma cultura nova, que juntava indivíduos de línguas diferentes, hábitos alimentares, modos de vestir, de conviver, de sentir o sagrado e o profano de maneira peculiar. Era a gênese de uma nova identidade que, ao ver e sentir das autoridades, não se afinava com aquela que julgavam conhecer a partir do olhar sul-americano em direção à Europa quando fizeram a escolha pelos “laboriosos e moralizados” imigrantes europeus para atingir seus propósitos.

Entre 1875 e 1880, algumas situações agitaram a vida das colônias Itajaí e Príncipe Dom Pedro. Estas questões diziam respeito à frustração de expectativas criadas pela política imigrantista que geraram tensões e exigiam respostas urgentes. Nos ofícios trocados pelas autoridades apurei como o discurso sobre a imigração delineava falhas não previstas no contrato. Buscavam-se os culpados para explicar situações sem precedentes: inválidos, viúvas, idosos, doentes e órfãos, imigrantes, sem assistência reclamavam recursos públicos. Em função do grau de insistência pelo cumprimento das promessas do contrato, os imigrantes italianos aparecem nas falas como uma escória transplantada para o Brasil, onde o responsável por tal desatino seria o Contrato Caetano Pinto, conforme consta no ofício enviado ao Ministério da Agricultura pelo Presidente da Província, em 25 de Junho de 1878:

---

<sup>134</sup> Relatório do Presidente da Província em 02.01.1877, p.75, APESC.

(...) O contrato Caetano Pinto, cumprido infelizmente sem bastante escrúpulo, tem dado ingresso nas colônias desta Província a vários criminosos e um crescido número de velhos e inválidos, que seria cruel abandonar à caridade pública, visto que vieram iludidos, não dispõe aqui de conhecimentos e relações, e até ignoram a língua do país.<sup>135</sup>

Em momento algum é considerado o fato de que muitos dos inválidos, idosos e órfãos sofreram algum tipo de perda no embate com o novo meio. Tal é o caso das mortes por epidemias, acidentes de trabalhos nas lides com a floresta, a perda de parceiros que lhes assegurava algum apoio (filhos ou companheiros/as), no caso dos idosos.

Ainda sobre o mesmo assunto, em ofício de 20/07/1878, do Ministério da Agricultura ao Presidente da Província, escrito por João Luís Vieira C. de Sinambu fala de uma relação de imigrantes inválidos e indigentes, acentuando ainda que:

(...) além dos indicados nominalmente, outros muitos imigrantes ali existem, procedentes de igual origem, mutilados, antigos criminosos de homicídio, de roubo e contrabando, incapazes, por sua índole e hábitos, de qualquer trabalho rural.<sup>136</sup>

Novamente a informação era generalizante e não apontava dados que realmente fundamentassem as acusações. Nem mesmo foi considerado que muitos dos imigrantes eram provenientes de áreas urbanizadas nos seus países de origem e não desempenhavam atividades ligadas à agricultura. É o caso dos sapateiros, alfaiates, tanoeiros, açougueiros, ferreiros, pedreiros, carpinteiros, já citados no recenseamento, que haviam imigrado junto com a maioria ligada à agricultura. A condição profissional dos imigrantes apontava para uma grande maioria de camponeses e trabalhadores agrícolas aos quais a legislação brasileira garantia viagem gratuita. Os agentes de emigração, no entanto, preocupados com a comissão que receberiam pelo embarque, interpretavam a lei de modo a garantir a entrada de outras categorias profissionais.

---

<sup>135</sup> Correspondência do Presidente da Província ao Ministro da Agricultura 1878. APESC.

<sup>136</sup> Correspondência do Ministro da Agricultura ao Presidente da Província 1878. APESC.

Note-se que o tom das falas desqualificava os imigrantes que não se acomodavam pacificamente à situação. O discurso que havia justificado a preferência identitária pelos europeus na primeira cláusula do Contrato dava indícios de fissuras apontando para uma reavaliação, pois o *italiano típico* idealizado pelas autoridades brasileiras, quando visto no seu formato real, em carne e osso, não correspondia às expectativas e fugia a seu controle.

Em 1878, três anos após o estabelecimento dos primeiros imigrante e aparente tranqüilidade, o núcleo colonial do Alferes foi sacudido por uma sublevação motivada pela soma de descontentamentos provocados pelo descumprimento das promessas do Contrato. O *nó górdio* estava localizado no Regulamento de 1867, que definia os auxílios e adiantamentos fornecidos pela administração das colônias. Este regulamento previa a distribuição de lotes e seu pagamento em três parcelas num período de cinco anos, a possibilidade de trabalho remunerado ao colono e sua família nos primeiros seis meses em obras públicas, casa provisória, etc.<sup>137</sup> Na foto abaixo, por exemplo, uma equipe de colonos acompanhados de um capataz trabalha na abertura de uma estrada em Nova Trento. O trabalho de derrubada da mata, aterro e remoção de rochas era todo feito a mão (figura n.9). A dureza da tarefa exigia boa alimentação, vontade e perseverança para fazer avançar o máximo de metros diários de estrada. Não é de estranhar que aqueles trabalhadores se sentissem ultrajados ao ver que seu esforço não era remunerado dentro das condições estipuladas.

---

<sup>137</sup> Regulamento das Colônias do Estado. Decreto Imperial nº 3784 de 19 de janeiro de 1867. Arquivo Público do Estado.



Figura n.9: Abertura da estrada da Colona.  
Fonte: arquivo pessoal Jonas Cadornin

O início do incidente começou com o telegrama circular do Presidente da Província ao Diretor das colônias Itajaí e Príncipe Dom Pedro, em 4 de outubro de 1877:

O Tesouro não pode acorrer as despesas que estão fazendo nesta Província com a colonização; o credito está esgotado e Presidência não abrirá outros sem previa autorização do governo. Determino-lhe portanto, que faça cessar os serviços concedidos aos colonos que tenham mais de seis meses na colônia, certo que o excesso da respectiva despesa correrá sob sua responsabilidade.<sup>138</sup>

A medida objetivava desonerar o Estado da obrigação com os colonos que já estavam estabelecidos há seis meses para poder atender aos novos que chegavam. Na prática, cento e oitenta dias não era tempo suficiente para reorganizar a vida em condições tão adversas como as encontradas. Muitos salários estavam atrasados e as reclamações pelo seu pagamento, bem como a reabertura de créditos para os trabalhos públicos, tornaram-se freqüentes. As autoridades, por sua vez, continuaram a manter a opinião de que os imigrantes das Colônias

<sup>138</sup> Correspondência do Presidente da Província às Colônias, 1877. Arquivo Público do Estado.

Itajaí e Príncipe Dom Pedro viviam como assalariados do governo e não como colonos conforme havia sido estabelecido nos contratos. Segundo Machado,<sup>139</sup> a suspensão dos créditos e adiantamentos previstos fazia parte de uma medida que visava conter os gastos com imigração no país. A falta de uma previsão orçamentária realista havia colocado a política imigrantista em xeque e o governo não suportava mais subvencioná-la.

A Presidência da Província ignorava ou temporizava com a falta de recursos que assolava os núcleos coloniais. As terras ainda não produziam o suficiente. Parte dos lotes, além de acidentados e pouco férteis, era desprovido de vias de comunicação para o escoamento daquilo que se pudesse produzir. Havia também o problema da má administração destas verbas por parte da direção dos núcleos. O dinheiro era recebido pelo Diretor diretamente da Tesouraria da Fazenda e repassado aos colonos por agentes da Direção do Núcleo. De acordo com as informações de um ofício do Ministério da Agricultura ao Presidente da Província, em 25 de junho de 1878, denunciavam-se fraudes aos cofres públicos praticadas por funcionários da direção da colônia. Até listas de pagamentos de colonos fantasmas estavam incluídas nas denúncias.<sup>140</sup>

O Padre Alberto Gattone, cura da Colônia Itajaí, em uma correspondência ao Presidente Província datada de 18 de novembro de 1877, expondo seu ponto de vista a respeito da questão da suspensão dos créditos, dava a entender às autoridades que os imigrantes agiam por justa causa e sutilmente advogava em seu favor, dizendo:

(...) O estômago, V<sup>o</sup> Ex<sup>o</sup> sabe, fala também, mas não ascolta, como diz Catão, o Censor, pois não tem ouvidos. Uma comissão para explorar as verdadeiras necessidades destes colonos, distribuição dos dinheiros segundo as cabeças das famílias, e um prazo marcado para os contratos; eis ao meu humilde ver os meios para contentar estes povos, os quais sempre cedem a razão e ao tino na administração.<sup>141</sup>

---

<sup>139</sup> MACHADO, Paulo Pinheiro. A Política de Imigração e Colonização do Império: conflitos e limites. In: *Revista Catarinense de História*. Florianópolis: UFSC, n.5,1998. p.37-38.

<sup>140</sup> Ofícios Diversos ao Presidente da Província, 1878. APESC.

<sup>141</sup> Correspondência dos Arciprestes e Vigários para o Presidente da Província, 1878-83. APESC.

Sem sinais de avanços nas negociações o conflito agravou-se, culminado num quadro de violência. Num telegrama de 8 de fevereiro de 1878, do Ministério da Agricultura ao Presidente da Província, encontrei registrada a inquietação do Diretor da Colônia Itajaí com relação à segurança pública: “O diretor da Colonia Itajay comunica-me por telegrama que os colonos estão afluindo para a sede, reclamando os salários do mês passado e o mesmo parece recear qualquer ocorrência desagradável.”<sup>142</sup>

O descontentamento dos imigrantes aumentava junto às necessidades e no mês de abril aconteceu a primeira manifestação “desordeira” dos colonos. Um telegrama ao Ministro da Agricultura, datado de 8 de abril de 1878, dizia que um grupo de quatrocentos colonos havia arrombado a casa da diretoria da colônia dando tiros. O diretor havia fugido pelos fundos e solicitava o envio urgente de duzentos soldados.<sup>143</sup>

O fato foi noticiado na capital, Desterro, pela imprensa da época nos jornais *O Despertador*<sup>144</sup> e *A Regeneração*, em 07/07/1878, sob título de “Motim”. Relataram o fato posicionando-se favoráveis aos reclames dos colonos do Alferes. Teceram críticas ao processo de colonização, alertando as autoridades italianas no sentido de saber como estavam sendo tratados os imigrantes nos navios e em terra.

Três dias após este acontecimento, outro ofício enviado ao Ministro da Agricultura dava mais detalhes sobre o ocorrido. Dizia que quatrocentos colonos armados atentaram contra a vida do diretor da colônia, Dr. João de Carvalho Borges Junior, e que este havia escapado à “sanha dos assassinos”. Uma companhia da guarnição foi enviada ao local, bem como o juiz municipal de Itajaí, a quem foi recomendado que “abrisse rigoroso inquérito e procedesse contra os criminosos”. Solicitou também ao diretor que expulsasse da colônia “os

---

<sup>142</sup> Ofícios Diversos ao Presidente da Província, 1878. APESC.

<sup>143</sup> Ofícios Diversos ao Presidente da Província, 1878. APESC

<sup>144</sup> Jornal *O Despertador*. Desterro, terça-feira, 09 de abril de 1878, n. 1578.

turbulentos, e que nem a estes, nem aos cabeças da sedição se pagasse quantia alguma, pois que era este o único meio de evitar futuros motins por demora nos pagamentos”. Mostrando a gravidade da situação, o Presidente da Província pedia reforço de duzentos homens pois a capital havia ficado quase desguarnecida.<sup>145</sup>

Por conta da dimensão que o fato estava tomando, o governo enviou reforço militar da Corte (Rio de Janeiro), comandado pelo Major Carlos Frederico da Rocha. A ação policial tornou-se intensiva. A participação da autoridade religiosa representada pelo padre Gattone também foi utilizada para aplacar os ânimos. Foi dele a iniciativa de pedir ao governo que pagasse uma gratificação para fixar na comunidade um padre italiano, o jesuíta João Maria Cybeo, pois segundo Gattone “ao povo faltava tudo se não tivesse sua missa nos domingos e festas.”<sup>146</sup>

Abro um paratensis para apresentar uma breve biografia do Pe. Cybeo, pois entendo ter sido sob sua influência e aplicação de estratégias de ação que Nova Trento entrou no ritmo da romanização católica. O Pe. João Maria Cybeo nasceu em 7 de novembro de 1837, era natural da cidade de Massa Carara, na região da Toscana. Após sua ordenação foi transferido para o Brasil como Visitador da Missão da Província Romana sediada no Rio Grande do Sul. A missão atendia o seminário em Porto Alegre e os imigrantes italianos da diocese dirigida pelo Bispo Dom Sebastião Dias Laranjeiras. Em 1865 trabalhou no recém fundado colégio Santíssimo Salvador, hoje Colégio Catarinense, no Desterro. Pregou sua primeira missão em Porto Belo, durante as férias escolares do ano de 1869. Teria ali descoberto sua vocação de pregador de Missões Populares, um dos meios mais eficazes criados pela Reforma Católica nos séculos XVII e XVIII para atingir a área rural e também adaptada aos centros urbanos. Pregou sua primeira missão em Nova Trento no ano de 1876. Com o fechamento do Colégio

---

<sup>145</sup> Offícios Diversos ao Presidente da Província, 1878. APESC.

<sup>146</sup> CADORIN, Jonas. Ad Maiorem Dei Gloriam- jesuítas e trentinos em Nova Trento. In : DE BONI, L.A. (org.). *A Presença Italiana no Brasil*. Porto Alegre: Edições EST; Torino, Fondazione Giovanni Agnelli, 1996. p.523.

Santíssimo Salvador em 1870 o Pe Cybeo ficou liberado para as pregações percorrendo noventa e duas localidades do Rio Grande do Sul e Santa Catarina. Em 1880 os jesuítas deixaram a residência que ainda mantinham no Desterro. Alguns deles, porém, ficaram na casa aberta em Nova Trento em 1879. Eram os padres: Augusto Servanzi (superior), Pedro Iraci, Carlos Missir e irmão Purgatório (cozinheiro).

A mudança para Nova Trento foi altamente proveitosa. Prova disso é o fato que desde de 1880 até o presente os jesuítas mantêm sua presença em Nova Trento, fundando a paróquia de São Virgílio em 1929, a segunda mais antiga paróquia da Companhia de Jesus restaurada no Brasil, sendo superado em antiguidade apenas pela paróquia de Nossa Senhora da Conceição em São Leopoldo.<sup>147</sup>

Por ocasião da revolta dos colonos a forte liderança do Pe. Cybeo e dos demais jesuítas foi, com certeza, aproveitada para apaziguar os ânimos servindo-se da doutrina católica como apelo à ordem. A nomeação de Cybeo, segundo Azevedo, teria sido conseguida devido a sua diplomacia em lidar com os colonos e por assumir posturas políticas que, certamente, condiziam com os interesses da época. Por ocasião do advento do regime republicano o religioso assumiria uma postura controversa:

Notável como o Pe Cybeo era bastante favorável à República Velha por causa da liberdade de ação por ela permitida, algo que faltava ao Império. Esta opinião é até mais significativa uma vez que a hierarquia católica no Brasil criticava, e não sem razão, o laicismo do novo regime e as leis prejudiciais da nova constituição contra a Igreja. É bom salientar o fato que na preparação esta constituição foi escrita uma cláusula expulsando os jesuítas do Brasil. Felizmente tal cláusula foi excluída na Constituinte de 1891.<sup>148</sup>

Retomado a seqüência dos fatos, nos meses de maio e junho as investigações policiais continuaram e os colonos, por sua vez, permaneciam sem acenos de resposta às suas reivindicações. O clima era de tensão. Apesar da falta de informações é possível deduzir que a

---

<sup>147</sup> AZEVEDO, Ferdinand S.J. O missionário como Imigrante: o Pe. João Maria Cybeo, S.J. In: *Revista do Instituto Histórico e Geográfico de Santa Catarina*. Florianópolis, Imprensa Universitária, n.8, 1988-1989, 42-47.

<sup>148</sup> *Idem*, p.51.

situação de angústia, talvez desespero, fomentasse sentimentos de destemor a ponto de não temerem a intimidação policial. Viviam na pele a dicotomia de serem uma presença tolerada: enquanto trabalhadores submissos eram bem vindos, como contestadores de seus direitos eram *persona non grata*. Apesar do pouco de tempo de permanência no *Alferes* os imigrantes tinham a certeza de que ocupavam, bem ou mal, um lugar na economia da colônia e que o percurso que haviam percorrido para chegar até Santa Catarina não deixava muitas opções de regresso. Preservadas as devidas balizas contextuais é possível atribuir aos colonos revoltosos de Nova Trento o que Abdemalek<sup>149</sup> atribuiu aos argelinos na França na década de 1970 ao afirmar que:

Tendo adquirido essa certeza, os imigrantes começaram a tomar o hábito de reivindicar, de forma extremada, poderíamos dizer, seu direito a uma existência plena e não mais apenas seus direitos parciais de trabalhadores imigrantes. Ao se afastarem dos limites que lhes haviam sido outorgados, ao ultrapassarem seu papel de imigrantes, eles deixaram, em certa medida, de se parecer com a definição que deles se dava. Eram mais do que se poderia tolerar para que os imigrantes continuassem sendo imigrantes; assim era necessário voltar a uma definição mais estrita da imigração e do imigrante.

Observado por este ângulo, o incômodo sentido pelos imigrantes acenava para a reivindicação do reconhecimento a permanência duradoura no país que os acolhia mas que o fazia como se estivesse praticando um gesto humanitário.

Um novo confronto mudou o rumo dos acontecimentos. Um minucioso inquérito policial que apurou os fatos dizia que um destacamento, que fazia guarda na sede do núcleo para evitar aglomeração dos colonos vindos de diversas linhas, desentendeu-se com os colonos. Este fato ocorreu na localidade denominada de Passagem do Sul, quando vários colonos liderados por Anselmo Carnevalli tomaram, à força, a balsa que fazia a travessia para a sede e que tinha por balseiro o alemão Nicolau Kniss. Um colono, Marcelo Avigni, morreu vítima de ferimento à bala e dois soldados ficaram gravemente feridos.

---

<sup>149</sup> ABDEMALEK, Sayad. *A imigração*. São Paulo: Edusp. 1998, p.48.

O fato agravou a situação para os colonos. A força pública intensificou a repressão da revolta. Os líderes do motim foram presos. O chefe de polícia Augusto Lobo Moura e o Capitão Zeferino José Teixeira Campos, através de depoimentos colhidos de 29 testemunhas (não é citado o método de interrogação) concluíram que Baptista Oneda fora o mentor da revolta. Outros colonos como Antonio Parma, Carlo Capetti, Giorgio Selviti, Giuseppe Resini, Thomaso Resini, Felice Resini, Giuseppe Viliati, Bortolo Beregut, Primo Blitanir, Giovanni Mittestainer, Giovanni Gastaldi, Giovanni Succi e Agostino Bendim foram indiciados como suspeitos.<sup>150</sup> A pena infligida aos culpados foi a repatriação por “conduta incompatível com a ordem e a tranqüilidade.”<sup>151</sup>

Em geral, como se pode observar no documento que citarei a seguir, a culpa devia-se à “má índole dos italianos.” Os imigrantes de origem germânica, por não terem ameaçado a segurança pública da Província, passaram a ser apresentados como o tipo ideal de colonizador: laboriosos e submissos. Na construção discursiva sobre o imigrante apropriado para o projeto colonizador, não se estabelecia um paralelo entre o que se entendia por alemão e italiano. Nem se discutiam as especificidades culturais próprias de cada local de proveniência e as motivações que os levaram a deixar seus países. Outro aspecto: tanto em Blumenau como em Joinville, a imigração alemã, que havia prosperado, foi precedida de alguns estudos por parte de seus diretores, diferentemente do que acontecera com a apressada imigração promovida pelo Contrato Caetano Pinto a partir de 1870.

Aliás, o próprio Dr. Blumenau teve problemas com italianos e tirolezes que vieram a residir na sua colônia. A esse respeito assim se expressava o historiador José Ferreira da Silva:

Colonos de índole completamente diferente da dos alemães, com que o Dr. Blumenau vinha lidando desde a fundação da colônia, tirolezes e italianos, principalmente estes, deram-lhe incômodos e aborrecimentos. Era gente

---

<sup>150</sup> Chefes de Polícia ao Presidente da Província, 18.07.1878. APESC.

<sup>151</sup> Ofícios do Presidente da Província. 17/07/1878. APESC.

mais fogosa, menos paciente, mais exigente, apesar de suas condições de existência na Europa, serem, talvez, bem piores que as dos alemães. Principalmente os italianos, que vinham imbuídos, os mais letrados, das idéias liberais que naqueles dias agitavam seu país, não puderam adaptar-se facilmente ao regime de disciplina, de conformação com as deficiências, dificilmente removíveis, e com as necessidades de que a própria administração se ressentia.<sup>152</sup>

Dos motivos expostos acima é possível entender que não fazia parte da índole dos imigrantes, como uma espécie de característica genética, serem “naturalmente,” explosivos, descontentes e afrontadores da ordem estabelecida. Esta atribuição discursiva camuflava outras falas e intenções que não podiam ser evidenciados, sob pena de colocar as autoridades colônias no banco dos réus. Desta forma, a questão dos colonos foi resolvida pelas autoridades como uma questão judicial que apontou, no jogo discursivo da montagem das peças do processo, *a índole* como característica identitária redutiva de todas as causas dos descontentamentos. Desviado para o campo moral tornava-se difícil de sustentar um discurso coerente e revelador das outras interfaces da questão.

E uma destas faces era o princípio econômico dos custos e lucros que regia a política de imigração. Volto a citar Abdalmalek pois seu estudo sobre os argelinos na França, na década de 1970, revela que o fenômeno da imigração na modernidade sintetiza elementos comuns a diferentes situações ao argumentar que:

imigração e imigrantes só tem sentido e razão de ser se o quadro duplo erigido com o fim de contabilizar os ‘custos’ e os ‘lucros’ apresentar um saldo positivo – idealmente, a imigração deveria comportar apenas ‘vantagens’ e, no limite, nenhum custo. Como maximizar as ‘vantagens’ (principalmente as vantagens econômicas) da imigração, reduzindo, ao mesmo tempo o mínimo o ‘custo’ (notadamente o custo social e cultural) que a presença dos imigrantes impõe?<sup>153</sup>

Protestos contra o não cumprimento de cláusulas contratuais ou situações que não se coadunassem com a organização das comunidades de imigrantes italianos não foram casos isolados ou particularidade da história de Nova Trento. Segundo levantamento feito por

<sup>152</sup> SILVA, José Ferreira da. *História de Blumenau*. Florianópolis: Empreendimentos Educacionais, 1972, p.122.

<sup>153</sup> SAYAD, Abdelmalek. Op.cit.P.49-50.

Machado,<sup>154</sup> ao estudar os conflitos e limites da política e de imigração e colonização do Império, situações similares neste mesmo período (1877-78) aconteceram no Rio Grande do Sul, no Espírito Santo e ainda em Santa Catarina, nas colônias imperiais São Bento e Luís Alves. Mais tarde, em Rio dos Cedros, no ano de 1911, por motivos religiosos, segundo Dallabrida<sup>155</sup>, dois padres sofreram um atentado a bomba de dinamite. O ato foi entendido como forma de rejeição ao clero germânico que atuava na colônia italiana, após insistentes manifestações por sua substituição. Giralda Seyferth<sup>156</sup> estudando os “motins e desordens” nas colônias catarinenses, também conclui que o estabelecimento dos colonos não foi um processo tranqüilo de ocupação de terras devolutas, e nem os imigrantes eram os dóceis camponeses idealizados em contratos administrativos oficializar a entrada de imigrantes desejados no Brasil.

No livro de Correspondências do Presidente da Província ao Ministro da Agricultura, de 1879 existe um ofício que merece transcrição e comentário. A opção por esta longa citação deve-se ao fato de representar uma fala autorizada e que sintetizava a tônica do discurso na época. Este documento mostra como o seu autor, ao mesmo tempo que admite as falhas do contrato, busca justificar o insucesso do projeto colonizador desviando a discussão para aspectos que dizem respeito à identidade da parcela predominante entre os diversos tipos de imigrantes que habitavam o núcleo colonial do Alferes.

O documento inicia reconhecendo que, mesmo com vontade e empenho não é possível aos colonos superar as dificuldades advindas da má qualidade e localização dos terrenos:

---

<sup>154</sup> MACHADO, Paulo Pinheiro. Op.cit. Ainda a esse respeito é ilustrativa a carta do Dr. Blumenau citada por Andrietta Lenard, Anexo n. 4 Dissertação de mestrado, UFSC,1975. Nesta carta endereçada a um tal Sr. C.W.Gross em 1976 o Dr. Blumenau refere-se aos italianos e tirolezes como ‘bela mercadoria, sem-vergonhas, decaídos, delinquentes, sujos, acostumados a vida de vagabundos, mentirosos. *Gente* que não se sujeita como os alemães aos trabalhos e são exigentes nos alimentos que consomem.’

<sup>155</sup> DALLABRIDA, Norberto. Catolicismo de Imigração e Conflitos Ítalo-Germânicos. In: FERREIRA,C. et all (org.). *Visões do Vale: perspectivas historiográficas recentes*. Blumenau: Editora Nova Letra, 2002.

<sup>156</sup> SEYFERTH, Giralda. Colonização e conflito: estudo sobre motins e desordens numa região colonial de Santa Catarina no século XIX. In: TAVARES, José Vicente (Org.) *Violências no Tempo da Globalização*. São Paulo: HUCITEC, 1999.

Persistindo ainda algumas das causas que tem longa data entorpecido o processo d'esta colônia, o seu estado não se pode dizer satisfatório. Colonos pessimamente localizados, ainda que trabalhadores sejam, nada podem produzir. Muitas reclamações me foram dirigidas contra a má qualidade das terras e reconhecendo a procedência da quase totalidade delas, recomendei ao Diretor que fosse concedendo novos lotes aos reclamantes em troca dos imprestáveis.<sup>157</sup>

Mesmo ciente da eficácia desta medida, desaprova que o governo subsidie as condições mínimas para que a colonização se efetue na prática. Observa-se, também a dificuldade das autoridades de implantar medidas fiscalizadoras para garantir a distribuição dos créditos e evitar que os colonos não se dedicassem ao cultivo dos lotes. Sem o controle sobre a distribuição do subsídio havia o perigo dos colonos não cultivarem seus lotes e viverem a custa do governo :

Pouco se tem, entretanto, conseguindo com esta medida porque ou os colonos exigem que as despesas de transporte para novos lotes corra por conta dos cofres públicos, o que à força de reiterados pedidos ou de manifestações imprudentes, obterão afinal serviços nas estradas, ou outros favores pecuniários. Habitados em regime de subsídio, que lhes foi dado durante muitos anos e a mão largas, dificilmente se submetem as ordens em vigor, e que estão sendo cumpridas à risca, mas espero que d'entro em breve, convictos de que perdem tempo em vão, ou se integrarão aos trabalhos agrícola, ou abandonarão a colônia, que assim ficará livre d'essa caterva de desordeiros.<sup>158</sup>

O imigrante italiano é descrito com adjetivos desqualificantes, mesmo admitindo-se que a Província de Santa Catarina não estava pronta para receber tamanho contingente de pessoas. Sua retirada do meio dos demais deve ser incentivada e patrocinada pelo governo como medida saneadora:

Os colonos italianos, em geral, de péssima índole, e introduzidos em grandes levas, sem haverem lotes preparados para recebê-los, foram acolhidos nos barracões e sustentados por seis, oito, dez, doze e mais meses a custa do Estado, o que os tornou ainda mais indolentes do que eram. Dai esses contínuos motins, que tão prejudiciais tem sido a colônia, como gravosos aos cofres públicos. Pode-se afirmar sem medo de errar que tais

---

<sup>157</sup> No livro de Correspondências do Presidente da Província ao Ministro da Agricultura, de 1879. Arquivo Público do Estado de Santa Catarina.

<sup>158</sup> Idem.

colonos formam presentemente uma turba volante, pronta sempre a praticar desatinos, e que jamais se dedicará a cultura de seus lotes. Quando estive na colônia ontem em que me hospedei esteve constantemente rodeado de mais de duzentos desses indivíduos, que de continuo me estavam a apresentar reclamações desarasoadas e impertinentes. Sem amor ao solo, só permanecem enquanto são tratados como pensionistas do Estado, há toda a vantagem em facilitar-lhes a retirada para que com seu mau exemplo não contamine os colonos bons.<sup>159</sup>

A seguir o autor nomeia o tipo de imigrante que agrada ao governo, voltando a atacar os italianos e o responsável pelo seu traslado ao Brasil:

Os tirolezes e alemães ficarão e com eles prosperará a agricultura, que a seu turno lhes retribuirá o trabalho, fornecendo-lhes meios de viverem com abundância e independência. Em minha opinião à nenhuma colônia trouxe o contrato – Caetano Pinto - maior descalabro que a Itajaí, que tendo nascido foi viciada, ainda mais viciada ficou a invasão italiana.

Finaliza o texto apontando uma medida autoritária que, novamente, desconsidera e desvia o olhar do mérito da questão: “Expurgada a colônia dos ociosos e desordeiros, que nela residem, entrará segura em uma quadra de responsabilidade, que apressará a época de sua total emancipação”.

O reflexo das falhas na implementação do processo de colonização irá se prolongar ao longo dos anos. As expectativas de auto-sustento das colônias não se realizavam. E novas levas colonos continuavam a chegar. A opinião do Pe. Arcângelo Ganarini sobre a colônia Itajaí Príncipe Dom Pedro, em 1883, é significativa. Dizia que em Nova Trento muitos lotes estavam abandonados nas linhas Pitanga, Rio Bonito, Valsugana e Bom Retiro, afirmando, também que:

Respeito ao estado destas colônias muito havia para dizer, especialmente sobre as causas de seu atraso; pois eu julgo, que poderiam achar-se em uma condição muito mais florida. O erro principal e causa de quase todos os outros, que se lhe seguirão, foi ter o governo mandado para estas colônias em dois anos uns 4.000 colonos sem haver quase nenhuma das preparações tão sabiamente exigidas pelo Regulamento então em vigor.<sup>160</sup>

---

<sup>159</sup> Ibidem.

<sup>160</sup> *Ofícios de Arciprestes e Vigários ao Presidente da Província, 1876-1877*, p. 101. APESC.

Não encontrei informações de como se comportaram os colonos residentes no Alferes depois deste episódio. É certo, porém, que apesar de não serem bem quistos pelas autoridades, os imigrantes continuaram a trabalhar na terra que lhes havia sido destinada. Muitas opções não restavam, era trabalhar, mendigar ou, novamente, emigrar. Algumas famílias, realmente, abandonaram seus lotes e mesmo com dívidas junto à Direção da Colônia, dirigiram-se para Itajaí ou Desterro, onde procuraram embarcar para a Argentina que nesta época também recrutava imigrantes.

Tanto para os que permaneceram como para os que novamente usaram o caminho da imigração acentuava-se a consciência de sua condição de imigrante sentindo-se e sendo considerados como diferentes. O grau de estranhamento, naquele momento devia-se, em especial, ao lugar de proveniência.<sup>161</sup> A diferença aqui era o elemento de separação entre uma identidade e outra. As comparações que se fizeram a respeito da nacionalidade dos imigrantes justificava, ao interesse das autoridades, o que era bom ou não para o projeto colonizador. E o que interessava era que os imigrantes se prestassem *ordeiramente* como força de um duplo trabalho: povoar e produzir os meios para a subsistência e ao mercado. O que não foi considerado com a devida concretude é que essa força de trabalho traduzida em vidas humanas circunscritas a um espaço geográfico, expressava novos modos de ser e de ver o mundo. Extrapolando os limites a eles definidos, os imigrantes italianos, alemães, poloneses e russos, dirá Azevedo,<sup>162</sup> enriqueceram a nação e seus descendentes revelaram “outras maneiras de ser brasileiro.”

Mais vigiados, os colonos comportaram-se de modo a não ameaçar a segurança pública. Buscaram formas de sobreviver sem deixar de resistir. Acredito que o dialeto, principalmente o trentino, deve ter funcionado nos primeiros anos como um canal alternativo usado não só para a comunicação mas também para salvaguardar valores identitários perante

---

<sup>161</sup> OLIVEIRA, Lucia Lippi. *O Brasil dos Imigrantes*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed, 2002, p.12

<sup>162</sup> AZEVEDO, Ferdinand. Op.cit. p.42.

os funcionários da colônia que eram pejorativamente chamados de *brasiliani*. E, obviamente, a língua tornou-se mais um sinal distintivo daqueles indivíduos que resistiam a submeter-se passivamente à lei brasileira, quando entendida como descumpridora de suas promessas.

A vigilância seguida de punição foi implantada como procedimento de disciplinarização dos colonos. Quando algum indivíduo apresentava comportamento suspeito ou contraditório à ordem pública, era chamado à atenção. E em caso extremo aplicava-se a repatriação, tal qual aconteceu a Clemente Motter e Hernesto Hairegat, o primeiro acusado de “viver continuamente em desarmonia com os demais colonos do Baixo Salto,” o segundo por ser inconveniente sua estada no distrito por “mau comportamento.”<sup>163</sup>

A partir de 1878, os contratos para trabalhos públicos e as subvenções do governo passam a ser diminuídos e melhor fiscalizados. Os contratos com as empresas de imigração vão sendo revogados. O processo colonizador vai sendo repensado e suscitando diversos discursos e práticas visando minimizar os prejuízos e assegurar a posse do solo catarinense. Nas correspondências do Presidente da Província para outras repartições, as críticas ao sistema de colonização como vinha sendo feito apontavam para soluções como a emigração espontânea e a migração nacional, desde que fosse patrocinada pela iniciativa particular e não pelo governo.<sup>164</sup>

O núcleo passou a ter um destacamento policial permanente para assegurar a ordem. Certamente as festas e momentos de reunião passaram a ser policiados para evitar que um novo movimento se originasse. Diante destes fatos, não causa estranheza que os imigrantes e seus descendentes se sentissem intimidados para manifestar publicamente seus sentimentos. As práticas públicas, cerceadas pelo olhar das autoridades, ora policiais, ora religiosas,

---

<sup>163</sup> Correspondência do Presidente da Província às Colônias, 1879. APESC.

<sup>164</sup> Os conjuntos documentais a que me refiro aqui são os ofícios trocados pela Presidência da Província com o Ministério da Agricultura, Departamento de Terras e Colonização e as leis imperiais que normatizaram a imigração para o Brasil.

resumiram-se em festas “oficiais” – as festas de igreja e festividades cívicas.<sup>165</sup> Os registros das alegrias, do prazer, não existem. As pessoas parecem viver num mundo de oração e trabalho. Esta afirmação já era confirmada por Walter Piazza em 1950:

Nos bailes não notamos qualquer dança típica pois, não trouxeram os nossos ancestrais nenhuma modalidade coreográfica de sua terra natal, a não ser valsas e a estas não modificaram dando-lhes cunho local. Ao que sabemos as festas rurais se resumem nas dos padroeiros das capelas.<sup>166</sup>

Mesmo nestas festas, as diversões eram vigiadas pelo olhar da autoridade religiosa que estava sempre presente, direta ou indiretamente, na organização dos festejos, no púlpito ou no confessionário. Não encontrei informações que pudessem ser citadas para exemplificar como eram as práticas festivas ou seu cerceamento na primeira metade do século XIX. Acredito que o que foi herdado desse período pode dar uma idéia de como teria sido aquela realidade. A leitura do segundo Livro da Crônica de 1943 a 1963, da Capela do Salto, distante oito quilômetros do centro da cidade, escrita por ocasião das visitas do padre, registra a preocupação do sacerdote com relação ao alcoolismo e jogatina (boccia, mora e carteadado com os jogos de trê sete e dubelon). Em quase todas as visitas ou festas da comunidade há algum registro onde os dois vícios são citados e condenados. Na descrição da festa de ordenação do frei Luis Baraúna (03.07.1954) é possível ter uma idéia das bebidas da época: cerveja, gasosa, guaraná e entre parênteses a preocupação com bebidas alcoólicas de uso doméstico: “vinho não!” Outros registros reveladores: “Procissão: muitos fiéis e muita ordem. Não houve bêbados” em (13.06.1946); (...) “deu-se ordem aos fabriqueiros para não venderem cachaça na festa” (28.04.1950); “(...) na hora do terço começou a encrenca por parte de Eliseu Floriani. Consequência: um garrafão e porta quebrada” (11-14.06.1949); “Terço e benção com ladainha de Nossa Senhora acompanhadas da orquestra. Correu tudo em boa paz e ordem, decerto também porque não se vendeu nem cachaça, nem concertada.”(12.04.06.1950); “Festa de

<sup>165</sup> A primeira festa anual realizada a partir de 1988, que fugiu ao caráter religioso foi a “Incanto Trentino”, organizada pelo Círculo Trentino com o objetivo de *resgatar* a cultura italiana.

<sup>166</sup> PIAZZA, Walter Fernando. *Nova Trento*. Florianópolis, 1950, p 117.

Santo Antonio. ... Tudo corria muito bem, quando no pôr do céu houve uma pequena briga entre alguns beberões.” (13.05.1955); Na visita de 11.03.1951 o padre proibiu o jogo de cartas a dinheiro no botequim da capela. Em 9.05.1951 o sermão foi sobre os jogos de azar.<sup>167</sup>

Embora o tema mereça ser estudado com criteriosidade, acredito que o alcoolismo tenha alguma relação com as decepções e privações a que foram submetidos os colonos nos primeiros tempos e se tornou uma prática entre muitos de seus descendentes. Nas casas de comércio, em geral, funcionava um bar, *o boteco*. Este local prestava-se para a reunião de grupos de homens nos finais de tarde ou nos fins de semana. As mulheres não freqüentavam estes espaços reservados exclusivamente aos homens. Nas mesas de jogos de carta, de môra ou ao longo das canchas de bocha a bebida, cachaça, vinho e mais recentemente a cerveja, servida em pequenas doses mas continuamente, desinibia os ânimos, gerando um clima de descontração, risos, desabafos, desentendimentos e condutas não autorizadas se praticadas em estado de sobriedade. A dificuldade de lidar com o vício e os desregramentos por ele provocados anulavam o poder de cerceamento e controle da doutrina católica e do poder civil. Acobertados pela insanidade provocada pelo álcool, os *tchuquetoni*, com euforia ou timidez, diziam e faziam o que não era para ser dito ou feito.

Fazer a *tchuca*, a *sbornia*, a *estorna* tornou-se uma prática aceita com certa naturalidade ainda hoje, apesar de ser condenada veementemente pelas mulheres, esposas ou mães. Por ser um vício predominantemente masculino, os infortúnios para conviver com os alcoólatras recaía sobre as mulheres. As estórias e causos envolvendo situações de embriaguês fazem parte de um grande repertório tragicômico conhecido na cidade. Em geral, em cada época e em cada bairro, havia e há bêbados famosos e admirados por suas proezas enquanto alcoólatras. O número de mortes provocados direta ou indiretamente pelo álcool é motivo de preocupação das autoridades públicas locais.

---

<sup>167</sup> Segundo Livro da Crônica de 15.09.1943 até 1963, Valada do Salto. Capela do Salto.

O sofrimento, as decepções, desconfortos e carestia de bens para a sobrevivência tornou-se a tônica que perpassou as narrativas do passado nos documentos de época. Os aspectos festivos da vida dos imigrantes não são relatados. O quadro que é possível pintar é carregado de cores que lembram tristeza e saudade sintetizadas no dialeto trentino pela palavra *passion*, de difícil tradução. Um sentimento que mescla tristeza, esperança, saudade e impotência frente à realidade. Morrer de “*passion*”, estar com “*passion*”, é assumir a mágoa, o desgosto a ponto de causar apatia e desconforto capaz de produzir a morte, e quadros depressivos provenientes de um remoer de vivências que, apesar de dolorosas, suscitam certo alívio pois lembram coisas boas que não mais existem mas que se poderia voltar a viver<sup>168</sup>.

No meu entender é neste período inicial de organização da colônia que se plasmará um outro traço que caracterizou e ainda caracteriza os neotrentinos: a poupança ou previdência. Estereótipos como *talhano mão de vaca*, *pão duro*, *unha de fome*, *avaro*, são atribuídos com frequência, em tom jocoso, pelos moradores dos municípios vizinhos aos neotrentinos como marca distintiva.

Vivendo um presente de incertezas e privados de recursos financeiros, a previdência foi vivenciada como uma alternativa doméstica de assegurar a subsistência de famílias numerosas. Anita Moser, estudando aspectos da identidade dos descendentes de italianos do município de Rodeio, também percebe esta característica naquela cidade e justifica sua posição remontando à região de proveniência: “A avareza, no sentido de poupar e de não esbanjar, era também típica dos imigrantes, condicionados pela pobreza do ambiente familiar e social italiano de onde provinham. Aqui a poupança é especialmente valorizada.”<sup>169</sup> A esse

---

<sup>168</sup> É comum ouvir as pessoas idosas atribuírem à *passion* a morte de certas pessoas, tal é o caso que relato no livro *Nova Trento Outra Vez...* p.117 quando a neta de Pietro Demonti, diz que o avô morreu de paixão quando teve o barco à vapor construído por ele afundado na foz do rio Tijucas. Outro fato é citado no Artigo: *Sacramenta! Eu não quero que ninguém fale italiano*, de CUBAS, VENERA e FALCÃO. In: *Revista Contrapontos*, jul/dez. 2001, p.131, onde se descreve a prisão de Sandro Dalri na época da perseguição do Estado Novo. Segundo depoimento de Antonio Cipriani foi “da paixão, da paixão lá na cadeia que ele morreu daí um ano.”

<sup>169</sup> MOSER, Anita. Op.cit. p.35.

respeito também observam Girom e Bergamachi que “além do trabalho os imigrantes trouxeram valores da *economia* ou seja, gastar o mínimo possível e poupar máximo, tanto para pagar as terras e os impostos (dos quais eram raramente isentos) como para melhoria de suas propriedades”<sup>170</sup>

Ao extrapolar os limites de tolerância permitidos os imigrantes que foram instalados em Nova Trento desencadearam a gênese de uma nova experiência que os obrigou, apesar de sua resistência, a moldarem-se às balizas impostas, ora pelas autoridades civis, ora religiosas. Desta realidade vivenciada serão pinçados os adjetivos que irão instruir o discurso formador da identidade do italiano neotrentino como pacato, laborioso, religioso, recatado (beirando timidez) e cordial.

O mundo dá voltas, diz o dito popular. Cento e vinte e quatro anos depois do episódio da revolta dos colonos, mais precisamente no dia 18 de maio de 2002, véspera da canonização de madre Paulina, a cidade recebia reforço policial. Não se tratava de uma nova revolta. Os mais de cem policiais foram acionados, sim, para ordenar a chegada de romeiros e turistas previstos (mais de cem mil!) pelos meios de comunicação para visitar o santuário de Madre Paulina. A filha de um *vigolano*, Napoleone Visintainer, que certamente havia vivenciado o episódio que relatei, estava sendo alçada para o panteão dos santos da Igreja Católica como a primeira santa brasileira. A religiosidade e não a *má índole* agora era o carro chefe dos adjetivos recriadores do mais novo perfil identitário dos neotrentinos. O discurso da mídia motivado pela canonização da primeira santa do Brasil (não brasileira) mostrou a cidade como um lugar gente laboriosa, ordeira e pacata.

---

<sup>170</sup> GIRON, Slomp Loraine & BERGAMASCHI, Heloisa Eberle. *Colônia: um conceito controverso*. Caxias do Sul: EDUCS, 1996, p.46.

Esta nova identificação que se pôs movimento com a canonização reportou-me ao tema que perpassa o filme macedônio (1994)<sup>171</sup> *Antes da Chuva*: “o tempo nunca morre, o círculo não é redondo” e, com acréscimo meu: a história não se fecha num único discurso.

---

<sup>171</sup> A fala refere-se a um diálogo entre o Superior de um mosteiro de monges ortodoxos da Macedônia com um aspirante (Pe. Kiril) ao passar por entre um grupo de crianças brincando de roda. O roteiro sugere uma discussão sobre os conflitos interétnicos entre ortodoxos e muçulmanos que deram origem os atuais conflitos na Macedônia. *Antes da Chuva* (Before The Rain, Direção Milcho Manchevki, 1994 Macedônia, Polygram Filmed Entertainment)

### CAPÍTULO III

#### ESCOLAS DE NOVA TRENTO: UM LOCAL DE IDENTIFICAÇÃO

*O que permaneceu daqueles anos, quem sabe? Daquele nosso grande futuro?  
Tão grande a ponto de engolir a todos num momento antes do sinal da última  
aula?*<sup>172</sup>

Numa entrevista concedida a Maria de Lourdes T. Cipriani dizia uma mulher de Nova Trento, agricultora de 57 anos de idade:

Criei meus filhos muito bem, eles me respeitam, logo quando chegam me dão um beijo e pergunta se a mãe tá boa (...) eu ensinei a eles a fazer de tudo em casa, e com respeito, até hoje eles chega, pede a benção e me dá um beijo, e não tem um que fala italiano, eu ensinei a fala brasileiro, eles sabe fala direito<sup>173</sup>.

O depoimento acima, colhido em 1998, ilustra com maestria o efeito do processo de nacionalização das escolas nos núcleos coloniais catarinenses e no caso particular, em Nova Trento. O objetivo de transformar estrangeiros em cidadãos brasileiros teve como porta de entrada no processo a supressão de uma língua e a imposição de outra. O “falar direito” funcionou como um adestramento cultural que, dentro da lógica dualista, fez da língua pátria dos colonos a língua errada e aquela que foi imposta a língua certa.

Muito mais que a imposição de uma língua, o processo de abasileiramento dos imigrantes europeus que colonizaram Santa Catarina, em especial na segunda metade do

---

<sup>172</sup> RAMAZZOTTI, Eros. *Cara Prof.* (música). BMG, 1990.

<sup>173</sup> O F. V. 57 anos. Apud CIPRIANI, Maria de Lourdes Tamanini. *Representações Sociais e Perspectivas de Vida de Mulheres Fumicultoras: articulando gênero e trabalho*. Florianópolis, 1998. UFSC – Centro de Ciências da Educação. Dissertação (mestrado em Educação), p.80.

século XIX, interferiu no modo de ver e sentir o mundo daqueles que foram diretamente atingidos. Por terem sido colocados no lado dos *errados*, os colonos sofreram o que Bagno denominou de preconceito lingüístico. Assim, segundo ele, o problema não estava naquilo que se falava, mas em quem falava o quê, sendo o preconceito lingüístico decorrência de um preconceito social.”<sup>174</sup>

A análise e problematização dos fatos referentes a criação das escolas em Nova Trento mostram-nas como um espaço de interação social ocupado não só por professores, alunos e suas famílias. Há uma diversidade de discursos e interesses que adentram e se instalam no seu interior, produzindo situações que questionam os fins para os quais estas instituições foram criadas e mantidas. Em certos momentos tem-se a impressão de que os alunos, razão da existência das escolas, são meros atores coadjuvantes. Eles são os receptáculos, os vasos vazios a serem preenchidos com um saber que não caberia a eles discutir sua proveniência e o fim a que se destinava. Na documentação pesquisada não encontrei indícios de falas dos alunos. Foi possível observar, sim, como o foco das discussões foi oportunamente ajustado por esta ou aquela corrente de interesses, fazendo a escola tornar-se um importante campo de exposição de idéias que visavam como que inocular, nos seus freqüentadores, os anticorpos para combater elementos tidos como ultrapassados ou não condizentes com o contexto maior em que estava inserida.

Imersas neste campo de disputas, as crianças, (e até mesmo os professores) vão sendo instruídas sem que tenham conhecimento dos discursos que legitimam as mudanças dos encaminhamentos pedagógicos. Não entendo que a escola tenha funcionado como uma fábrica de autômatos, pois as evidências mostraram que os alunos que as freqüentavam conseguiram sobreviver apesar dela e organizaram suas vidas com outras ferramentas além daquelas postas a disposição nas estantes e bancos escolares. Tal fato comprova que as

---

<sup>174</sup>BAGNO, Marcos. *Preconceito Lingüístico. O que é, como se faz*. São Paulo: Ed. Loyola, 5ª ed. 2000, p. 43

inovações das diversas correntes pedagógicas nunca conseguiram, por mais abrangentes que fossem, dar conta de um campo tão vasto e complexo de relações, como é o da educação. Na realidade, dizem Varela e Uria<sup>175</sup> esta *maquinaria* de governo da infância não apareceu de súbito senão através ensaios e instrumentalização de uma série de dispositivos que emergiram e se configuraram a partir do século XVI. E por nem sempre ter existido, faz-se necessário determinar as condições históricas de existência da escola no interior da sociedade em que se insere. Arrematam sua argumentação afirmando :

a escola não é só um lugar de isolamento onde se vai experimentar, sobre uma grande parte da população infantil, métodos e técnicas avaliados pelo professor, como especialista competente, o melhor, declarado como tal por autoridades legitimadoras de seus saberes e poderes; é também uma instituição social que emerge enfrentando as outras formas de socialização e de transmissão de saberes que se verão relegadas e desqualificadas na sua trajetória.<sup>176</sup>

Pelas evidências da pesquisa, deduzo que não foi possível escapar ileso ao sistemático trabalho pedagógico da época, que concebia a escola como instituição autorizada de divulgação do saber, fazendo dos professores agentes de transmissão e dos alunos receptores passivos. O saber autorizado, desejado pelas autoridades, vinha permeado de pressupostos teóricos que visavam abasileirar os imigrantes que ocuparam áreas liberadas para a colonização no Segundo Império brasileiro. No cotidiano das crianças, filhos e filhas de colonos, foram enxertados novos saberes com teor nacionalizante. O saber doméstico que manifestava as particularidades culturais passou a ser questionado e desqualificado pois, como se verá adiante, o projeto pedagógico que norteava a instituição terá como fim a homogeneização cultural, tarefa difícil diante de uma colônia formada por diferentes etnias.

É importante lembrar que as escolas criadas pelos colonos, denominadas por alguns autores de étnicas, também tinham uma organização pedagógica semelhante às oficiais.

---

<sup>175</sup>VARELA, Julia, URIA, Alvarez Fernando. *Arqueologia de la Escuela*. Madrid: Las Ediciones de La Piqueta, 1991, p.14 (tradução livre).

<sup>176</sup> Op.cit., p.38.

Diferiam na estrutura curricular, embora buscassem alcançar um objetivo comum e conflitante: salvaguardar, cultivar e criar valores culturais importantes para a sobrevivência do grupo naquele momento.

Observa-se um entrelaçamento de discursos e práticas que, apesar dos recortes do texto, acontecem dentro da dinâmica que produz os fatos históricos. A leitura atenta dos discursos e fatos por eles gerados revela que a organização da educação formal nas colônias de imigrantes foi construída à custa de muitos conflitos que, por conveniências políticas e pela ausência de um diálogo pautado pelo respeito às diferenças culturais, foram resolvidos à força de decretos que invocavam a criação da nação brasileira. Corroborando este conceito, pensava-se na homogeneização das culturas tendo como principal elemento a unificação do idioma (monolinguismo), tendo o português como língua oficial do Brasil.

Neste campo de disputas vê-se, em primeiro plano, os imigrantes vindos da Europa, com certo grau de instrução e tradição escolar, demonstrando preocupação em dar aos seus filhos condições de estudar, criando formas locais de resolver o problema da falta de escolas públicas. Boso informa que, dos trentinos chegados a Nova Trento, cerca de 15% eram analfabetos, acreditando que entre os outros italianos imigrados o número deveria ser maior levando-se em consideração que o analfabetismo no norte da Itália, no final do século XIX, chegava a casa dos 54% da população. Mesmo assim, entre os trentinos poucos sabiam falar e escrever a língua italiana adotada pela Itália a partir da unificação.<sup>177</sup>

Com o passar do tempo ver-se-á que os colonos não resistirão em matricular seus filhos nas escolas públicas, especialmente depois que o governo colocou à disposição escolas

---

<sup>177</sup> BOSO, Ivete M. *Noialtri chi parlen tuti em talian: dialeti trentini in brasile*. Trento: Museo Storico in Trento, 2002, p.46. Ano depois, em 1883, o Pe. Ganarini dizia num relatório enviado ao Presidente da Província a respeito da colônia Itajaí Príncipe Dom Pedro: “os alemães sabem quase todos ler e escrever. Os italianos a metade e os brasileiros apenas um décimo.” APESC. Correspondências dos Arciprestes e Vigários, 10.04.1883. Os dados fornecidos por Ivete Boso não fecham com aqueles fornecidos no censo de 1891, citado na página 83 desta dissertação. É possível que a metodologia empregada naquele censo não tenha considerado a alfabetização em língua italiana como informação válida para o item Instrução.

que, além de serem gratuitas, atendiam suas expectativas quanto à orientação para os valores religiosos católicos. A interrogação que o fato suscita diz respeito ao que representava a escola para os imigrantes e seus descendentes. Não localizei documentos que reproduzissem as falas das crianças e de seus pais. A abordagem foi possível através análise dos documentos produzidos pelas autoridades quando as iniciativas dos imigrantes tomam formato e problematizam os projetos de colonização oficiais.

A presença incômoda das escolas nos núcleos de colonização será fruto de contínuas intervenções do Estado (monárquico e republicano), no sentido de enquadrá-las dentro de um modelo que visava direcionar os rumos das colônias atingindo o lado mais fraco da corda: as crianças. Em momento algum encontrei na documentação pesquisada, referências a escolas destinadas aos adultos. Por este viés concluo que os imigrantes adultos sofreram duplamente as penalidades do não enquadramento: por resistência e até mesmo pela inexistência de instituições que os apoiassem caso desejassem aprender, ao menos a língua da nova pátria. No acirramento das campanhas de nacionalização, não serão as crianças, mas os adultos, que sofrerão os castigos mais severos.

Num outro plano temos a preocupação das ordens religiosas de assegurar que o processo formal de educação não fosse contaminado pela influência secular liberalizante que tomava vulto na política brasileira às vésperas da Proclamação da República. Como as escolas já estavam sendo organizadas, o melhor a fazer era estar com elas, inserir-se nelas e reorientá-las, recriá-las.

Paralelo a toda esta situação, o governo provincial movia-se no meio de uma situação inusitada: escolas sendo criadas com gerenciamento próprio, alfabetizando e ensinando conforme um currículo europeu. Uma babel educacional que se distanciava dos ideais de nação almejados pelos positivistas republicanos. A preocupação em solucionar a dicotomia de ter no Brasil cidadãos brasileiros com nacionalidade italiana, alemã, polonesa ou outra foi o

*nó górdio* que só foi desatado parcialmente, de forma compulsória, nas décadas de trinta e quarenta do século XX. Diz Kreutz<sup>178</sup> que as elites monárquicas agiram de forma contraditória quando buscaram construir uma Estado-Nação importando mão de obra e povoadores europeus para modernizar a economia brasileira. O despreparo e a falta de entendimento de como lidar com a questão imigrantista permitiu que as escolas dos colonos surgissem sem a intervenção estatal.

O resultado do descaso inicial com relação às escolas nas colônias permitia delimitar quadros como o descrito em 1886 pelo Presidente da Província, quando sugeria ao Ministério da Agricultura medidas para desfazer os guetos étnicos alternando os lotes por etnias diferentes. E, sobre as escolas, afirmava:

Estabelecem a seu modo casas de educação, que, apesar de pagas inutilizam as nossas escolas gratuitas. Conservam seus hábitos pátrios, não tendo do Brasil senão a terra que adquiriram em condições de excepcional favor, e da qual auferem, os produtos que os alimentam e enriquecem. Recusam os dias de regozijo nacional e comemoram freneticamente os dias festivos da pátria que deixaram. Seus sacerdotes sejam católicos, sejam protestantes, pregam no idioma único por eles compreendido.<sup>179</sup>

Como agravante desta situação tem-se as disputas do coronelismo político local. Este ocupou o espaço escolar para evidenciar ali o alcance de seu poder, pois, por conta dos vínculos partidários, tornou-se praxe a ocupação dos cargos de fiscalização escolar por indivíduos que não conseguiam promover com eficiência as mudanças desejadas pelas autoridades.

Durante o período monárquico não houve investimentos na organização de uma rede de ensino. A educação no país era elitista e ficou praticamente a mercê de ordens religiosas. Desde sua chegada ao lote colonial os imigrantes trataram de dar início a tudo que faltava:

---

<sup>178</sup> KREUTZ, Lúcio. A Educação de Imigrantes no Brasil. In: LOPES, Eliane Marta Teixeira. et.al. (orgs). *500 Anos de Educação no Brasil*. Belo Horizonte: Autêntica, 2000, p.347-370.

<sup>179</sup> Correspondência do Presidente da Província ao Ministério da Agricultura, jan/ jun, 1886 correspondência nº 70. Arquivo Público do Estado de Santa Catarina. (APESC)

casa, abastecimento de água, roças, estábulos, capelas e escolas. Estas últimas eram organizadas com recursos próprios e metodologia baseada na experiência que traziam da região de origem. As crianças eram alfabetizadas em italiano. Os professores, em geral homens, autodidatas, improvisavam seu plano de aulas para ensinar a ler escrever e fazer as quatro operações. Utilizavam a língua que conheciam, em geral um dialeto. Eram escolhidos e contratados pela própria comunidade em função do grau de instrução que demonstravam ter. O trabalho destes professores foi a única oportunidade de alfabetização e formação escolar oferecida às crianças nos primeiros anos das colônias. A escola particular italiana, no meio rural, não foi uma modalidade escolar escolhida entre outras. Ela foi a opção possível para aquele momento. Afirma Ribeiro que:

A condescendência do poder público com a abertura e permanência destas escolas, deveu-se sobretudo à própria dificuldade ou desinteresse em abrir escolas públicas. A falta de professores habilitados, os reduzidos recursos destinados a instrução e a tradição brasileira de instrução para as elites no período imperial, entre outras variáveis, retardaram a chegada da instrução pública no meio rural da região de colonização italiana.<sup>180</sup>

A alfabetização em italiano não era em si um problema. O presidente da Província em 1867, no Relatório apresentado à Assembléia Legislativa, escrevia que os professores que atuavam em áreas coloniais encontravam muitas dificuldades em ensinar a língua nacional pois esta não era praticada fora do âmbito escolar. Preferiam alfabetizá-las na língua materna para depois lhes ensinar o português através de traduções. No mesmo documento o presidente refutava tal método pois, segundo ele, os pais, logo que percebiam que seus filhos estavam alfabetizados, tiravam-nos da escola para auxiliá-los nas lides diárias.<sup>181</sup>

A substituição da língua será um problema que acompanhará todas as iniciativas de nacionalizar o ensino, pois não se tratava de uma questão meramente escolar. Como a língua

---

<sup>180</sup> RIBEIRO, Liane Beatriz Moretto. Escolas Italianas em zona rural do Rio Grande do Sul. In: DE BONI, Luis A. *A presença italiana no Brasil*. Vol.II. Porto Alegre: EST, 1990, p. 563.

<sup>181</sup> Relatório Apresentado à Assembléia Legislativa de Santa Catarina na 1ª sessão da 26ª legislatura pelo Presidente F.J. Rocha, em 21. 07.1886. Tipografia Conservador: Desterro, 1886, p.199.

diz respeito a uma das formas de comunicação e de transmissão de valores era preciso, no mínimo, criar outras condições que justificassem a substituição da língua em uso por aquela pretendida pelas autoridades. Na época, o distanciamento social e geográfico imposto pela política de colonização caminhou na direção oposta aos objetivos pretendidos pelas autoridades com a escolarização. Os encontros entre as famílias eram esporádicos. As festas religiosas promovidas pelos padres, missas e cerimônias de batizados, primeira comunhão e sepultamentos eram os momentos de maior convívio social. Assim mesmo, como as linhas coloniais congregavam maioria maciça de determinadas etnias, tornava-se quase impossível a substituição da língua materna pela nacional. Sem a necessidade premente de outra língua, o grupo utilizava aquela que lhe era útil e capaz de traduzir com os vocábulos apropriados seus sentimentos, suas apreensões, enfim, seu modo de ver e sentir a vida.

As linhas coloniais mais populosas tinham sua própria escola, que também recebia alunos de outras linhas mais próximas. Os objetivos almejados por estes estabelecimentos de ensino concentravam esforços em ensinar a ler, escrever e contar. Mas para que serviria ler e escrever aos filhos de colonos distanciados das outras linhas coloniais e do centro administrativo, e até mesmo de outras colônias em formação, pela precariedade das vias de comunicação? Apesar de pouco úteis, os ensinamentos da escola, na fase de organização da colônia, poderiam ser entendidos como instrumentais e utilitários: a leitura para fins religiosos, como a Bíblia, catecismo e devocionários; a escrita para a troca de correspondência com os parentes nos países de origem, com as autoridades locais e regionais, para abaixo assinados e reivindicações; a matemática para pequenas transações comerciais e contabilidade doméstica.

Em decorrência da organização familiar das colônias basear-se na agricultura, a instrução escolar não visava a promoção social, tal qual vemos na atualidade. Ler, escrever e contar aparecia na vida dos colonos como uma necessidade parcialmente desvinculada do

cotidiano, pois pouco interferia nas lides agrárias que exigiam o emprego de força física. As famílias, em geral numerosas, empregavam todos os braços disponíveis. Este fato justificava o descaso na frequência escolar nos períodos das colheitas e mau tempo, conforme aparece registrado nos relatórios dos inspetores escolares da época. Diz Petrone<sup>182</sup> que eles não tinham tempo a perder. Era preciso trabalhar muito para fazer o sonho de *fazer a América* pudesse tornar-se realidade. Nos lares, também não existiam condições culturais que pudessem estimular adultos e crianças a valorizar a escola. A circulação de material impresso era escassa, quando não inexistente.

Mais tarde, nos discursos pela Nacionalização do Ensino, não serão poupadas críticas a este momento histórico:

Nos primórdios da colonização, os governos passados, numa lamentável complacência, senão criminosa, não instituíram, imediatamente, nas colônias fundadas, a obrigatoriedade do ensino aos filhos dos colonos. (...) Os imigrantes aproveitando a insídia reinante, organizavam, então, as suas escolas particulares, nas quais seus filhos aprendiam o idioma e as tradições de seus maiores.<sup>183</sup>

A primeira notícia escrita sobre o ensino em Nova Trento remonta a 1877, quando o Pe. Alberto Gattone, capelão da colônia Itajaí Príncipe Dom Pedro, solicitou ao governo verbas para construir uma capela no “Alferes” (primeiro nome da cidade). Dizia que na falta da capela, ele e o padre Ganarini celebravam missa na escola dos italianos.<sup>184</sup> A escola localizava-se no lote nº 2 da Linha Lombardia (atual distrito de Claraíba, também conhecido como *Sêzeze* (dezesseis), na divisa com o município de Brusque) onde “foi construída uma casa de escola, tapada ao redor de barro e coberta de folhas de palha e foi nomeado como professor Edoardo Dalmaso.”<sup>185</sup> A denominação “escola dos italianos” dizia respeito ao grupo

<sup>182</sup> PETRONE, Pasquale. Italianos e descendentes do Brasil: escola e língua. In: DE BONI, Luis A. *A presença italiana no Brasil*. Vol.II. Porto alegre:EST, 1990, p. 604.

<sup>183</sup> RAMOS, Oscar de Oliveira. *A Colonização no Brasil*. Porto Alegre:Typographia do Centro, 1930.p.29.

<sup>184</sup> Ofícios de Arciprestes e Vigários ao Presidente da Província, 1876-1877, p. 101. APESC.

<sup>185</sup> BORINELLI, Luiz. Memórias. In: PIAZZA, Valter Fernando. *Nova Trento*. Florianópolis, 1950, p.159-163.

étnico que a freqüentava e também porque seu programa de aula era ministrado em língua ou dialeto italiano.

No relatório anual do presidente da Província para o ano de 1878, os dados estatísticos sobre escolas coloniais apontavam um total de trinta e duas, com 800 alunos, uma média de 25 alunos por escola. Cinco delas localizavam-se no distrito de Nova Trento.<sup>186</sup>

Em 1879, as escolas dos italianos já não passavam despercebidas para as lideranças católicas. Num relatório enviado ao Presidente da Província, o Pe. Ganarini revelava que a igreja e o governo já haviam penetrado nestes espaços de forma ostensiva. Segundo ele, havia no distrito seis escolas mistas mantidas pelo governo, totalizando cento e vinte e seis alunos matriculados.

Os móveis e utensílios das escolas públicas consistem em número suficiente de bancos ou mesas, umas cadeiras, uma mesa para o professor, um quadro negro e um mapa mundi. Existe em Nova Trento uma casa de missionários que se dedicam à educação religiosa dos menores e adultos daquele distrito, motivo porque vários colonos deixaram seus lotes em outras partes para estabelecerem-se no distrito de Nova Trento.<sup>187</sup>

É importante notar, como Ganarini lembra ao Presidente, a importância conferida pelos imigrantes à autoridade clerical e a inclusão da educação religiosa no currículo escolar. Indiretamente, estava justificando a necessidade da permanência dos padres dentro das escolas. Na continuidade do relato, o padre ressalta a importância de o governo continuar a subvencionar as escolas. Para aumentar a freqüência e evitar a evasão, sugere cobrar uma multa dos pais. Propõe também uma parceria com o Estado onde a igreja entraria com seu poder e influência, não admitindo para a primeira comunhão as crianças que não fossem suficientemente instruídas.

---

<sup>186</sup> Relatório do Presidente da Província Joaquim da Silva Ramalho em dezembro de 1878. APESC.

<sup>187</sup> Ofícios Arciprestes e Vigários ao Presidente da Província, 1883. APESC.

Respondendo aos problemas que surgiam para conciliar salas de aula com heterogeneidade lingüística, descreveu o que chamava de método misto de ensino com o aproveitamento dos meninos mais adiantados como repetidores:

Os repetidores tornam-se tanto mais necessários para as classes inferiores por haver nas escolas alunos alemães, italianos e brasileiros, o que dificultava muito o ensino até não compreender a língua do país. A matéria em que se pode usar primeiro a língua Portuguesa é o cálculo, por precisar-se para isso o menor número de palavras.<sup>188</sup>

As matérias previstas pelo Regulamento da Instrução Pública eram traduzir do alemão/italiano para o português, gramática até os verbos regulares, contar com números decimais, regras de três simples e composta, regras da sociedade simples, noções de geografia geral e do Brasil, da Província de Santa Catarina e exercício de música vocal.

Em agosto de 1892, o distrito colonial do Alferes, foi elevado à categoria de município com o nome de Nova Trento, homenagem à cidade de Trento de onde eram provenientes a maior parte dos imigrantes. O processo jurídico que instruiu o pedido de emancipação foi encabeçado pelas lideranças locais ligadas ao comércio. Uma campanha de naturalização foi agilizada para garantir o número mínimo de cidadãos brasileiros, futuros eleitores, exigidos para se obter a emancipação. Nos anos subseqüentes os representantes dos partidos Liberal e Conservador irão disputar os cargos públicos eletivos e de nomeação. A cidade passou a conviver com o bipartidarismo e suas rixas, que a dividiam em duas grandes facções políticas.

A coordenação das atividades educacionais no município passou a ser exercida por um delegado literário nomeado pelo governo da Província para inspecionar as escolas e orientar os professores. A vinculação política do cargo trazia para dentro da escola a luta pelo poder político local que, quando era do partido Liberal, defrontava-se com o clero de posição conservadora.

---

<sup>188</sup> Ibidem, item 15.

Dois anos depois, diz Boiteux<sup>189</sup> que atendendo a uma representação dos liberais do distrito, o Dr. Lara Palmeiro permitiu a abertura de uma “escola mixta de Ensino Primário” na sede. Foi nomeada para a função de professora a Sra. Ignez da Silva Castro e Sá Lobão, de origem lusa e que lecionava no Estreito. Para o cargo de Delegado Literário para a região de Tijuca nomeou o líder político local, comerciante e coronel da Guarda Nacional Henrique Carlos Boiteux, de nacionalidade suíça.

Retomando o Relatório do Pe. Ganarini, é possível sentir a tensão que se criava com a indicação dos delegados, bem como algumas qualificações pertinentes ao ocupante do cargo: “Um delegado literário quando for pessoa ilustrada, imparcial e zelante do bem público – o que não é muito fácil achar-se reunido em uma pessoa em qualquer freguesia – podia por si mesmo inspecionar eficazmente o ensino”.<sup>190</sup>

Era quase explícita a intenção do padre de pleitear que a função deveria, segundo seu entendimento, ser ocupada por alguma autoridade do clero, por considerá-la isenta das influências políticas e ter instrução suficiente para o seu desempenho.

E continuava:

O delegado não há de ser imparcial e há de tratar igualmente os professores sem olhar a cor política deles. O professorado precisa empregar todas as suas forças e saber bem do ensino sem distrair-se com outras coisas estranhas a sua vocação ou recear que por suas idéias individuais está sendo inspecionado com olho inimigo. Por isso a bem do ensino devia-se rigorosamente proceder contra qualquer professor que se envolver em propaganda de partido, do mesmo modo como o regulamento determina respeito a outras ocupações incompatíveis com o professorado; ficando ao mesmo tempo inibidos os delegados literários de exercer direta ou indiretamente qualquer pressão sobre os professores a fim de não privá-los daquela independência, que se torna indispensável para obter professores dedicados.<sup>191</sup>

<sup>189</sup> BOITEUX, H.C. *Monografia de Nova Trento*. Rio de Janeiro: Officina Industrial Graphica, 1929, p.06.

<sup>190</sup> *Ofícios Arciprestes e Vigários ao Presidente da Província, 1883*. APESC. Em 1877 o Pe. Alberto Gattone havia solicitado ao Presidente da Província que o nomeasse Inspetor das Escolas Primárias em função do grau de instrução de possuía.

<sup>191</sup> *Idem*, item 15.

A escola da professora Ignez passou a receber os alunos num casarão de madeira onde havia funcionado a casa da direção da colônia, situada ao norte da atual Praça Getúlio Vargas, no centro da cidade. As matrículas para o ano de 1887 computavam 68 alunos do sexo masculino e 37 do feminino. Neste mesmo ano, escreveu Boiteux que “voltando o governo provincial à situação conservadora, foi nomeado o delegado literário de Nova Trento o cidadão João Valle. Subindo ao poder o Partido Liberal, em 1889, foi substituído por seu filho Hyppolito Boiteux”.<sup>192</sup>

As afirmações acima confirmam a preocupação do Pe. Ganarini em relação ao ocupante do cargo de delegado literário, que continuava a ser preenchido segundo prerrogativas políticas. Por despreparo ou receio de perder o prestígio político local, a função não era desempenhada com resultados positivos. Os comentários de Ganarini também traziam implícitas as farpas que eram trocadas com o governo liberal que cada vez mais aumentava sua interferência nas escolas dos colonos, campo de atuação quase que exclusivo da igreja no tempo que o padre era a única autoridade letrada que visitava as linhas colônias, por mais distantes que fossem.

O número crescente de alunos que afluía à escola ensejou a criação de um novo estabelecimento. Em geral, a prefeitura não possuía prédios próprios e as escolas funcionavam em casas ou barracões alugados. No pedido para abertura de uma escola para o sexo masculino, assim informou o Cônego Joaquim Eloy de Medeiros ao Presidente da Província: “revendo os mapas do último trimestre da escola mixta ali existente verifiquei que um número de 115 alunos matriculado 65 pertence ao sexo masculino e 55 ao feminino.”<sup>193</sup>

O Professor Virgílio Fantini, que já exercia o magistério como professor particular na cidade desde 1882, foi indicado para assumir o cargo de professor da escola masculina. A

---

<sup>192</sup> Mais informações sobre as disputas políticas na cidade encontram-se no livro de minha autoria *Nova Trento Outra Vez...*, nos capítulos 8, 9 e 10.

<sup>193</sup> Ofícios da Instrução Públicas ao Presidente da Província, em 01/12/1885. APESC.

indicação foi encaminhada ao Presidente da Província pelo Delegado Literário Francisco Gottardi, representante do Partido Conservador na cidade. Em 10 de outubro de 1887, a escola entrou em funcionamento com setenta e um alunos matriculados.

Fantini lecionou até 1894. Nesta data foi afastado do cargo por motivos que diziam respeito a sua personalidade e, como não poderia deixar de ser, a política partidária. Mas, por ocasião da demissão do dito professor, políticos que compunham um “club agrícola” enviaram um abaixo-assinado com mais de duzentas assinaturas reivindicando a anulação do ato de demissão. O presidente do Club era o principal adversário do Partido Liberal, Sr. Giácomo Poli.

Procurando justificar a dispensa do professor e anular o abaixo-assinado, Hyppolito Boiteux enviou o ofício que segue ao governador do Estado:

(...) Cumpre informar que a esse cidadão lhe faltam os requisitos necessários para ocupação do cargo de educador da mocidade, visto pouco conhecer a língua vernácula, ter o vício de embriagues e ser visto constantemente nas vendas e hotéis a jogar e até na própria aula usa bebidas espirituosas.(...) Aproveito a ocasião para comunicar-vos que o Club Agrícola aqui fundado a dois meses é simplesmente um club político, com idéias contrárias ao Governo, visto não aceitarem como sócios a brasileiros e fazerem oposição a quem sejam eleito ou nomeados para qualquer cargo.<sup>194</sup>

As autoridades alimentavam expectativas em relação ao professor como agente autorizado para a divulgação da nova ordem a ser instaurada. Ressalvadas as particularidades históricas e geográficas, a constatação de Varela e Uria sobre o que era esperado do professor espanhol na fase de implantação dos cursos de formação dos professores em 1839 também se aplica no caso de Nova Trento. O Estado esperava que o professor se integrasse em uma política de controle direcionada a estabelecer as bases da nova configuração social através da imposição do castelhano (no Brasil, do português) como língua nacional, o emprego de técnicas para que aos meninos aprendessem os rudimentos da leitura, do escrever e calcular

---

<sup>194</sup> Ofícios das Superintendências, Intendências e Conselhos Municipais ao Palácio do Governo, 1894.APESC.

para capacitá-los a conhecer e cumprir os deveres de cidadão. A idéia de pátria e unidade política estava por sua vez alicerçada no ensinamento de uma geografia e uma história singulares<sup>195</sup>.

Em realidade os padres da Companhia de Jesus (jesuítas) atendiam em Nova Trento desde 1878. Em 1879 fixaram uma casa de missão no centro da futura cidade. A Companhia de Jesus fora fundada por Inácio de Loyola um militar basco, convertido em 1534. Seu lema: *Ad maiorem dei gloriam* (tudo para a maior glória de Deus) também está abreviado na porta da igreja matriz de Nova Trento com as letras ADMG.

Sua instituição era um tipo novo e original de vida religiosa que unia espiritualidade profunda à disciplina e obediência quase militar, com a finalidade de coordenar o máximo de atividades na construção do reino de Cristo, na sociedade conturbada daquele tempo. De fato, um dos traços mais marcantes da obra de Inácio é o sentido da organização, a espiritualidade entendida como ação e o culto à eficácia: aqui enfatizou o valor normativo da obediência; na vida espiritual dava muita importância ao esforço pessoal ascético, usando como meios a introspecção contínua e a repressão dos instintos. A ordem por ele fundada, por sua atividade educadora e pastoral, foi uma das alavancas mais fortes da restauração e da Contra-Reforma.<sup>196</sup>

Na falta de lideranças políticas que articulassem ações de organização da vida na colônia, os padres supriram esta deficiência e imprimiram um ritmo de vida pautada pelo teocentrismo católico. Os valores cultivados pelos jesuítas serão elementos constituidores do ethos neotrentino um modo de ser e fazer que foi associado ao estereótipo de italiano típico de Nova Trento e acredito ser difícil tentar entender a formação social do município sem deixar de olhar para a cidade pelo prisma destes valores que marcaram indelevelmente as pessoas que estiveram sujeitos a ação da:

hierarquia férrea, recolhimento, meditação, silêncio, disciplina, amor ao trabalho, ordem, planificação, organização, obediência, distribuição do tempo, oração, prêmios e castigos, quadros de honra, emulação,

<sup>195</sup> VARELA e URIA-ALVAREZ, Op.cit., p.36.

<sup>196</sup> CONTI, Servilio Dom. *O santo do dia*. 3.ed. Petrópolis: Vozes, 1986, p.330-331.

individualização, foram os recursos que converteram as missões em um terreno pedagógico e os colégios em uma terra de missão.<sup>197</sup>

E Nova Trento era terra de missão! Não foi ao acaso que a cidade será conhecida como um grande convento a céu aberto. Sendo católica, a maioria dos imigrantes, os jesuítas não encontraram grande resistência na implantação de práticas religiosas que, baseadas no catolicismo romanizado, impregnaram seu cotidiano.<sup>198</sup> Este modo de organizar a vida cotidiana foi denominado como *sociedade da capela* por Seyferth.<sup>199</sup> Ao redor da capela ou capitel, os imigrantes reunir-se-ão para rezar, festejar, reivindicar e afirmar seus laços de identidade. Ainda hoje nas diversas localidades do interior do município, pode-se observar como herança deste passado um conjunto arquitetônico que reúne a igreja, o salão de festas da igreja com seu botequim, o prédio da escola municipal e o cemitério. Era o espaço do nascimento (batismo e demais sacramentos), da diversão (festas do calendário litúrgico), da instrução formal e religiosa e a última morada. Dentro deste círculo de segurança, nos meios cristãos conhecido como *comunidade* (grifo meu), era possível salvar-se humana e espiritualmente.

Estas práticas eram também transplantadas para o lar, para o trabalho, nas relações mais íntimas da família tornando a crença da onisciência e onipresença de Deus o instrumento de regulação da conduta das crianças jovens e adultos. Os padres, atuando com poderes de mediação entre Deus e o ser humano, gozavam de elevado status na comunidade. Questioná-los equivalia a questionar ou contradizer a Deus. Lembro que, quando criança minha mãe, Maria do Carmo, sempre defendia os padres quando alguém tecia alguma crítica quanto a sua

---

<sup>197</sup> VARELA, Julia. Educação e cidadania. In: DALLABRIDA, Norberto. *A fabricação escolar das elites. O ginásio Catarinense na Primeira República*. Florianópolis: Ed. Cidade Futura. 2001, p.16.

<sup>198</sup> MARQUES, Ana Maria. *Nova Trento inCanto de Fé*. Itajaí: Editora da UNIVALI, 2000. Nesta obra é possível obter mais informações sobre como se construiu a religiosidade na cidade. No capítulo II, Colonos e Jesuítas: Tradição e Romanização é descrita a didática jesuítica visando substituir o catolicismo popular dos colonos pelo catolicismo baseado nos cânones da igreja católica apostólica e romana.

<sup>199</sup> SEYFERTH, Giralda. *Imigração e cultura no Brasil*. Brasília: Editora da Universidade de Brasília, 1990, p.52.

atuação através de um dito popular em dialeto: “*boni o tristi, asseme i me ministri.*”

Traduzindo: “Bons ou ruins, deixem em paz meus ministros”.

Seguindo a máxima de frei Jorge, do livro *O Nome da Rosa*, “toda imagem é boa para induzir a virtude,”<sup>200</sup> era comum encontrarem-se pendurados pelas paredes dos diversos cômodos das casas os quadros dos sagrados corações de Jesus e Maria, o santo padroeiro, o onomástico de algum membro da família, nossa senhora nas suas mais variadas denominações e quadros catequéticos que, como o que reproduzo abaixo, ensinavam através de gravuras as virtudes da fé cristã. Note-se na figura exposta a seguir, como as imagens aí presentes incitavam os fiéis a manterem-se firmes nas verdades da fé cristã. O pecador em seu leito de morte é seduzido por uma tríade de demônios que o tentam com os prazeres da carne, representado por um diabo segurando o quadro de uma mulher com um seio exposto. A cobiça pelos bens materiais representados pelo baú com dinheiro e jóias protegidos por uma cobra, símbolo da tentação que levou Adão a cometer o pecado original. O padre tenta, em vão, convence-lo à conversão e é afastado pela mão do incrédulo, que prefere voltar o rosto para um simpático diabo alado. Os três diabos, de feições agradáveis, esboçam um leve sorriso de satisfação. Lúcifer, o anjo decaído, sentado num trono, com um tridente na mão e coroa na cabeça, observa, impávido, à distância, o trabalho vitorioso de seus asseclas. Uma atmosfera avermelhada com figuras mitológicas sobrevoando o ambiente aumentam a dramaticidade da cena. A esposa chora a desgraça da incredulidade do marido. Um anjo do bem, pairando sobre a cena, vira o rosto para o trágico espetáculo. O mal venceu o bem! O estrago é irreparável. O quadro fazia parte da decoração da casa da família de João e Cruz Cadorin, residentes no bairro da Velha .

---

<sup>200</sup> ECO, Umberto. *O nome da rosa*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986, p. 100.

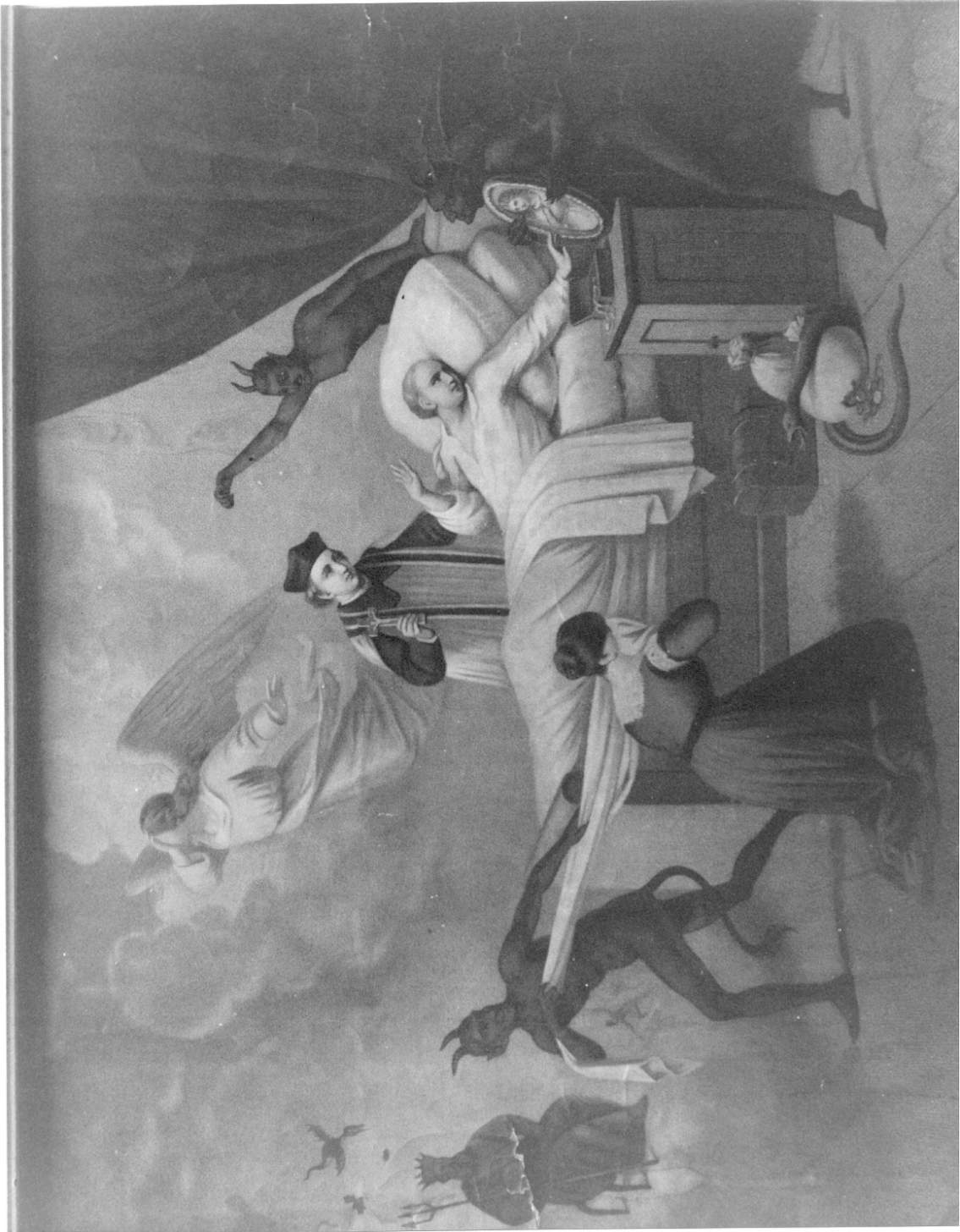


Figura n.10. A morte do pecador. Quadro com motivo religioso sugerido pelos padres para decoração das casas.  
Fonte: arquivo pessoal Jonas Cadornin

Segundo Azevedo<sup>201</sup>, para auxiliar a vida de oração do povo do interior do qual tinha uma opinião muito favorável, Pe. Cybeo, como os outros jesuítas, utilizava o terço, recitado ou cantado e procissões de penitência aos cemitérios. Outro meio, não menos importante, foram as estátuas. Muitas vezes os lugares visitados pelos padres tinham uma capela mas faltava-lhes uma estátua do padroeiro e o Pe. Cybeo recorreu a Europa para consegui-las.

Periodicamente eram realizados momentos intensos de reavivamento das devoções através de práticas coletivas como retiros espirituais e missões. As Missões Populares faziam parte das estratégias da Reforma Católica dos séculos XVII e XVIII para atingir a área rural e também adaptada aos centros urbanos. Consistiam em exercícios de fé coletiva, em geral pregados por padres convidados, através de programações que visavam atingir todas as faixas etárias, bem como todas as localidades do município. Os fiéis católicos eram convocados a refletir sobre sua conduta, sempre culminando com confissões e comunhões em massa. As vezes, apoteoticamente, celebrava-se a conversão de algum protestante, que por falta de pastores mudava de credo para continuar a cultivar algum tipo de espiritualidade. Terminado o período de pregações fincava-se em local de destaque, defronte a igreja matriz, uma cruz de madeira com os dizeres: “Salva Tua Alma.” E para salvar a alma era preciso seguir a risca os preceitos do catolicismo romanizado ou seja:

1. Crer em tudo o que Deus tem revelado e que a Igreja católica apostólica romana ensina. (Símbolo Apostólico). 2. Cumprir a vontade de Deus, manifestada nos dez mandamentos, nos preceitos da igreja, nos deveres do estado, na voz dos legítimos superiores. (Papa, bispo, Paes etc.) 3. Usar bem os S.S. Sacramentos. Batismo, Crisma, Confissão e Comunhão. Na enfermidade Viático, Extrema Unção. E o sacramento do matrimônio para a constituição da família. 4. rezar bem. Ouvir a santa missa em todos os

---

<sup>201</sup> AZEVEDO, Ferdinand S.J. O missionário como Imigrante: o Pe. João Maria Cybeo, S.J. In: *Revista do Instituto Histórico e Geográfico de Santa Catarina*. Florianópolis: Imprensa Universitária, n.8, 1988-1989. p.51.

Domingos e nas festas de preceito; a palavra de Deus (prédica, doutrina). Quem observar fielmente tudo isso, salvará a sua alma para a vida eterna.<sup>202</sup>

Além do ensino no púlpito, os jesuítas mantinham algumas escolas paroquiais pagas com pequenas contribuições das famílias. Devido à dificuldade de deslocamento por picadas, a pé ou a cavalo, o atendimento às escolas concentrava-se nas localidades próximas à vila. Nas linhas mais distantes o professor era indicado pelo padre, obedecendo à sua orientação e inspeção quando de suas visitas pastorais. Muito mais que a escolarização formal, os jesuítas buscavam concretizar seus ideais de formação religiosa dos colonos. Num primeiro momento não sofreram intervenção direta das autoridades públicas. Conseguiram material impresso na Europa junto à sede da missão ou através da autoridade consular. Esta última era sempre vista com reservas, pois o Estado liberal Italiano não se coadunava com a orientação do clero jesuíta que, zeloso pela autonomia dentro das escolas por ele dirigida, preferiam padecer a carência de matérias que sujeitar-se a sua intervenção.<sup>203</sup> O clero catarinense, aliás, também seguia linha semelhante, pois numa Carta Pastoral, Dom João Becker acusou o governo italiano de ser inimigo declarado da Igreja e do Papa. E, sobre a intervenção da Igreja foi enfático: “é preferível renunciar a qualquer subvenção de governos estrangeiros do que sacrificar a independência das escolas e ensino religioso”<sup>204</sup>

---

<sup>202</sup> Folheto de Lembrança da Santa Missão, pregada pelo Frei Modestino, da Ordem Franciscana Maior. Impresso em Joinville em 18 de agosto de 1932. Arquivo pessoal do autor. A frente do impresso trazia estampada uma cruz de pontas arredondadas com os dizeres: “Cristo vive, reina, impera. Salva tua alma. Neste sinal vencerás.”

<sup>203</sup> Sobre este tema ver DALLABRIDA, Norberto. *Escolas Italianas: resistência e Italianidade*, 2003. Trabalho apresentado no *II Seminário Internacional Educação Intercultural, Gênero e Movimentos Sociais*, Florianópolis 8-11.04.2003. Também BOSO, Op.cit., p.55, informa a existência de uma entidade denominada Associação Nacional de Assistência aos Missionários Italianos no Exterior que editava uma revista, a *ITALICA GENS*, encarregada de incentivar o patriotismo italiano após a Primeira Guerra Mundial. Nos núcleos colônias da região de Rio dos Cedros e arredores, em virtude da rejeição sofrida pelos franciscanos de origem alemã entre os colonos italianos a intervenção do consulado da Itália será mais incisiva. Liderados por Ermembergo Pellizzetti contando como apoio do consulado italiano abriu-se uma rede escolas particulares conhecidas como Dante Alighieri sendo a primeira fundada em Acurra. As demais também passaram a ser conhecidas como ‘escolas da Dante’. Sem a orientação dos religiosos davam destaque à língua, história e geografia da Itália.

<sup>204</sup> Carta Pastoral, D. João Becker, 1210.1910. In: BECKER, João. *Synodo Diocesano*. 1910.

Mesmo assim, os jesuítas não negavam a importância de conhecer a língua italiana e faziam questão de empregá-la nos sermões e de ensiná-la em suas escolas, sendo o veículo de comunicação mais bem aceito e eficiente para fazer-se entender pelos colonos. Afirmavam que:

(...) depois da religião, o bem mais sacro que um povo possui é sua língua e quem sabe defender uma e outra pode, com direito, esperar a aprovação daqueles que possuem ainda um coração para Deus e para o país que os viu nascer e que ensinou-os a balbuciar as primeiras palavras.<sup>205</sup>

Em 1918 havia três estabelecimentos tutelados pela igreja: um na linha Baixo Salto onde lecionavam as Irmãs Catequistas da cidade de Rodeio, um no bairro do Vígolo e outro no Centro, ambos dirigidos pelas Irmãzinhas da Imaculada Conceição. A facilidade em entender e falar o dialeto fazia das irmãs as professoras ideais para atuar junto aos filhos dos colonos. A austeridade e severidade disciplinar do trabalho realizado nestes estabelecimentos atendiam às expectativas das famílias e asseguravam anualmente um número expressivo de alunos, confirmando a afirmação de Marques:

A escola confessional preservava uma ligação direta com a cultura religiosa vivida no cotidiano. A tentativa de separar público e privado, criando um tipo de escola que não viesse ao encontro daquela cultura que não separava a vida pública da vida privada, era um tanto complicada e conflituosa. A religiosidade não se deixava em casa quando se ia para a escola, tampouco a linguagem se transformava facilmente.<sup>206</sup>

Ainda é muito comum ouvir exclamações saudosas de ex-alunos: “no tempo das irmãs a gente aprendia muito mais do que hoje” ou “*as monegas* (irmãs) eram brabas mas gente aprendia de tudo, até a trabalhar!” As irmãs garantiam a continuidade e organização das associações religiosas que atuavam junto com às escolas. Eram o braço direito dos padres e

---

<sup>205</sup> "Lettere brasiliane" Il Popolo Trentino (corrispondenza di un cittadino di Santa Catarina). Apud, BOSO, 2003, p.53.

<sup>206</sup> MARQUES, Ana Maria. Op.cit., p. 111.

tinham deles todo apoio na incumbência de ensinar o catecismo, preparação para primeira comunhão, procissões etc.<sup>207</sup>

Com o advento da Primeira Guerra Mundial em 1914 a vida dos municípios e núcleos coloniais habitados por descendentes de imigrantes europeus passou a ser vigiada e normatizada dentro de outros ditames. É neste período que se iniciam medidas que vão impor mais severamente as mudanças na matriz curricular das escolas, inclusive aquelas tuteladas pela Igreja, exigindo a incorporação de hábitos que denotassem a assimilação de uma suposta cultura nacional. Podemos considerar, diz Lenard, que houve duas campanhas de nacionalização da escola em Santa Catarina. A primeira (1911 a 1935) levada a efeito pela ação de Orestes Guimarães e a segunda (1937 a 1945), que abrangeu o último conflito mundial, e que, pelos métodos violentos e coercitivos, quase jogou descrédito sobre o conceito mesmo de nacionalização.<sup>208</sup>

Foi no governo de Vidal Ramos (1910-1914) que a organização da Instrução Pública catarinense ganhou forma e ações que visavam a nacionalização do ensino. Conforme o Regulamento Geral da Instrução Pública, as escolas deveriam ministrar a instrução em língua portuguesa. As privadas não precisavam seguir esta imposição, porém eram obrigadas a aceitar a inspeção escolar bem como enviar seus programas de ensino ao Inspetor Público. Os professores atuantes poderiam continuar a lecionar devendo comprovar sua habilitação e o domínio da língua vernácula.<sup>209</sup>

O Regulamento não previa o fim das escolas privadas, mas asseverava que nas escolas que recebessem qualquer tipo de subsídio estatal o ensino deveria ser ministrado em língua

---

<sup>207</sup> No ano de 1945, por exemplo, os padres conseguiram reaver, junto ao interventor estadual, a nomeação das irmãs Catequistas de Rodeio para atuar na igreja do Salto. Devido a isto, dizia o padre Lidivino Santini: “a casa escolar está passando por uma reforma. Correspondendo as Irmãs à expectativa de todos, alimentamos a firme confiança de que Salto voltará ao florescente estado dos anos atrás e a Cruzada Eucarística será uma realidade.” In: *Il libro da crônica* de 15.09.1943 a 1962, anotações do dia 28.01.1945. Arquivo da paróquia de Nova Trento.

<sup>208</sup> LENARD, Andrietta. Op.cit., p. 131

<sup>209</sup> Inspetoria de Instrução Pública: Regulamento Geral da Instrução Pública, Imprensa Oficial, Florianópolis, 1914.

portuguesa. Comentando a incoerência desta medida, Boso<sup>210</sup> afirma que para o governo era importante o papel das escolas particulares pois assegurava bons índices de alfabetização no Estado. Citando dados da Revista do Instituto Histórico e Geográfico de Santa Catarina de 1890, comprovava que nas cidades localizadas em áreas de colonização encontravam-se os melhores índices de alfabetização: 43% em Jovinville, 40% em Blumenau, 32% em Campo Alegre, 26% em Nova Trento, enquanto que em Florianópolis se limitava a 23%.

Com a reforma do ensino, as escolas paroquiais de Nova Trento passaram a sofrer discreta intervenção por autoridades políticas locais e do Estado e foram enquadradas como focos de resistência à nacionalização por terem na direção padres italianos que nas missas pregavam naquele idioma e utilizavam material didático também na mesma língua.

Na casa canônica de Nova Trento habitavam três padres de nacionalidades diferentes, um italiano, um francês e um alemão. Dominavam a língua dos colonos italianos, tirolezes, poloneses e alemães. Desabafos como o que segue eram comuns nas correspondências dos padres com seus superiores: “diversas circunstâncias tornam nosso ministério mais difícil, por exemplo, as distâncias, diversidade de nações, montes íngremes. Vinte e três lugares são visitados regularmente.”<sup>211</sup>

Em 1918 o padre vigário dizia ser a paróquia muito extensa que atendia em torno de dez mil almas em 21 capelas, algumas distantes da vila quinze horas a cavalo e que, graças ao trabalho dos padres, havia na cidade três escolas paroquiais. Dizia que as dificuldades para a formação religiosa da juventude eram grandes, porém, na igreja matriz, era possível observar um *belíssimo espetáculo* uma vez ao mês, quando centenas de crianças comungavam. Sobre as escolas, manifestava preocupação não com questões especificamente pedagógicas, mas sim com aqueles referentes à formação cristã dos alunos:

---

<sup>210</sup> BOSO, Maria Ivete. Op.cit., p.32.

(...) Mas as escolas, excetuadas duas, foram fundadas pela federação ou pelo Estado, portanto sem religião - contra Cristo, porque não por Ele. Os governantes de agora não proibem a instrução religiosa na escola - mas que será no futuro? Além disso, é grande o número de crianças que não freqüentam a escola. E que será das crianças que deixaram a escola elementar. Acresce a diversidade de línguas, da qual não falei até agora. (...) Oxalá os católicos destas regiões, baseados na liberdade concedida pela constituição Brasileira, exijam com maior fervor por iniciativa própria suas escolas realmente católicas. Isso é difícil quanto aos italianos devido à sua índole e se obtém mais facilmente junto aos colonos alemães. Realmente também em nossa paróquia os colonos alemães, no meio da mata, logo constroem uma casa para escola que serve para o culto divino.<sup>212</sup>

Em outra correspondência no mesmo ano, sem citar nomes ou especificar localidades, dizia estar contrariado com a oposição movida por membros da comunidade católica, o que leva a crer que as escolas paroquiais não tinham a aprovação geral da comunidade:

Desgostos sempre e contrariedades, especialmente a respeito das escolas paroquiais por um núcleo de pessoas, que aliás se professam amigos dos padres; mesmo da parte do bispo que acredita ao que lhe referem. De viagem, passou por Nova Trento e foi direto à casa do principal dos tais amigos, onde descansou, e depois veio nos visitar.<sup>213</sup>

A imprensa da capital também tecia críticas ao trabalho dos padres em Nova Trento. Em editorial, o jornal *O Estado* atacava os padres jesuítas dizendo haver em Nova Trento dois poderes: o tifo e os padres italianos que se sobrepunham a tudo, ao poder civil e a vida das famílias. Continuava acusado-os de pregarem contra o casamento civil, contra as escolas e contra a língua portuguesa<sup>214</sup>. A estas críticas o Pe. Cybeo, respondeu através do jornal *A Época*, dizendo que a igreja respeitava o casamento civil citando a máxima “dai a César o que é de César e a Deus o que é de Deus”. Sobre as escolas dizia: “(...) tive a honra de apresentar

<sup>212</sup> Cartas Anuais, 1929, p.4 Arquivo da Província Brasil Meridional Porto Alegre <sup>212</sup>Cartas Anuais n. 929 da casa dos Jesuítas de Nova Trento, 1918 Arquivo da Província Brasil Meridional Soc. Jesus, Porto Alegre, p.4.

<sup>213</sup> Nova Trento, História Domus, 1918. Arquivo da Província Brasil Meridional, Porto Alegre. Ao que tudo indica o padre referia-se ao comerciante Hippolito Boiteux, líder do Partido Liberal na cidade.

<sup>214</sup> Jornal *O Estado*, 28/05/1915.

ao senhor Governador do estado um exemplar dos nossos livros escolares, em que o ensino da língua italiana segue em paralelo ao da portuguesa.”<sup>215</sup>

Segundo Mazzola (1926), na década de vinte do século XX em Nova Trento funcionavam três escolas na vila, duas mantidas pelo Estado e uma pela paróquia, com uma frequência geral de cem alunos. A igreja mantinha também uma escola paroquial na linha Baixo Salto dirigida pelas Irmãs Franciscanas do Município de Rodeio. O município mantinha quatro escolas localizadas no Indayá, Lageado, e Morro da Onça. O Estado era responsável por outras dez distribuídas nas seguintes localidades: Ponta Fina, Bonito, Alto Salto, São Valentim, Valsugana, Molha, Frederico, Aliança, Indayal e Lombardia. Continuava sendo o delegado literário o Cel. Hyppolito Boiteux, que ocupou o cargo por vinte e cinco anos.<sup>216</sup>

É importante atentar para o fato que as escolas dos italianos em Nova Trento passaram para o poder público sem provocar grandes polêmicas, pelo que se pode deduzir dos documentos. Esta transição justificava-se pela dificuldade de manter o prédio ou custear o professor, e pela falta de pessoas competentes em todas as linhas coloniais para desempenhar a função. A escola pública possibilitava o ensino da língua portuguesa e seu domínio permitia, dentro de uma ótica pragmatista, a possibilidade de relações sociais e comerciais com outros grupos e, particularmente, com aqueles que representavam o poder público.<sup>217</sup> Manfroi também concorda com esta opinião ao dizer que “a escola italiana, guardiã do patrimônio cultural, nunca apaixonou os colonos, que viam a realidade sob um prisma mais pragmático. A cidade e a língua portuguesa agiam sobre os imigrantes como símbolo de promoção social.”<sup>218</sup>

<sup>215</sup> Jornal *A Época*, 19/06/1915, nº 36.

<sup>216</sup> A patente de coronel referia-se a um dos cargos honorários da Guarda Nacional, criados pelo Regente Feijó em 1831.

<sup>217</sup> RIBEIRO, Moretto Beatriz. Op.cit., p. 561.

<sup>218</sup> MANFROI, Olívio. *A colonização italiana no Rio Grande do Sul*. Porto Alegre: Grafosul/IEL, 1975, p.141.

A partir de 1933, as escolas do sexo masculino e feminino passaram à denominação de Escolas Reunidas. Nestas escolas, em conformidade com as leis, a educação elementar era ministrada em três anos letivos. A idade dos alunos variava de nove a quatorze anos. As crianças abaixo desta idade continuavam a conviver quase que exclusivamente com a família e, conseqüentemente, aprendendo a falar em dialeto. Apesar do tempo ter passado a precariedade de comunicação com outro meio onde a língua portuguesa fosse empregada com predominância impedia que a supressão do dialeto acontecesse, como era o objetivo das autoridades. Além do mais as disputas políticas continuavam a interferir na vida das escolas com as nomeações para “cargos de confiança”. Por ocasião da *revolução* getulista de 1930 o padre vigário assim se expressou:

A Revolução de outubro não causou grandes prejuízos a nossa paróquia, mas homens e mulheres, funcionários públicos, foram removidos e lhes sucederam outros do número dos *libertadores* (grifo do autor). Um fato desses facilmente suscita invejas, ódios e inimizades num pequeno lugar como o nosso.<sup>219</sup>

Ao final de cada ano os alunos eram submetidos a provas orais e escritas, baseadas num currículo composto de Português, Geografia do Brasil, Corografia do Estado, História Pátria, Educação Moral, Educação Cívica e Cantos Pátrios. Uma banca, integrada pelo prefeito, o chefe de inspeção escolar e um professor habilitado, era incumbida de examinar os conhecimentos dos estudantes. O discurso autorizado e ensinado era neste momento medido, pesado e conferido, recebendo seu depositário o diploma para avançar a fase seguinte.

As dificuldades que os professores encontravam no desempenho de sua profissão eram muitas, algumas delas inerentes à falta de preparo para o magistério e, às vezes, à falta

---

<sup>219</sup>História domus ,1930, p3. Arquivo da Província Meridional dos Jesuítas, Porto Alegre.

de conhecimento da língua portuguesa.<sup>220</sup> Os alunos, em geral, só conheciam o dialeto (alemão, polonês ou italiano), por ser a língua praticada na esfera doméstica.

Outro entrave dizia respeito a regularidade na frequência às aulas, em especial nas épocas de inverno, chuvas e colheitas. A escassez de material escrito em português e a falta de meios de comunicação acentuavam ainda mais as dificuldades de aprendizado da dita cultura brasileira que os currículos visavam ensinar.

A carência de material didático e até mesmo de vestimentas adequadas vistos em fotos da época são eloqüentes. Na foto que segue abaixo, no verso encontrei a seguinte dedicatória da professora Clementina (sem sobrenome) a um ex-aluno: “Augustinho, os bons tempos não voltam mais. Que pena!... E recordando esses tempos, tenho o prazer de passar às tuas mãos esta pequena lembrança que ofereço com todo amor e carinho. Com abraços de tua ex-professora D<sup>a</sup> Clementina. 1934”

---

<sup>220</sup> A carência de professores foi uma dificuldade enfrentada por várias administrações. Em entrevista realizada em 13.11.1991, o ex-prefeito José Valentim Borgonovo, prefeito na década de 40, ao ser perguntado sobre quem poderia ser professor, respondeu-me: “qualquer um poderia ser professor, desde que soubesse ler e escrever.” Estes professores eram chamados de professores leigos por não terem prestado o exame do Curso Complementar que os habilitava para o exercício da função.



Figura n.10. Alunos da escola do distrito de Claraiba, Nova Trento.(década de 1930)  
Fonte: arquivo pessoal Jonas Cadorin

Observe-se que o prédio escolar era de madeira. Os pés descalços e as roupas apertadas, já não servindo mais nos corpos das crianças em fase de crescimento chamam a atenção. Mesmo assim, eram os *bons tempos* que ficaram guardados na memória da professora.

Cabe aqui ponderar sobre as obrigações dos delegados literários ou inspetores de ensino, que pouco ou nada conseguiram fazer para mudar a situação das escolas, talvez porque fosse mais conveniente ocupar o cargo pelas prerrogativas políticas e deixar que a educação fosse feita ao gosto dos professores. Por sua significância e riqueza de detalhes, transcrevo em seguida um Termo de Visita escrito pelo Inspetor Escolar Germano Wongenfuch à escola da linha Morro da Onça, em março de 1933. É interessante notar que o inspetor está acompanhado do chefe escolar que em nenhum momento é criticado:

(...) Em companhia do Sr. Chefe Escolar Hipólito Boiteux visitei a Escola municipal do Morro da Onça, no 1º. Distrito do município de Nova Trento, regida pela professora Clara Voltolini (não tem exame) em exercício nesta escola desde setembro de 1932. Matrícula total: 20 alunos; masculino 13, sendo 9 do 1º, 3 do 2º e 1 do 3º ano; feminino: 7, sendo 3 do 1º, 2 do 2º e 2 do 3º ano. Frequência total: 11 alunos (apesar do bom tempo); masculino 6, sendo 2 do 1º, 3 do 2º, e 1 do 3º ano; feminino; 5, sendo 1 do 1º, 2 do 2º e 2 do 3º ano. Aproveitando examinei os alunos em leitura e verifiquei que os alunos do 3º ano liam como se estivessem no 1º ano A; os do 2º somente soletravam; em aritmética os alunos do 3º ano mal conheciam a tabuada até 5; em ditado eram mau; de canto conheciam muito mal o Hino da Bandeira; linguagem, geografia, historia e educação era quase nulo o aproveitamento; a professora que ensinara muito pouco de Geografia do Estado em italiano, mas os alunos perguntados não me responderam nada. Os alunos em geral nem compreendem a língua vernácula. Sala de aula: - casa de madeira muito mal cuidada, com largas frestas na parede e soalho, sem vidraça. Mobiliário: compõe-se de 7 bancos quase todos em más condições, 1 mesa, 1 quadro negro e 1 cadeira, em regulares condições. Material didático: falta 1 mapa do Brasil e diversos livros de leitura para os alunos bem como lousas. Pagamento: os vencimentos estão em dia. Observação: Determino à Snra. Professora: 1º se seguir d'ora em diante à risca o programa de ensino; 2º de falar com os alunos constantemente na língua vernácula; 3º de zelar mais pela regular frequência e pontualidade dos alunos; 4º de ensinar a leitura pelo processo que ensinei; 5º de ministrar ao 1º ano diariamente uma aula de conversação – em português; 6º de intensificar o ensino de todas as disciplinas.<sup>221</sup>

Se traçarmos um comparativo do Termo supracitado com o relatório do Pe. Ganarini citado no início deste trabalho, é possível concluir que, apesar do tempo, cinquenta e cinco anos depois, as dificuldades com a educação eram praticamente as mesmas, exceto o número das escolas. Não obstante, o abasileiramento dos imigrantes, como se pretendia desde primeiros anos de sua chegada, ainda não havia acontecido.

A polifonia de discursos que chamaria de confronto entre *parole* (a fala dos imigrantes) e palavras (as falas oficiais), vai compondo o quadro de incompreensões e arrogância onde se estabelecerão enquadramentos para moldar o colono ao ideal de nação brasileira pretendida. Ao delegar as funções de vigilância sobre o processo de nacionalização dentro das escolas aos chefes políticos locais, as autoridades desconsideraram ou fizeram *vista grossa* sobre a forma como se realizavam as disputas pelo poder na esfera local das

---

<sup>221</sup> Termo de Visitas e atas dos Exames de Escola Municipal do Moro da Onça. 1919-37, p.12. Arquivo da Prefeitura Municipal de Nova Trento.

comunidades. Refém do apoio destas bases políticas, o governo demorou para compreender que seu projeto não lograria êxito da forma como vinha sendo posto em prática.

O Nazismo e o Fascismo, bem como a II grande guerra prestaram-se como forças externas para justificar as medidas nacionalizadoras há muito pretendidas. Entre 1938 a 1945, a Campanha de Nacionalização ganhou impulso, não poupando nem os padres, que devido a sua ação pública no púlpito e nas escolas, eram vistos como agentes nazi-facistas a serem neutralizados. A obrigação de pregar na língua vernácula foi exigida e fiscalizada:

Alguns nativistas luso-brasileiros numa capela distante causaram perturbação contra o Pe. José Von Lasenberg por causa do uso do alemão, acusando-o junto ao chefe de polícia e o arcebispo. De modo semelhante, Pe. José da Poian foi denunciado junto ao arcebispo por causa da preferência pelo italiano na igreja matriz e foi repreendido por ele por que todos conheceriam o suficiente de português. Por isso falar italiano é favorecer o fascismo.<sup>222</sup>

Casos de perseguição por fiscais do governo nomeados dentro da comunidade deram margem a situações pitorescas, como o caso do fiscal Pedro Voltolini, que ameaçou mandar encarcerar sua mãe por falar em italiano. Em entrevista informal, relatou-me Selma Cipriani, (65 anos) no mês março de 2003: “o fiscal que controlava as pessoas que falavam italiano, mas quando ia caçar com os homens, no mato, falava italiano com eles.” Lembrou, também, que em certa ocasião um grupo de homens comentavam as peripécias de uma caçada. Seu pai ia comentado, em dialeto, que havia dado uma *sthopetada* (um tiro) numa ave. Ao sentir a aproximação do fiscal corrigiu-se apressadamente como pode dizendo que havia dado um *sthopetiro*.<sup>223</sup>

Os cemitérios também foram fiscalizados. No cemitério central, a partir daquele período, não se permitiu que os epitáfios fossem feitos em língua estrangeira. De fato,

---

<sup>222</sup> Cartas Anuais, 1931, p.31. Arquivo da Província Meridional.

<sup>223</sup> CIPRIANI, Selma. 65 anos. Entrevista informal cedida em sua casa no bairro Mato Queimado, Nova Trento em 29 de junho de 2003.

nenhum túmulo preserva tais inscrições. Algumas peças que escaparam da fiscalização podem ser vistas no cemitério da linha do Salto, há sete quilômetros do centro. Lápides de pedras ainda registram inscrições feitas com ponteiro, lembrando os falecidos em língua italiana: “*chi riposa in pace. Preghiamo per lei.*”<sup>224</sup>

O medo de se expressar tomou conta da população, e com certeza foi um dos fatores que contribuiu para desmotivar o cultivo do dialeto entre as famílias, em especial na área urbana, onde a fiscalização foi mais intensa. O dialeto passou a ser visto, como já mencionei, como a língua errada, e não conseguir dominar o português nas conversações era sinônimo de atraso cultural, *coisa de grosso do interior (grifo meu)*. Este estigma marcaria muitas crianças e jovens por pelo menos quatro décadas.<sup>225</sup>

Os professores com poder de autoridade a quem se devia respeito, agiram como agentes efetivos de inibição e repressão do uso do dialeto e arautos da *língua certa* de se falar no Brasil. “A convicção que falar o dialeto, especialmente o sentimento de inferioridade derivado do exclusivo conhecimento do dialeto naquela época de forçado nacionalismo, levou muitos trentinos a falar em português com seus filhos (ou ao menos tentaram fazê-lo).”<sup>226</sup> O sotaque, passou a ser camuflado, pois denunciava uma procedência considerada vergonhosa. Ser e querer ser foi uma das questões que incomodaram a vida dos *descendentes* de italiano. Recordo que, em 1977, fui estudar no juvenato dos Irmãos Maristas em Joaçaba. O colégio atendia a elite local e um dos motivos de gozação dos colegas de turma era quando eu pronunciava palavras que exigissem o emprego do dígrafo duplo erre (rr), ou o ão no final de palavras. Muitas vezes deixava de me expressar para não sofrer o escárnio em função do sotaque.

<sup>224</sup> Em Marlene de Fávere, op.cit, p. 389, encontra-se a informação que o decreto lei n.119, 24/ 02/39, da prefeitura de Florianópolis e em Blumenau o decreto lei n.12,08/12/38 proibiam inscrições em língua estrangeira nos túmulos, mausoléus, lousas e cruzeiros dos cemitérios.

<sup>225</sup> Lembro que na década de 1970, ingressei na 5ª série do então curso ginásial, e mesmo sendo morador do perímetro urbano, também sentia a desaprovação dos professores e colegas que sabiam ou esforçavam-se para falar o português com o sotaque carioca divulgado nas rádios e televisão.

<sup>226</sup> BOSO, 2003, Op.cit, p.57.

Referindo-se aos usos e costumes da cidade, Mazzola atribuiu ao trabalho educativo das escolas a responsabilidade pelo clima amistoso de coexistência entre os moradores das diversas localidades habitadas por descendentes de italianos, alemães, poloneses e brasileiros. Se havia um convívio pacífico entre as etnias, havia também terrenos delimitados que eram respeitados. Os católicos, por exemplo, não casavam com os alemães protestantes que habitavam algumas linhas coloniais.

Em 1935 foram unidas as três escolas públicas da sede com a escola paroquial das irmãs, com a promessa do secretário da educação de subvencionar a escola e deixá-la aos cuidados das Irmãs da Imaculada Conceição, desde que se habilitassem para o ofício. Comentando o fato, dizia o padre vigário: “Esta solução é bastante boa, porque o povo não está disposto a fazer sacrifícios pelo grupo escolar propriamente dito católico”.<sup>227</sup> O interesse pela escola, desde que fosse gratuita, era ponto pacífico para os moradores da cidade. Por outro lado a Igreja continuava ter seu lugar ao sol espaço assegurando o espaço para instruir as crianças dentro dos seus princípios.

Na década de quarenta do século XX, a educação na sede da cidade tomou novo impulso com a inauguração do novo prédio do Grupo Escolar Lacerda Coutinho em 29 de abril de 1947. (De sua fundação até 1964, o colégio foi dirigido por religiosas da Congregação das Irmãzinhas da Imaculada Conceição.) Os dados da tabela abaixo comprovam os investimentos do governo no intuito de tomar sob seu comando os destinos da educação na cidade. Nos anos do pós-guerra, as escolas particulares registravam índices de matrícula que prenunciavam seu fim. Com menos intensidade as escolas municipais registraram a metade das matrículas. A grande migração dos alunos foi em direção das escolas mantidas pelo Estado investia grandemente na abertura de novas escolas por todo o Estado.

---

<sup>227</sup> *Cartas Anuais*, Residência dos Jesuítas, 1933, p.2, Arquivo da Prov. Meridional, Porto Alegre.

**Tabela IV**  
Frequência escolar em Nova Trento -1938 a 1948

ANO	FREQUENCIA	ESTADUAL	MUNICIPAL	PARTICULAR
1938	938	565	213	160
1939	986	613	226	147
1940	961	521	246	194
1941	1001	554	222	226
1942	1037	594	246	197
1943	1127	629	266	232
1944	1109	636	273	200
1945	1201	685	281	235
1946	1273	853	142	278
1947	1163	945	146	72
1948	1293	1147	124	22

Fonte: Departamento Estadual de Educação. Apud PIAZZA, 1950, p.76.

No casarão de dois pavimentos onde funcionava a escola paroquial, na saída para Brusque, passou a funcionar em 1948 o colégio Normal Pio XII.<sup>228</sup> Este curso admitiu, como professores, diversos egressos da vida religiosa que retornavam a cidade com curso superior de filosofia ou teologia, que os habilitava a lecionar diversas disciplinas. Seu objetivo

<sup>228</sup>Em 1955 foi denominado Curso Normal Regional Pio XII; em 1963 Ginásio Normal Pio XII. O prédio manteve-se intacto até o início de maio de 2003, quando começou a ser demolido para ali se instalar uma loja de móveis.

principal era formar professores e professoras para atender a demanda das escolas locais e da região. Em 1966, ele passou a funcionar nas dependências do Grupo Escolar com a criação do Colégio Normal Francisco Mazzola, oferecendo o curso de Ensino Médio com habilitação para o magistério. Em 1981 o grupo escolar e o colégio unificaram sua denominação, passando a chamar-se Colégio Estadual Francisco Mazzola.

Fazendo muro com o colégio estadual, funcionavam num mesmo prédio o centro de formação de moças para a vida religiosa e o Ginásio Orientado para o Trabalho (GOT) dirigido pelas Irmãs da Imaculada Conceição e incorporado em 1972 pelo Colégio Normal Francisco Mazzola. A união dos colégios permitiu que professores leigos e religiosos ( foto abaixo) atuassem juntos num período marcado pela severa observância de uma Lei de Diretrizes e Bases da Educação que lembrava a disciplina dos quartéis.



Figura n. 11: Professores religiosos e leigos. No verso da foto os dizeres: “Segue uma fotografia do dia 7 de setembro do Grupo Escolar. As freiras são professoras do Grupo e nós também na de Educação Física. Nair Valle Marchi, 1965”

Fonte: Arquivo pessoal Jonas Cadorin.

O culto a bandeira e aos heróis nacionais com hinos cantados em uníssono e em formação militar, eram uma prática quase que diária. As datas cívicas comemoradas com

esmero: poesias, encenações e cantos pátrios eram as atrações destes momentos cívicos. O desfile de Sete de Setembro era sempre concorrido e simbolizava e se oficializava como a manifestação mais ostensiva de patriotismo. Lembranças deste tempo estão ainda presentes na memória dos ex-alunos daquela época. Selecionei o depoimento que segue pela variedade de informações sobre severidade, família, relação professor aluno, sentimento de inferioridade:

Eu estudei no colégio das irmãs. Era muita severidade. Lá eles esqueciam de dar aula. Era castigo na escola e em casa porque os pais sempre davam razão para os professores. Num desfile de sete de setembro uma freira fez minha orelha sangrar só porque eu estava fora da formação lateral no desfile. Era prejudicado pelos professores e em casa pelos pais. O que fazia isso tudo era a pobreza de cabeça e a pobreza de tudo. Se vivia num stress direto sem saber o que era. Não havia diálogo do professor com os alunos. Fui um bom aluno, nunca peguei exame. Os professores tinham mais amizade com o pessoal da praça. O pessoal mais pobre ficava sempre de lado. A família era mesmo pressionada pela pobreza. Se tivesse que perder tempo com a escola era para fazer a coisa certa e séria. Os que quiseram aproveitar se deram bem, os outros não se desenvolveram. Isso era assim antigamente.<sup>229</sup>

Em 1975, ano em que o município comemorou o centenário da imigração, dirigia o colégio o atual secretário de educação, professor Moacir Facchini. O colégio foi envolvido na programação do centenário. Seguindo a mesma praxe das comemorações cívicas, organizou o desfile dos estudantes nos moldes militares: fanfarra, alunos divididos em pelotões caminhando em ritmo de marcha, vestindo uniforme azul e branco ou representando cenas da vida dos imigrantes. Como estudante da 6ª série na época, não lembro que tenham tido uma aula explicando o fato histórico da imigração européia para a cidade. Foi uma comemoração a mais que quebrou a monotonia da escola. Meu pelotão desfilou com camisetas de diversas cores com os dizeres *Hering Brasil* doadas por aquela indústria têxtil sediada em Blumenau. E foi interessante perceber que no desfile apareceram momentos da vida colonial que refletiam a dicotomia centro e interior: pessoas do centro vestindo-se como colonos, sendo que os colonos propriamente ditos talvez tenham assistido o desfile da calçada.

---

<sup>229</sup>Entrevista com Altair L. Orsi, 48 anos, Proprietário de bar e de empresa de transporte escolar.

A continuidade dos estudos (curso ginasial) que só era oferecida no Grupo Escolar no centro da cidade propiciou a aproximação de alunos do perímetro urbano e rural. Tal encontro não aconteceu sem causar desconforto. O encontro *dos da praça* como os *de lá do interior* revelou diferenças e acentuou a inferiorização que estigmatizou os moradores da zona rural. A sede da cidade, por estar mais próxima da máquina administrativa municipal e por receber um trânsito maior de visitantes, proporcionou aos seus moradores maior velocidade na substituição de hábitos e linguajar para lhes assegurar maior segurança na comunicação. Lembro também que as melhorias trazidas pela energia elétrica (luz, geladeira, rádio, televisão), os veículos a gasolina, a melhorias das estradas interligando os municípios, ampliaram a rede de comunicação dos urbanos em relação ao interioranos.

No município de Rodeio, em 1976, as professoras entrevistadas por Lenard denominavam como “complexo de colono” a inferiorização sentida pelos alunos que vinham das escolas do interior por não dominarem a língua portuguesa com a mesma facilidade que os da cidade, e por terem o sotaque de sua fala marcado pela influência do dialeto.<sup>230</sup> A escola tinha a missão de nivelar a todos por um único parâmetro que não levava em consideração as peculiaridades locais. Abandonar os hábitos de colono e assumir os valores da cultura nacional deveria ser o novo ideal de vida a ser ensinado e aprendido. Volto a lembrar aqui o excerto da entrevista que abre este capítulo, quando aquela mãe se orgulha de não ter nenhum filho falando italiano.

Como um espaço construído artificialmente, a escola continua a juntar pessoas de diversas regiões e presta-se para ser o veículo mobilizador de interesses diversos. O caso da implantação da língua italiana no currículo é emblemática. Num determinado momento abominada, hoje é objeto de resgate e preservação:

---

<sup>230</sup> LENARD, Andrieta, 1976, Op.cit., p.90-91.

Para mostrar que o colégio é verdadeiramente parte integrante desta comunidade e que dentro de sua proposta pedagógica tem procurado valorizar a nossa cultura, foi implantado a partir do ano de 1987, a língua italiana no currículo de 5ª a 8ª série, podendo ser estendido, a partir do próximo ano para o 2º grau. A implantação do curso de italiano e resultado do anseio de uma parcela da comunidade que há muito veio lutando para que isso acontecesse. As viagens de intercâmbio cultural e de estudo promovida pelo Circolo Trentino e um maior esclarecimento da população em geral para a importância de mantermos vivas e atualizadas nossas ligações com a Itália, foram grandes responsáveis pela oficialização do curso de italiano no colégio.<sup>231</sup>

Desde que começou a funcionar, o curso de italiano teve, num primeiro momento, sua matrícula crescente. Nos últimos anos, porém a matrícula tem decaído. Valdirene Dallabrida, professora do curso desde o início me informou que:

os alunos buscavam matricular-se por afinidade, por ser mais fácil de aprender. Também por incentivo das famílias embora eu sinta os adolescentes desmotivados apesar de terem potencial não se importam muito com seu futuro. Minha sugestão é que o italiano seja oferecido como curso extraclasse ou que se dê continuidade no 2º Grau pois seguindo a tendência das matrículas o curso tende a se acabar. A implantação de uma escola bilíngüe também poderia resolver a situação. Sobre isso há um projeto do consulado italiano com o governo do Estado para implantar escolas bilíngües, refazendo a experiência que já existiu no passado em Santa Catarina.<sup>232</sup>

Perguntada sobre o método e material usado nas aulas foi possível perceber o interesse do consulado italiano de Curitiba:

No início não havia nada de material. A província de Trento forneceu material porque o governo do Estado não forneceu material nenhum. Hoje tenho o apoio CCI Paraná e Santa Catarina (Centro de Cultura Italiana) através do Consulado de Curitiba. Eles têm dado todo o apoio com cursos com professores vindos da universidade de Perugia. Trabalho com um livro feito por uma professora de Perugia intitulado *Per i Ragazzi Brasiliani*. Recebi um diário de sala a mais em Curitiba, todo em italiano onde só falta o tipo sanguíneo (risos) que depois de preenchido é enviado para Roma. Dá um trabalho danado para preencher! Acredito que seja para ver como o trabalho está andando e para prestação de contas do dinheiro que é investido.<sup>233</sup>

<sup>231</sup> Programação do desfile do Colégio Francisco Mazzola na festa Incanto Trentino de 1998, p.5.

<sup>232</sup> DALLABRIDA, Valdirene. Professora de italiano em Nova Trento desde 1997. Entrevista realizada e anotada no dia 23.05.03.

<sup>233</sup> Idem.

A matrícula no curso de italiano, desde sua fundação, tem oscilado e decrescido nos últimos três anos conforme atesta o quadro abaixo. Uma das justificativas foi a implantação do sistema de fases no Ensino Médio no ano 2000. Naquela data todos os alunos tiveram a matrícula obrigatória no curso. Na fase seguinte foi oferecido o curso de inglês. A descontinuidade gerada, segundo a professora, tem desmotivado os pais e as crianças a optar pela língua italiana no Ensino Fundamental. A abertura do Colégio municipal no bairro Trinta Réis também diminuiu a frequência dos alunos provenientes de bairros do interior e que tinham mais afinidade com a língua italiana. Soma-se a isto os questionamentos dos alunos quanto ao caráter utilitário da língua na disputa por posições no mercado de trabalho.

**Tabela V**

Matrículas curso de italiano - Colégio Francisco Mazzola – 1997 -2003

<b>Ano</b>	<b>1997</b>	<b>1998</b>	<b>1999</b>	<b>2000</b>	<b>2001</b>	<b>2002</b>	<b>2003</b>
<b>Nº alunos</b>	264	325	355	432	291	149	103

Fonte: Secretaria da Escola de Educação Básica Francisco Mazzola

Foi também no espaço escolar que foram criados os grupos de dança folclórica, coral infante juvenil, a Gincaliana (gincana italiana) sempre com o intuito de *resgatar e preservar* (grifo meu) a cultura dos antepassados. A pergunta que faço é: qual momento do passado foi selecionado para ser resgatado e preservado na cultura de Nova Trento?

Investimentos no resgate da *cultura italiana* também estão presentes na Lei Orgânica do Município. No capítulo VI que versa sobre a cultura, a Educação e o Desporto, a preocupação em preservar, resgatar, proteger, apoiar, incentivar e difundir a identidade e a memória neotrentina, leia-se trentina ou italiana, é objeto de lei:

Seção I - Da Cultura

Art. 168. O município estimulará o desenvolvimento das ciências, das artes, das letras e a cultura geral.

Parágrafo Único. A política cultural do município de Nova Trento será definida com ampla participação popular, baseada nos seguintes princípios:

I - Incentivo e valorização de todas as formas de expressão cultural.

II - Proteção das obras, objetos, documentos, monumentos e outros bens de valor histórico, artístico, científico e cultural.

III - Preservação da identidade e da memória neotrentina.

IV - Concessão de apoio administrativo, técnico e financeiro às entidades culturais, em especial a Banda Padre Sabatini e ao Circolo Trentino.

V - Criação de espaços públicos para a formação e difusão das expressões artístico-culturais.

VI - Incentivo à difusão do idioma italiano com a manutenção de cursos específicos, onde todos possam aprender ou aperfeiçoar o mesmo.<sup>234</sup>

Se por um lado existem investimentos no resgate de uma pretendida cultura italiana ou italianidade, por outro vêem-se meninos, meninas, jovens que vestem a roupa do momento, gostam beber refrigerantes ou cerveja e freqüentar as festas embaladas pela música americana na sociedade recreativa Humaitá, no bar e Boate Coliseu, no Bailão do Mayer, de andar de moto, de incrementar o carro com modernos equipamentos de som, de curtir a temporada de praia fora da cidade, de fazer incursões pelas festas noturnas dos municípios vizinhos em busca de um par sem se importar se é *brasiliiana* ou *brasilian*, de poder freqüentar algum curso universitário, etc.. Muito vagamente acenam para a cultura italiana como referencial para suas vidas, a não ser quando percebem que podem usá-la para conseguir alguma forma de retorno profissional, como a dupla cidadania. Mas ao mesmo tempo, com certa irreverência ou sem darem-se conta, utilizam palavrões e imprecisões em dialeto como: *sacramenta*, *hóspia*, *óstia*, *madonna*, *porco diaol*, *menta*, *cramãntua*...

A participação dos jovens na vida do Círculo Trentino e grupos de dança folclórica é inexpressiva e suscita freqüentes reclamações por parte das lideranças destas entidades. Das iniciativas culturais com forte tradição, a banda Pe.Sabbatini, fundada em 1898, ainda consegue atrair um número satisfatório de jovens para manter seu plantel. Mesmo assim foi necessário atualizar o repertório e introduzir instrumentos como a bateria fixa que lhe deram uma conotação juvenil.

<sup>234</sup> *Lei Orgânica do Município de Nova Trento*, 1999, p.50

A preocupação em atrair os jovens para participar das atividades culturais ligadas a tradição do passado não é atual. Em entrevista Elói Tell, ex-maestro da Banda e do extinto grupo de coral Tradição, já em 1993 dizia:

Eu gostaria de saber porque essa juventude não vem participar, não demonstra interesse. E não é só a mocidade. O que está acontecendo? Somos suicidas ou assassinos de nossas tradições, de uma quase nenhuma cultura da nossa história. (...) Estamos afastados uns dos outros e estamos nos afastando cada vez mais. A que estamos reduzidos? Discotecas? Bares? Botequins e bodegas? Vinicius de Moraes disse em poesia o que aqui serve na medida: ‘bares repletos de homens vazios.’<sup>235</sup>

Se tivesse dependido processo de nacionalização imposto pelo Estado, a diversidade cultural dos imigrantes que vieram fundar a *Nova Trento* teria sido apagada. Deduzo que a manutenção das muitas características culturais foram asseguradas em virtude das negociações cotidianas no trato com as imposições estatais. Os imigrantes e seus descendentes criaram artifícios que, de acordo com a conveniência, foram usados e produziram neste exercício uma terceira cultura. Do tráfego na via de mão dupla entre discursos e práticas restaram, para quem quiser fazer o inventário, uma gama de características culturais que escaparam dos ideais republicanos de criar uma nação genuinamente brasileira. No entender de Eni Orlandi<sup>236</sup> o Estado propiciou uma política das invasões, de processos de oficialização, de campanhas de educação, que reconhecendo as diferenças procurou apagá-las. O processo de apagamento gerou censura, resistência, “migração de sentidos, transferências obrigadas.”

Hoje, no torvelinho da globalização, os investimentos em preservar as tradições ou o dialeto sugerem, sem o devido questionamento, que no passado estão as raízes que ressignificariam o presente. A escolha por determinado momento do passado merece atenção, pois o recorte de tempo que contempla o uso do dialeto e seu entorno, também deve ser

---

<sup>235</sup> *Novo Jornal*, Novembro de 1993. p.24.

<sup>236</sup> ORLANDI, Eni Pulcinelli. Identidade lingüística escolar. In: SIGNORINI, Inês (org.). *Língua(gem) e Identidade*. Elementos para uma discussão no campo aplicado. Campinas, SP: Fapesp, Faep/Unicamp, Mercado das Letras, 1998, p.205.

analisado como movimento. Torna-se, portanto, oportuno questionar sempre por quem é feita esta seleção e para que fins se destina. Uso aqui a analogia da ponte para explicar esse movimento. A ponte é uma construção que tem uma finalidade específica: unir dois extremos. Porém outros significados são elaborados na sua pista de trânsito. No restrito espaço de circulação, ladeado pelo abismo, terreno movediço ou águas, acontecem encontros, desencontros, acidentes, interrupções, paradas panorâmicas, chegadas e partidas. Ponte é lugar de trânsito não de morada (ressalvados os moradores de pontes que, mesmo assim, as habitam nos locais não transitáveis para não sofrer a ação de remoção dos transeuntes).

A escola também foi e é um destes lugares de movimento. Ela não foi a única peça da engrenagem a dinamizar a mudança identitária dos neotrentinos. Foi sim, um terreno fértil onde os interesses de diversos setores da sociedade foram manifestados, na concretude, da vida de muitos meninos, meninas, professoras e professores, contribuindo para construção de um perfil identitário hoje entendido como típico italiano.

.



## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Volto à estória de escolher. Durante o discorrer desta dissertação vi-me diante de opções à medida que as fontes dispunham-se para o diálogo. A dificuldade de dar continuidade ao trabalho não se encontrou na variedade das fontes. Muito pelo contrário, foi a certeza de que a vida é mais colorida do que aparenta ser que me fez parar, observar certos cenários, refazer as malas, e seguir a diante. Nestas paradas vi que nem tudo é teorizável e nem tão pouco próprio para ser dissecado e esquadrinhado numa dissertação. A vida segue um curso próprio recheado de nuances que escapam a qualquer tratado. Vi-me no meio desta selva tendo que percorrer picadas ora já abertas, ora por abrir. De Nova Trento muito já se falou e se escreveu. Acredito ser um dos municípios catarinenses que tem um dos maiores acervos de trabalhos versando sobre sua história. Seguindo vertentes diferentes estes estudos ou narrativas foram conduzidos por interesses ora voltados para a religião, ora a política, ora a fins acadêmicos. Perpassa estes escritos a idéia da existência de uma população de descendência múltipla – italianos não só do Trentino mas de tantas outras regiões, da Polônia, da Alemanha, do nordeste brasileiro- que iniciaram a formação de uma cidade no final do século XIX as margens do ribeirão Alferes e Rio do Braço. A população da cidade mesclou-se a ponto de termos um tipo que não responde por uma linhagem pura que possa ser evocado para ser uma matriz de onde se poderá reproduzir os cidadãos típicos, ideais para atender os interesses do momento.

No percurso da construção da identidade italiana pretendida para Nova Trento é preciso atentar para os contornos que seguem *pari passu* com o momento em que certas escolhas foram feitas. Os três momentos selecionados para ilustrar a argumentação desta dissertação apontaram alguns caminhos de discussão que permitem entender que não é possível tentar visitar o passado das pessoas e da cidade sem levar em consideração a

existência de conflitos e possibilidades inerentes àquele cotidiano. Aponta também para a dificuldade de se construir um conceito de identidade estável quando seus pressupostos são buscados na transitoriedade.

Querer enxergar o italiano de hoje como reflexo daquele que já existiu constitui-se num entrave para a problematizar os discursos naturalizadores provenientes da persuasiva linguagem jornalística e publicitária que, em geral, subsidia a justificação de interesses que buscam no passado elementos para justificar posturas identitárias no presente. Generalizações de termos como *italiano*, *típico*, *colonial*, *nossas raízes*, etc, capitaneiam a marcha de construções discursivas que movimentam o turismo, institucionalizam centros de tradição e dão a entender que *ter raízes*, *sangue*, *dupla cidadania*, é ser distinto e melhor qualificado diante do *outro* que passa a existir discursivamente no momento em que o *nós* é construído.

Atenção especial deve-se dar para as perguntas que considero fundamentais: a quem interessa construir o autêntico italiano? Que italiano se pretende? Para que fins? Em quais espaços se investe para que esta construção tome forma? Que ciladas se ocultam neste processo? Na dissertação, aponte algumas vertentes de interesses com os conflitos e negociações que emergiram na cotidianidade da cidade.

Num primeiro momento o governo imperial deixou claro suas pretensões e decepções com o imigrante italiano desejado. Conflitos internacionais e políticas internas de nacionalização acentuaram a descaracterização identitária dos emigrados intimidando, silenciando suas manifestações e educando-os para assumir uma outra postura. Sua revalorização será buscada no início da década de 1970 com o centenário da imigração italiana. A aparição oficial da Província Autônoma de Trento, em 1975, marcou o fim do período de um século de ruptura com seus emigrados. O Circolo Trentino, baluarte da defesa da tradição costumes trentinos, representado por forças conservadoras intermediaram os investimentos da Província na cidade.

A invenção das festas de outubro, na década de 1980, folclorizando as diferenças culturais abriram caminho para a elaboração de rotas de turismo em Santa Catarina tendo como produto principal de consumo a “venda” daquilo que foi caracterizado como típico. Nova Trento foi envolvida neste comércio como “terra dos pedreiros”, “celeiro de vocações”, “terra do vinho”. Mais recentemente, o processo de beatificação de madre Paulina tornou-se a peça publicitária que busca no passado a caracterização dos neotrentinos como povo profundamente religioso e denominado a cidade como um “pedacinho da Itália no sul do país”<sup>237</sup>.

Na sinuosidade deste trajeto, vivenciando o cotidiano, é importante lembrar que estão as pessoas que habitam Nova Trento na atualidade. A cidade não parou no tempo. Um passeio pela cidade hoje revela-a como uma cidade relacional que recebe romeiros e turistas. Há uma cultura local presente e investimentos na indústria do turismo. A cidade passa por um processo educativo novo que induz a formatação de uma outra identificação identitária de seus moradores. Os “conforti” trazidos pela popularização das inovações tecnológicas estão presentes na cidade e fazem parte da vida das pessoas. Antenas parabólicas estão por toda a parte, inclusive nas localidades mais distantes do interior da cidade. A internet é acessada por boa parte da juventude. A moda e outros bens de consumo dos *shopping* das capitais chegam quase que simultaneamente as prateleiras das lojas da cidade.

Buscar o *típico* italiano neotrentino num mundo que globalizou a economia e a prestação e serviços é tarefa deveras difícil e me atrevo a dizer impossível. Em função da complexidade que envolve esta temática, considero pertinente trabalhar com pressupostos flexíveis sob a pena de recriação de figuras pitorescas, estereotipadas, imagens pálidas de um

---

<sup>237</sup> O dizer é a chamada da segunda parte do mais recente folder (4 páginas) de divulgação da cidade patrocinado pela prefeitura municipal de Nova Trento, SANTUR (órgão Oficial de Turismo) Secretaria de Estado da Organização do Lazer, Governo do Estado de Santa Catarina, que resgata o slogan: Santa e Bela Catarina. A frente o folheto traz o mapa do Estado contornado pelas contas de um rosário que separa os cinco mistério do terço com a imagem de Madre Paulina. Discretamente ao pé do mapa as inscrições: “Visite Nova Trento, em Santa Catarina. Terra da primeira santa do Brasil.”

passado que foi importante para aquele momento mas que hoje está em outra fase no contínuo dialetismo da vida. Este movimento justifica a indignações como a de Ademar Prada citado no primeiro capítulo: “Nós somos todos neotrentinos. Trentinos foram nossos primeiros desbravadores que tiveram que destruir para construir. Este tempo já passou. Vivemos no limiar de um novo século. De um novo milênio”.<sup>238</sup>

---

<sup>238</sup> *Novo Jornal*. Nova Trento, n°18, 22/09/95. p.06

## FONTES

### a) Oraís:

Altair Orsi, 48 anos, entrevista concedida ao autor em Nova Trento, em junho de 2003.

Elias Minatti, 55 anos, entrevista concedida ao autor em maio de 2003.

José Marchiori, 61 anos, entrevista concedida ao autor em maio de 2003.

Virgílio Darós, 49 anos, entrevista concedida ao autor em maio de 2003.

Selma Cipriani, 62 anos. Entrevista informal cedida em sua casa no bairro Mato Queimado, Nova Trento em 29 de junho de 2003.

Valdirene Dallabrida. professora de italiano desde 1997. Entrevista realizada e anotada no dia 23.05.03.

### b) Impensas:

#### b. 1. Jornais:

A Notícia, 14/10/1988.

*Diário Catarinense*. Os Governadores de Santa Catarina. Florianópolis, 25 de novembro de 1993.

*Diário Catarinense*. Marketing Cultural. Cultura, Economia e Sociedade. Curso de Aprimoramento Profissional. Ensino a Distância. FIESC/SENAI/DIÁRIO CATARINENSE – 1º fascículo 19.06.2002

*Diário Catarinense* Especial, Florianópolis, 03/06/1990.

*Diário Catarinense*, Florianópolis, 06/04/1999.

*Diário Catarinense*, Florianópolis, 21/08/1988.

*Diário Catarinense*, Florianópolis, 24/08/1986.

*Diário Catarinense*, Florianópolis, 28.03. 03, sexta feira.

*Informativo da Paróquia São Virgílio*, Nova Trento, maio de 1988.

*Informativo da Paróquia*, Nova Trento, janeiro de 1989.

*Jornal de Santa Catarina*, Blumenau, 14/07/1975.

*Jornal de Santa Catarina - Centenário de Rodeio*. Blumenau, 30/10/75.

*Jornal de Santa Catarina*, Blumenau, 13/07/1982.

*Jornal de Santa Catarina*, Blumenau, 14/07/1975.

*Jornal de Santa Catarina*, Blumenau, 21/05/1975.

*Jornal Lar Católico*, 12.01.1975.

*Jornal O Despertador*. Desterro 09/04/ 1878.

*Jornal O município*, Brusque 14/09/2001.

*Jornal O município*, 27/12/1996.

*Jornal O Estado*, Florianópolis, 15/04/1984.

*Jornal Pastorais em Ação*. Nova Trento, dezembro de 1999.

*Novo Jornal*, Nova Trento, outubro 1993, n° 2.

*Novo Jornal*, dezembro 19983, n° 5.

*Novo Jornal*, janeiro 1994, n° 8.

*Novo Jornal*, maio de 1994, n° 14.

*Novo Jornal*, abril de 1994, n° 13.

*Novo Jornal*, Junho 1994, n° 16.

*Novo Jornal*, Nova Trento, n°18. 22/09/95.

## **b. 2. Revistas e outros periódicos**

Anuário *Inaciano*, Porto Alegre, Gráfica Metrópole , 1957.

Edição comemorativa aos cem anos da imigração dos municípios de Rodeio, Rio dos Cedros, Nova Trento e Caxias do Sul e Bento Gonçalves

Revista *Colors* Oliviero Tocani (editor), Milão, dez.95-fev. 96 n.13.

*Revista do Sul*, 1975.(sem informações completares por tratar-se de um recorte)

Revista *Manchete*, Rio de Janeiro, Bloch Editores SA. N°2.061, ano 40,12. 10.1991.

Revista *National Geographic*. Março 2003.

Revista *Synodo Diocesano*. 1910. Carta Pastoral, D.João Becker, 12.10.1910.

Revista *Trentini Nel Mondo*, nº2, fev.1997.

\_\_\_\_\_ La Stória Legendária Dei Trentini in Brasile, Trento, abril de 1975.

Revista *Trentino Emigrazione*, nº 10, julho-setembro, 1998.

### **b.3. Livros de registro e de legislação:**

Cartas Anuais n. 929 da casa dos Jesuítas de Nova Trento, 1918 Arquivo da Província Brasil Meridional Soc. Jesus, Porto Alegre.

Chefes de Polícia ao Presidente da Província, 18.07.1878. Arquivo Público do Estado (APESC).

Correspondência do Presidente da Província ao Ministro da Agricultura 1878. APESC.

Correspondência do Ministro da Agricultura ao Presidente da Província 1878. APESC.

Correspondência dos Arciprestes e Vigários para o Presidente da Província, 1878-83. APESC.

História Domus, Nova Trento 1918. Arquivo da Província Brasil Meridional, Porto Alegre.

Inspetoria de Instrução Publica: Regulamento Geral da Instrução Publica, Imprensa Oficial, Florianópolis, 1914.

Lei orgânica do Município de Nova Trento,1999.

Livro das Filhas de Maria, Paróquia de Nova Trento, 24, julho de 1921.

Ofícios de Arciprestes e Vigários ao Presidente da Província, 1876-1877, APESC.

Ofícios Diversos ao Presidente da Província, 1878. APESC.

Ofícios do Presidente da Província. 17/07/1878. APESC.

Ofícios Presidência da Província com o Ministério da Agricultura, Departamento de Terras e Colonização, 1878- 1880.

Regulamento das Colônias do Estado. Decreto Imperial nº 3784 de 19 de janeiro de 1867. APESC.

Relatório do Presidente da Província em 02.01.1877, APESC.

Segundo Livro da Crônica de 15.09.1943 até 1963, Valada do Salto. Capela do Salto.

**b.4. Folders e folhetos:**

Programação do desfile do Colégio Francisco Mazzola na festa da Incanto Trentino de 1998.

Folheto de Lembrança da Santa Missão, pregada pelo Frei Modestino, da Ordem Franciscana Maior. Impresso em Joinville em 18 de agosto de 1932. Arquivo pessoal do autor.

Folder Secretaria Municipal de Turismo, 2001.

Calendário do município de Nova Trento, 2002 e 2003. Edição a Secretaria Municipal de Turismo.

**c) Eletrônicas:**

IBGE censo 2000 In: [www. Ibge.gov.br](http://www.ibge.gov.br)

[http://www.trentinocultura.net/radici/identita/come\\_siamo/tipo\\_trentino\\_h.asp](http://www.trentinocultura.net/radici/identita/come_siamo/tipo_trentino_h.asp), Capturado no dia 29.08.02

Página da Secretaria Municipal de turismo. In: [www.novatrento.com](http://www.novatrento.com), consultada em 22.10.2003

**d) Musicais**

RAMAZZOTTI, Eros. *Cara Prof.* (música). In: In ogni senso. BMG, 1990.

DALLA, Lucio. *Cosa sarà.* (música). In: The best of Lucio Dalla. BMG, RCA, 1989.

GREGORI, Francesco de. *Búfalo Bill* (música). In: Live Álbum, Serraglio Edizioni, Itália, 1997.

**e) Filmes**

Antes da Chuva (Before The Rain,) Direção: Milcho Manchevki. Macedônia: Polygram Filmed Entertainment), 1994.

**f) Iconografia**

BOSO, Maria Ivete. O casal Degasperi, figura n.4B

CADORIN, Jonas (arquivo pessoal). Cartaz comemorativo aos cem anos de imigração italiana em Nova Trento, Rodeio e Rio dos Cedros, 1975, figura n.1.

\_\_\_\_\_ Cartaz comemorativo aos cem anos de imigração italiana em Nova Trento, 1975, figura n.2.

\_\_\_\_\_ Família de Giovanni Marchi, figlio di Raimondo Marchi, figura n. 3.

\_\_\_\_\_ Procissão defronte a antiga igreja matriz de Nova Trento, figura n.4A

\_\_\_\_\_ Folder em formato de cruz. Turismo da fé, figura n. 8.

\_\_\_\_\_ Abertura da estrada da Colona, figura n. 9.

\_\_\_\_\_ A morte do pecador, quadro, figura n. 10.

\_\_\_\_\_ Alunos da escola do distrito de Carafba, figura n. 11.

\_\_\_\_\_ Professores religiosos e leigos, 1965, figura n. 12

\_\_\_\_\_ Trajes típicos da região do Trentino-Itália, figura n.5.

DARÓS Ademar. Os italianinhos, figura n. 6

\_\_\_\_\_ Os Batuskelas, figura n. 7

## BIBLIOGRAFIA

ABDEMALEK, Sayad. *A imigração*. São Paulo: Edusp, 1998.

ALMEIDA, Maria Hermínia Tavares de.& WEIS, Luiz. *Carro-zero e pau-de-arara: o cotidiano da oposição de classe média ao regime militar*. In: SCHWARCZ, Lilia Moritz (org). *História da vida privada no Brasil: contrastes da intimidade contemporânea*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

ANDERSON, Benedit *Nação e consciência Nacional*. Tradução de Lólio de Oliveira. São Paulo: Ática, 1989.

ANSART, Pierre. História e memória dos ressentimentos. Tradução de Jacy Alves Seixas. In: *Memória e (res)sentimento: indagações sobre uma questão sensível*. BRESCHIANI, Stella & NAXARA Márcia (orgs). São Paulo: Ed. Da UNICAMP, 2001.

AZEVEDO, Ferdinand S.J. *O missionário como Imigrante: o Pe. João Maria Cybeo, S.J.* In: Revista do Instituto Histórico e Geográfico de Santa Catarina. Florianópolis, Imprensa Universitária, n.8, 1988-1989.

BAGNO, Marcos. *Preconceito Lingüístico. O que é, como se faz*. São Paulo: Ed. Loyola, 5. ed. 2000.

BOLAFFI, Gabriel. *A Saga da Comida. Receitas e História*. Rio de Janeiro: Record, 2000.

BORDIEUX, Pierre. *A economia das trocas lingüísticas: o que falar quer dizer*. São Paulo: Edusp, 1998.

BORINELLI, Luiz. Memórias. In: PIAZZA, Valter Fernando. *Nova Trento*, 1950.

BOSO, Ivete M. *Noialtri chi parlen tuti em talian: dialetti trentini in brasile*. Trento: Museo Storico in Trento, 2002.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. *Identidade e etnia. A construção da pessoa e resistência cultural*. São Paulo: Brasiliense, 1986.

CADORIN, Jonas. Ad Miorem Dei Gloriam- jesuítas e trentinos em Nova Trento. In : DE BONI, L.A. (org.). *A Presença Italiana no Brasil*. Porto Alegre: Edições EST; Torino, Fondazione Giovanni Agnelli, 1996.

CANCLINI, Nestor Garcia. *Culturas híbridas*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1998.

CERTEAU, Michel. *A Invenção do cotidiano (Artes de fazer)*. Tradução de Efraim Ferreira Alves. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 1994.

CHAUÍ, Marilena de Souza. Os trabalhos da memória. In: BOSI Ecléa. *Memória e sociedade: lembrança de velhos*. 2.ed. São Paulo: Edusp, T.A. Queiroz, 1987.

CIPRIANI, Maria de Lourdes Tamanini. *Representações sociais e perspectivas de vida de mulheres fumicultoras: articulando gênero e trabalho*. Florianópolis, 1998. Dissertação (Mestrado em Educação) Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis.

CONTI, Servilio Dom. *O santo do dia*. 3.ed, Petrópolis: Vozes, 1986.

CUBAS, Caroline Jaques et alli. *Sacramenta! Eu não quero que ninguém fale italiano*. In: *Revista Contrapontos*, Itajaí: Ed. UNIVALI, jul/dez. 2001.

DALLABRIDA, Norberto. Catolicismo de Imigração e Conflitos Ítalo-Germânicos. In: FERREIRA, C. et all (org.). *Visões do Vale: perspectivas historiográficas recentes*. Blumenau: Editora Nova Letra, 2002.

\_\_\_\_\_. *Escolas Italianas: resistência e Italianidade*, 2003. Trabalho apresentado no II Seminário Internacional Educação Intercultural, Gênero e Movimentos Sociais, Florianópolis 8 a 11/04/2003.

ECO, Umberto. *O nome da rosa*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986.

FAUSTO, Boris. Imigração: cortes e continuidades. In SCHWARCZ, Lilia Moritz (org). *Historia da vida privada no Brasil: contrastes da intimidade contemporânea*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

FAVERI, Marlene de. *Memórias de uma (outra) guerra*. Cotidiano e medo durante a Segunda Guerra em Santa Catarina. Florianópolis, 2002. Tese (Doutorado em História). Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis.

FLORES, Bernadete Ramos. *Oktoberfest*. Turismo, festa e cultura na estação do chopp. Florianópolis: Letras contemporâneas. 1997.

FONTINHA, Rodrigo. *Novo Dicionário Etimológico da Língua Portuguesa*. Editorial Domingos Barreira. Porto. Sem data.

FOUCAULT, M. *As palavras e as coisas: uma arqueologia das ciências humanas*. 3.ed. São Paulo: Martins Fontes, 1985.

FRANCHINI, Ângelo. *Historias de Pedra*. ímentadas por Mauro Néri. Prov. Autônoma de Trento 1996.

FRANZINA, E. *La Grande emigrazione*. L'Esodo dei rurali dal Veneto durante il Secolo XIX. Milano: Marsilio Editori, 1976.

GIRON, Slomp Loraine & BERGAMASCHI, Heloisa Eberle. *Colônia: um conceito controverso*. Caxias do Sul: EDUCS, 1996.

GRANDI, Casimira. Do país da Penúria: Ambiente, População e Sociedade no País de Proveniência (1874-1914) In: *Revista Alcance (História) – Itajaí – Ano VIII-n.6 p.9-25 nov. 2001*.

GROSSELLI, Renzo. *Vencer ou Morrer*. Camponeses Trentinos (Vênets e Lombardos) nas florestas Brasileiras. Florianópolis: Editora da UFSC 1987.

HALBWACHS, Maurice. *A memória coletiva*. Tradução de Leon Shaffter. São Paulo: Vértice, Editora Revista dos Tribunais Ltda, 1990.

HALL, Stuart. *A centralidade da cultura*. Notas sobre as revoluções culturais do nosso tempo. Revista Educação e Realidade, Porto Alegre: jul./dez. 1997.

\_\_\_\_\_. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Tradução: Tomaz Tadeu da Silva, Guacira Lopes Louro – 3. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 1999.

\_\_\_\_\_. Quem precisa da identidade? In: Silva, Tomaz Tadeu da. (Org.) *Identidade e diferença: perspectivas de estudos culturais*. Petrópolis: Vozes. 2000.

HOBSBAW, Eric & RANGER, Terence. *A invenção das tradições*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1985.

JAMUNDÁ, Teobaldo Costa. *Catarinensismo*. Florianópolis: Ed. UDESC-Edeme, 1974.

JUNIOR RIBAS, Salomão (org) *Aspectos econômicos e sociais de Santa Catarina: concursos vestibulares e Carta aos Catarinenses*. Florianópolis: Editora Lunardelli, 1982.

LEDRA, Victorio. *Cancioneiro do Imigrante Italiano*. Brusque: Edição da Gráfica Mercúrio Ltda, 1975.

LENARD, Andrieta. *Lealdade lingüística em Rodeio (SC)*. Dissertação (Mestrado em Letras), Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 1976.

MANFROI, Olívio. *A colonização italiana no Rio Grande do Sul*. Porto Alegre: Grafosul/IEL, 1975.

MENEZES, Lená Medeiros de. Desordeiros e contestadores italianos na cidade do Rio de Janeiro (1907/1930). In: DE BONI, Luis, A. (org.). *A Presença Italiana no Brasil*. Porto Alegre: Edições EST; Torino: Fondazione Giovanni Agnelli, 1996.

MICELI, Sergio. *A elite eclesiástica brasileira*. Rio de Janeiro: Ed. Bertrand Brasil, 1988.

MOSER, Anita. *A violência do Estado Novo contra os “coloni” descendentes de italianos em Santa Catarina*. (Um estudo Interdisciplinar sobre a identidade étnica e a violência do Estado). Progressão Vertical – Departamento de Ciências Sociais, Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis, 1995.

OLIVEIRA, Lucia Lippi. *O Brasil dos Imigrantes*, Rio de Janeiro: Jorge Zahar. Ed. 2002.

PIAZZA, Walter Fernando. *Nova Trento*. Florianópolis, 1950.

POUTIGNAT, Philippe. & STREIFF-FENART, Jocelyne. *Teorias da Etnicidade*, seguido de Grupos Étnicos e Suas Fronteiras de Fredrik Barth. São Paulo: Ed. UNESP, 1998.

- RADIN, José Carlos. *Italianos e Ítalo-brasileiros na Colonização do Oeste Catarinense*. 2. ed. Joaçaba; Edições UNOESC, 2001.
- RIBEIRO, Darcy. *O Povo Brasileiro: a formação e o sentido do Brasil*. 2.ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.
- SANTOS, Nélvio Paulo Dutra. *Trentinos em Nova Trento: a evolução econômica de Nova Trento 1875 – 1960*. Dissertação (Mestrado em História) UFSC, Florianópolis, 1993.
- SANTOS, Theobaldo Miranda. *Vamos Estudar? 3ª Série Primária, Edição especial para o Estado de Santa Catarina*. Rio de Janeiro: Livraria Agir editora, 1959, 6ª edição.
- SCOTT, Joan W. Experiência. In: SILVA, A.L. da, et all. (org.) *Falas de Gênero: Teorias, Análises, Leituras*. Florianópolis: Editora Mulheres, 1999.
- SEYFERTH, Giralda. Colonização e conflito: estudo sobre motins e desordens numa região colonial de Santa Catarina no século XIX In:TAVARES, Vicente José.(org.). *Violências no Tempo da Globalização*, Jose Vicente Tavares (Org.) SP. HUCITEC, 1999.
- SOUSA SANTOS, Boaventura. *Modernidade, identidade e a cultura de Fronteira*. In: *Revista de Ciências Sociais*, n.35, dez. 1993.
- SOUZA, Octavio. *Fantasia de Brasil*. As identificações na busca da identidade nacional. São Paulo: Escuta, 1994.
- TOMAZONI, J.C. A História da TV Coligadas de Blumenau. In: *Impressão de Jornalista: a arte de contar história*. SOUZA C.A. de, SILVEIRA J. C. da (org).Itajaí, Ed. UNIVALI, 2001.
- TRENTO, Ângelo. Miséria e esperanças: a imigração italiana para o Brasil: 1887-1902. In: ROIO DEL, José Luiz.(org). *Trabalhadores no Brasil: imigração e industrialização*. Tradução de Ivan Esperança Rocha. São Paulo: Ícone/Edusp, 1990.
- VARELA, Julia, URÍA, Alvarez Fernando. *Arqueologia de la Escuela*. Las Ediciones de La Piqueta, Madrid, 1991.
- WOODWARD, Kathryn. Identidade e diferença. Uma Introdução teórica e conceitual. In: SILVA, Tomas Tadeu da.(Org). *Identidade e diferença*.Petrópolis: Vozes. 2000.